

Luiz Erlon Araújo Rodrigues

Pano de fuxico

Histórias de uma vida cerzida a pontos largos



Salvador, Bahia, 2015



O autor é médico pela Universidade Federal da Bahia (1965), fez Curso de Especialização em Enzimologia na Universidade da Califórnia - Los Angeles (UCLA - 1968) e Doutorado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia em 1986. Fez Pós-doutorado em Enzimologia e Microanálises nas Universidades de Paris XII (Créteil, 1987) e XIII (Bobigny, 2001), França. Atualmente é Professor Emérito da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, onde atua como Professor Titular de Bioquímica Médica. Ademais, é Professor Titular aposentado da Disciplina de Patologia Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da

Luiz Erlon Araújo Rodrigues

Pano de Fuxico

Histórias de uma vida cerzida a pontos largos

Salvador-Bahia
2015

Digitação:
Luiz Erlon Araújo Rodrigues

Revisão:
Luiz Erlon Araújo Rodrigues

Projeto Gráfico
Ernesto Oliveira

Foto da Capa:
Luiz Erlon Araújo Rodrigues

G99 Rodrigues, Luiz Erlon Araújo

Pano de fuxico: Histórias de uma vida cerzida a pontos largos –
Salvador: Press Color, 2015.
212p.

ISBN 978-85-89810-78-4

1. Histórias de uma vida cerzida – 2. Histórias Autobiográficas –
I. Título.

CDD 981.42

CDU 94(813.8)

PRESS COLOR GRÁFICOS ESPECIALIZADOS LTDA.

CNPJ 16089567/0001-16

Rua Waldemar Falcão, 335 - Brotas - CEP 40285-885 - Salvador-BA

Tel.: 71 3418-6300 • www.presscolor.com.br • e-mail: presscolor@presscolor.com.br

Dedico este “Pano de Fuxico” à Fátima (querida e afetuosa esposa) aos queridos filhos (Erlon, Erlana, Marla, Clara e Marina), à Suely (dileta irmã) aos netos (Daví e Olívia, assim como a um outro, bem-vindo, ainda sem nome, mas em fase de organização biológica e vida intrauterina.

Prefácio

A originalidade do título, *Pano de Fuxico – Histórias de uma vida cerzada a pontos largos* – remete de pronto a uma das principais características do autor: sua própria originalidade!

Igualmente, também revela seu talento pela propriedade em recorrer a este elemento da tradição do artesanato nordestino para designá-la. O fuxico consiste em pequenas trouxas de pano, obtidas do aproveitamento de retalhos cortados em círculos e costurados em peças com feições de botões que unidos uns aos outros com simetria e pontos largos (passos largos...), cores, motivos e texturas diferentes, formam colchas, toalhas, almofadas, capas de mobiliários e roupas.

Assim é este livro. Um texto autobiográfico não subordinado à disciplina de uma organização capitular, mas compartimentado em contos, individualizados por enredos, cenários e personagens reais, que se atam pelo fluir natural da vida biografada, diferenciados, às vezes, por saltos mais largos decorrentes do inesperado desta própria vida.

Sua leitura é interessante e agradável, pois que o autor narra essas reminiscências, como chama, com natural sentimento, mas agregando-lhes a crítica enriquecida pela sua ampla cultura, inteligência e senso de humor.

Como ele mesmo prevê, o leitor vai descontrair e rir, especialmente de situações claramente inusitadas.

O que aqui se narra refere-se à sua infância, adolescência e

juventude. Considero o primeiro tomo de sua biografia, encorajando-o desde já a prosseguir.

Na verdade, temos perigosamente nos afastados dos caminhos da meritocracia, que edificaram as grandes nações e as sociedades mais desenvolvidas. Nesta direção, vale concluir apontando o que há de mais importante nesta obra.

Num dos interessantes episódios, o autor, como apenas 8 anos, foi submetido a uma sabatina pública de conhecimentos para recuperar a injustiça de uma avaliação escolar. Relata que ali teria sido o seu primeiro concurso público, acrescentando não imaginar que muitos outros lhe esperavam no desenrolar da vida. Efetivamente, foram muitos outros igualmente exitosos.

Pena que o leitor ainda não disponha da continuidade desta autobiografia!

Mas se consultar os dados curriculares do autor, constatando suas qualificações acadêmicas, científicas e os sodalícios que integra, e confrontá-los com as dificuldades de sua trajetória escolar, aqui relatadas, pode ver que tem em mãos a biografia de uma vida que se constitui numa afirmação do mérito!

Encerro ressaltando uma das mais valiosas mensagens desta obra: a importância da FAMÍLIA na educação e formação integral do indivíduo, ainda que os seus ascendentes sejam iletrados ou de pouca instrução.

Rogério Vargens

Ex-Reitor da Universidade Federal da Bahia

Sumário

<i>Primeiro Fuxico</i>	
A dura luta pela sobrevivência	11
<i>Segundo Fuxico</i>	
As agruras do aprender a ler	25
<i>Terceiro Fuxico</i>	
Construção do jovem caráter, longe da família e perto dos cascudos dos mais fortes	35
<i>Quarto Fuxico</i>	
Ademir (Didi) meu primo-irmão, figura do cão vestido de gente ...	46
<i>Quinto Fuxico</i>	
“Não cai”, meu amigo índio	64
<i>Sexto Fuxico</i>	
Os empregados da “A Violeta”	74
<i>Sétimo Fuxico</i>	
Meus amigos da infância e adolescência	90
<i>Oitavo Fuxico</i>	
Inauguração do Campo de Aviação e o Jornal da Vila	121
<i>Nono Fuxico</i>	
Estripulias perigosas	135
<i>Décimo Fuxico</i>	
Entes exóticos	149
<i>Décimo Primeiro Fuxico</i>	
Tio João Caboronga	199

Todos nós, enquanto vivemos, costuramos uma colcha de retalhos cerzindo, a cada momento, pedacinhos de panos de diferentes formas, texturas e cores e que no final, cada qual costurou um fuxico que levará consigo para a eternidade. As lembranças ficam naqueles que participaram dos diferentes momentos, trocando pedacinhos de panos. O tempo, senhor de tudo, vai esmaecendo cada uma dessas lembranças e, no final tudo se acaba ou se transforma em outras colchas de retalhos...

Primeiro fuxico

A dura luta pela sobrevivência

Nasci numa ponta de rua da recém-emancipada cidade de Itabuna, precisamente na Rua da Jaqueira em 28 de agosto de 1939, hoje Bairro da Mangabinha.

Meu pai, Simplício Araújo Rodrigues, nascido em 27 de setembro de 1912, festejaria cento e três anos de existência. Ainda muito jovem e com poucos recursos, trabalhava numa espécie de armazém “A Violeta”, no arraial de Morro das Flores, distrito da cidade de Rui Barbosa onde, autodidaticamente, aprendeu as primeiras letras. Tentou fazer pelo menos o curso primário, mas o seu pai o impediu justificando que: “Não botava menino na Escola para que não aprendesse a escrever para namoradas”. Sem perspectiva de um futuro mais promissor, fugiu de casa levando duas mudas de roupas numa mala de couro que ele mesmo fabricou.

Sua viagem, antes sem um destino previamente escolhido, terminou numa pensão do porto de Ilhéus de onde, cotidianamente, saía à procura de trabalho. Nessa época a cidade de Itabuna, ligada por uma via férrea a Ilhéus, oferecia muitas oportunidades para jovens trabalhadores. Pouco tempo depois ele descia do trem em Itabuna procurando onde se estabelecer. Foi para uma das pontas de rua porque lá teria a oportunidade de encontrar um endereço mais em conta. Finalmente alugou uma casa bem modesta na Rua da Jaqueira e começou a trabalhar por conta própria pondo em prática o que aprendera na “A Violeta”.

Começou vendendo temperos verdes que colhia de uma pequena horta feita no próprio quintal, assim como carvão e alguns

alimentos básicos não perecíveis. Matava carneiros em regime de “meia”, isto é: o dono do animal dividia com ele o resultado do negócio. Como suas despesas eram mínimas, vivendo solteiro e fazendo seu próprio alimento, economizou o suficiente para voltar a Rui Barbosa, buscar sua namorada que lá ficara costurando e bordando seu enxoval, confiante que um dia ele voltaria como havia prometido.

Todos os lençóis, fronhas, colchas, toalhas, pijamas e demais panos, foram marcados com o dígrafo “SC” que deveria significar Simplício e Celicina, (verdadeiro prenome de minha mãe do qual ela não gostava). Passou a significar Simplício e Cora (apelido pelo qual ela era conhecida).

Casaram-se e viajaram, em seguida, até Salvador onde ficaram hospedados em uma das pensões ao lado do Elevador Lacerda, na cidade baixa, esperando que um navio costeiro pertencente à Firma Corrêa Ribeiro, compradora e exportadora de cacau zarpasse para Ilhéus levando-os. Entre um enjoo e outro durante a viagem, minha mãe se distraía lendo uma revista chamada “A vida doméstica” onde, em uma de suas páginas, viu a foto de um casal de crianças que se chamavam Erlon e Suely. Foi aí que ela decidiu: se tivesse um casal de filhos os seus nomes já estavam escolhidos. Meu pai concordou, parcialmente, com o nome do menino que ele gostaria que fosse o do seu pai, Luiz Antônio Rodrigues Caboronga. Depois de uma pequena discussão minha mãe concordou em aproveitar apenas o Luiz do nome do meu avô e, quando eu nasci meu prenome já estava pronto: Luiz Erlon.

Depois de desembarcarem em Ilhéus e viajarem de trem até Itabuna, finalmente começaram “a vida a dois” à moda itabunense. Meu pai na quitanda e minha mãe fazendo doces e salgadinhos para vendê-los. Lentamente, porém progressivamente, eles foram desenvolvendo o negócio até que um dia, outro quitandeiro concorrente, incomodado com o progresso da quitanda “A Violeta” denunciou meu pai à Prefeitura.

Como ele não pagava os impostos devidos foi visitado por um fiscal que o ameaçou multá-lo. Vendo que não poderia pagar tanto

dinheiro, alugou uma tropa de burros, encaixotou tudo e desapareceu, levando consigo minha mãe, minha irmã e eu, numa estrada de barro dentro da mata passando pela vila de Itaúna, hoje cidade de Itapé.

Dois dias depois, debaixo de chuvas e em cima da lama chegamos a um aglomerado de casas conhecido como Santa Rosa. Naquela época esse vilarejo só possuía seis casas de taipa. Eu tinha quatro anos e minha irmã Maria Suely, quase três.

Situada nos confins do mundo, longe de tudo, no meio da mata, Santa Rosa - segundo contam - foi fundada por dois coroneis e seus jagunços que vinham desbravando e tomando posse das terras indígenas. Um deles, o coronel Valete vinha desbravando do lado onde hoje é a cidade de Camacan. O outro, o Coronel Aires, vinha do lado de Itajú do Colônia. Encontraram-se onde hoje é a cidade de Pau-brasil e, como se respeitavam reciprocamente, começaram a construir casas e alojamentos onde era a fronteira das duas invasões dando origem ao povoado de Santa Rosa. Esse vilarejo era banhado por um pequeno rio chamado de "água preta", afluente do rio pardo, que desemboca no mar em Canavieiras. Esse rio participava de toda a vida dos primitivos moradores de Santa Rosa. Ali eles pescavam, lavavam pratos e roupas, tomavam banho, enchiam os potes e talhas com aquela água, no início potável, mas logo infestada de todos os tipos larvas e protozoários que, juntamente com a lama constante, os pés descalços, a sujeira dos alimentos, tudo isso contribuía para que todos os habitantes, sem exceção fossem parasitados por vários tipos de vermes e protozoários. Como se não bastasse, outras doenças a exemplo da tuberculose, do impaludismo, da esquistossomose e da lepra contribuía para uma alta taxa de óbitos naquele "fim de mundo" sem médico ou mesmo a mínima assistência.

Quase eu morria ainda muito pequeno; faltou muito pouco. Parasitado ao mesmo tempo por áscaris, estrongilóides, ancilóstomos, amebas e giárdias, desmaiava com frequência de fraqueza. Tudo que comia era dividido com todos aqueles parasitos. Era um

retrato vivo do “Jeca Tatú” o personagem de uma estória de Monteiro Lobato feita para ilustrar as propriedades de um medicamento da época chamado de *ankilostomina Fontoura* usada contra o amarelão.

Com o passar lento dos dias e meses, a quitanda do meu pai, agora uma bodega, já era chamada de venda ou armazém e já tinha um sortimento de mercadorias que dava sustento às necessidades das casas e estabelecimentos que vinham brotando, rapidamente atraídos pela qualidade das terras e pelo negócio com o cacau.

Corria dinheiro fácil e todo tipo de gente chegava tentando a sorte. Desde jagunços ao dentista prático, dono de padaria, celeiros, arrieiros, alfaiates, sapateiros e entre todos eles, um curandeiro chamado de “véio Mané”.

O “véio Mané” era um sujeito carismático, realmente estranho, e que chegara a Santa Rosa, sozinho com uma barba longa, vestido de mescla surrada pelo uso e uma voz cadenciada e grave. Surgiu um boato que este senhor morava numa cidade perto de Itabuna chamada de Palestina, hoje Ibicaraí. Contava o boato que ele surpreendeu sua esposa com um amante em sua própria cama e, para não cometer um crime de assassinato, preferiu trancá-los em casa e, sem trazer nenhum dos seus pertences, somente com a roupa do corpo sumiu no mundo vindo parar em Santa Rosa.

Aliás, talvez por ser realmente isolada da civilização e tratar-se de um lugarejo sem história prévia, muitos dos seus futuros moradores tinham origem desconhecida e, quem sabe, fugiram de problemas em suas terras de origem para começar uma nova vida, distante de suas preocupações. Dizia-se que sua barba era grande para esconder a chave de sua casa onde trancou a mulher e o amante, além de não deixá-lo esquecer do acontecido. Alugou uma casa pequena onde morava e para sustentar-se fazia e vendia vários tipos de garrafadas resultantes da infusão de folhas e raízes que, segundo ele, serviam para remediar ou mesmo tratar muitas doenças.

O “véio Mané”, assim como a maioria da população, se abastecia de suas necessidades cotidianas em “A Violeta”. Desse con-

tato diário e, depois de ganhar a confiança da família e me observar sempre por perto com aparência de doente, encolhido nos cantos da venda, todo amarelo, barriga enorme e olhos profundos, ele se dirigiu até meu pai e perguntou: Esse menino come terra? Meu pai titubeou e respondeu não ter conhecimento. Em verdade eu comia sim. Adorava ficar mordendo um pedacinho de caco de telha como se fosse um chiclete. Gostava tanto que cheguei a surrupiar uma tampinha de moringa na casa de uma vizinha nossa. Quebrei a tampinha e mastiguei cada pedacinho com gosto. Aliás, naquela idade adorava ir até uma olaria perto do rio e ficar olhando o oleiro trabalhar. Sabendo que eu era filho de “Seu Simplício” da venda, ele me dava um pedaço daquele barro bem ligante e eu o transformava em bolinhas caprichosamente redondas que eram colocadas junto da parede do forno quente, quando ele ia cozinhar as telhas e tijolos. Elas se transformavam em bolinhas duras e bem cozidas. Depois de frias eram colocadas num bornal de pano e serviam de balas de bodoque que eu usava, brincando de caçar. Como as bolinhas eram de barro e tinha a forma e o tamanho de um bombom, sempre tinha uma delas na boca.

Voltando à resposta incerta dada por meu pai, o “véio Mané” perguntou se poderia me examinar. Sem outra saída, meu pai concordou com sua oferta. Ele me colocou deitado sobre o balcão da venda e começou apertar minha barriga fazendo de contas que sabia o que estava procurando. Eu tremia qual vara verde, de puro medo, diante daquelas manobras do velho barbudo. Seu diagnóstico foi contundente. Minha doença era “espinhela caída” para a qual ele tinha o remédio certo. Eis que, no outro dia bem cedo, ele trouxe uma garrafada com uma infusão que disse conter raízes de uma planta mal cheirosa de nome “guiné ou gambá (*Petiveria tetrandra*)”, folhas de “quebra pedra (*Phyllanthus niruri*)” raízes de “poaia ou ipeca (*Cephaelis ipecacuanha*)” e dois ou três tubérculos secos conhecidos como “batata de purga ou jalapa (*Ipomoea altissima*)”.

Chamou minha mãe e recomendou solenemente a dose que eu deveria tomar assim como o modo de usar. Todos os dias, pela

manhã, ainda em jejum e à tarde, na “boca da noite”, eu deveria tomar um cálice daquele líquido depois de tê-lo agitado vigorosamente. Seu gosto era indescritível e cada dia mudava para pior devido à fermentação e o apodrecimento das folhas e da visível sujeira que se depositava no fundo da garrafa de vidro branco. O tratamento completo consistia em seguir aquelas recomendações durante sete dias. Apesar do sofrimento, de nada adiantou tanto sacrifício.

Diante da decepção pela falência do remédio e pelo dinheiro que havia recebido por conta do diagnóstico e tratamento, ele prometeu a meu pai que iria experimentar uma manobra que possivelmente consertaria minha “espinhela caída”. Novamente, bem cedo e sem poder comer nada, eu o esperava, tremendo de medo, que ele chegasse me pegasse pelos tornozelos me suspendesse no ar e batesse as plantas dos meus pés, por sete vezes, na madeira superior da aduela da porta dos fundos da casa. Naquela posição, de cabeça para baixo, vomitei várias vezes mesmo sem ter nada comido. No final das sete pancadas ele, simplesmente, me soltava e eu caía tonto e desarrumado no chão. Chorando evidentemente. Esse martírio deveria ser repetido durante sete dias. Claro que não funcionou e, segundo o frustrado curandeiro, eu ainda continuava com a “espinhela caída”.

Uma enorme decepção tomou conta do “véio Mané”. Desafiado pela minha espinhela, na iminência de devolver o dinheiro já gasto há muito e, ainda por cima a desconfiança em seus saberes já que sua fama corria célere pelas redondezas. Ele se sentiu acuado e apelou para o absurdo. Chegou até meu pai e decretou: Seu Simplício esse menino tem que comer um boi inteiro. Esse será o último remédio que vou tentar para vê-lo curado. Frente a essa afirmação meu pai, sem acreditar no que tinha ouvido, pediu que ele repetisse para ter certeza de que ele havia ouvido corretamente e indagou: Como é possível esse menino comer um boi inteiro? Parecia que o bizarro curandeiro já tinha a resposta na ponta da língua e completou. Peça ao seu irmão Garcia, dono do açougue Senhor do Bonfim que mate um boi novo ainda não castrado e de todas as partes do animal, sem esquecer nenhuma delas, o mande

tirar um pedacinho, mais ou menos do tamanho da cabeça de um dedo. Depois de juntá-los todos em uma panela de barro, nunca antes utilizada, e sem qualquer tempero, mesmo sal, peça a D. Cora para cozinhar e obrigue o menino a comer tudo. Não pode sobrar nenhum caldo no prato.

Para ajudar no entendimento deste esdrúxulo remédio vou fazer dois adendos. Primeiro, quando o “véio Mané” determinou de “todas as partes do boi” ele falava sério. Isto é: um pedacinho do casco, do chifre, do rabo, do couro, de um osso mole, do vergalho, dos testículos, do nariz, da língua, do miolo, de todos os miúdos, sem nada esquecer, até do sangue e do fiofó. Só não vieram segundo minha mãe, um pouco da bosta e do xixi.

Depois de preparado, o dito remédio coube num prato de esmalte comum. Até que não foi difícil comer um boi inteiro. Por um período, quando eu passava pelas ruas de Santa Rosa ouvia com frequência alguém dizer: Aquele menino ali comeu um boi inteiro. Ganhei até uma famazinha, mas, infelizmente, continuava doente. O remédio excêntrico e caro, como era de se esperar, não fez efeito.

Poucas coisas me animavam. Os meus brinquedos perderam o gosto. Entre uma crise e outra de “jato”, como era conhecida a diarreia franca quase sempre acompanhada de rajas de sangue, aproveitava o tempo para tomar aulas de cavaquinho com o Mestre Carlos, professor leigo de violão, solteirão desocupado, neto de D. Isabel e senhor Astolfo, agrimensor aposentado e também desocupado, nossos vizinhos de meia parede. As aulas de cavaquinho me distraíam e, realmente, as levava a sério. Aprendi todos os tons e seus relativos assim como acompanhar algumas músicas mais simples. Adorava quando as meninas me convidavam para cantar “rodas”. Levava meu banquinho e o cavaquinho, sentava no meio da roda, dava o tom, maior ou menor na dependência da melodia da roda e acompanhava orgulhoso, as meninas que cantavam e rodavam. Quase sempre éramos assistidos por um público fiel que ajudava na cantoria.

Uma vez, empolgado pela emoção e levado principalmente

pela fraqueza extrema causada pela anemia, desmaiei no meio da roda, assustando as meninas e a plateia. Insistente e se achando responsável o “véio Mané” procurou meu pai, entregou os pontos e recomendou: O senhor deve levar seu menino para se tratar com os médicos de Itabuna senão ele não resistirá aqui em Santa Rosa.

O segundo adendo explica o aparecimento de tio Garcia. Meu avô paterno, homem rude e analfabeto viveu com três esposas diferentes e, portanto, com muitos filhos. Meu pai chegou a conhecer 27 irmãos. Todos moraram numa fazenda de pequena área chamada “A Bateia” situada no sopé da serra da Caboronga, perto de um lugarejo chamado “Camisão” hoje cidade de Ipirá. Sua primeira esposa D. Ludugera faleceu ainda muito nova vitimada pela famosa gripe espanhola. Deixou meu avô com vários filhos pequenos. Impossibilitado de criá-los sem ajuda, casou-se pela segunda vez com uma senhorita, D. Ana, que viria ser minha avó por linha direta. Portanto, mãe do meu pai. Minha avó Ana teve oito filhos. O segundo deles, meu tio Garcia; o quarto deles, o meu pai; e o caçula, o tio João Caboronga. Infelizmente, minha avó faleceu de infecção puerperal como consequência do parto de tio João, realizado em condições extremamente precárias e, inversamente, muito propícias para uma infecção pós-parto.

Novamente, meu avô encontrou-se viúvo e com mais filhos pequenos que antes. Foi obrigado a casar-se pela terceira vez com uma senhora de nome Angélica. Deste último casamento nasceram vários filhos e ele, o velho guerreiro, meu avô Luiz Antônio Rodrigues Caboronga morreu aos noventa e tantos anos, deixando uma trintena de filhos, todos pobres e analfabetos e de todas as idades.

Voltando ao tio Garcia. Seu nome era Graciliano Rodrigues Caboronga e era magarefe por profissão. Trabalhou durante muito tempo na vila “Camisão” matando boi, vendendo carnes na feira e fazendo carne do sol e charqueada. Sabendo que meu pai progredia cada vez mais com seu armazém, vendeu tudo e mudou-se de mala e cuia para junto do seu irmão mais abastado. Chegando a Santa Rosa comprou duas casas, uma para morar e na outra

montou o Açougue Senhor do Bonfim que abasteceu durante anos a região, em torno da vila, com carne de charque que diziam melhor que a fabricada no Rio Grande do Sul lá pelos lados da cidade de Pelotas.

Convencido de que só mesmo em Itabuna eu teria chances de cura, meu pai organizou a viagem que naquela época durava dois dias inteiros de montaria. Não existia rodagem tudo era feito no lombo dos burros e seguia-se um caminho precário, cheio de lombadas feitas pelos animais pisando num chão de barro constantemente molhado pela chuva e que parecia não acabar nunca. Quem andava a pé tinha que sincronizar as passadas com os espaços cheios de lama entre as lombadas. Se alguém errasse o passo e pisasse nas lombadas, era queda certa.

Chamou Cassimirão, um dos seus amigos mais de perto e que se tratavam por “seu colega” para acompanhá-lo na viagem. Num dia de domingo, deixando minha mãe chorosa, selou dois burros e partiram bem cedo, comigo na garupa da sela. Levavam um bernal com farofa de carne frita, um copo de alumínio e um vidro de Biotônico Fontoura para cada um dos dois. Na realidade, os vidros de biotônico serviam para esconder uma destilada de primeira qualidade com algumas folhas cheirosas de alfavaca de galinha (*Ocimum micranthum*) e capim santo (*Cymbopogon citratus*) que tomavam em intervalos regulares para, segundo eles, espantarem o frio. Eu como não tinha nem o direito nem a permissão de tomar uma dose do biotônico, conseguia diminuir um pouco o frio encostando, mais forte no dorso de meu pai e embaixo da capa colonial que ele vestia. Era hábito entre pessoas de fino trato esconder que tomavam cachaça, principalmente em público.

O caminho passava por dentro das fazendas de cacau e quase sempre perto ou mesmo margeando pequenos rios e riachos. Em torno do meio dia eles escolhiam uma sombra na margem de um veio d'água limpa acendiam uma pequena fogueira para fazerem o “café tropeiro” que tomavam juntamente com a farofa e dentadas num pedaço de rapadura. Para fazerem o café, já que não

levavam coador, eles enchiam os copos de alumínio com água do ribeirão e, quando estava fervendo juntavam o café e deixavam repousar por um tempo. Bebiam o sobrenadante sem agitação. No final jogavam fora a borra do café usado, lavavam os copos e partiam, novamente para o destino traçado. Depois de subir serras, descer serras, subir serras, descer serras, chegamos a uma fazenda encostada na vila de Itaúna onde meu pai pediu alojamento. Ele já conhecia, há algum tempo, o dono desta fazenda. Era um emigrante italiano de nome “Seu Niela” que havia fugido às pressas da Itália empurrado pela Segunda Guerra Mundial. Esse senhor se dizia poderoso médium do espiritismo e, além de traçar o destino de quem o procurava, atuava também como curandeiro.

Arranchados e com um pouco mais de conforto, dormimos pesadamente. Novamente, bem cedo, arrumamos as trouxas e partimos para Itabuna aonde chegamos ao cair da tarde de segunda-feira. Fomos para uma pensão no bairro da Mangabinha, ponta de rua, perto de onde havia nascido e, na terça-feira seguinte meu pai me deixou hospedado na casa do meu padrinho “Zé Costa”. Recomendou para ele que qualquer despesa que ele fizesse comigo seria ressarcida no final do tratamento, quando ele voltasse para buscar-me. Feito isso ele e “seu colega”, Cassimirão, picaram os burros de volta para Santa Rosa. Eu fiquei com cinco para seis anos, doente, chorando e sentindo-me abandonado em uma casa estranha. Felizmente, minha madrinha “Nenzinha” esposa do dindinho Costa era uma pessoa piedosa e mãe de duas filhas pouco mais velhas do que eu. Ela tentou, por todos os métodos, consolar-me. Lembro-me quando ela tentava diminuir a saudade que sentia de minha mãe, meu pai e minha irmã, fazendo doces e mingaus que pareciam deliciosos, mas que eu não conseguia comê-los, sem apetite, causado pela doença e com um “nó na garganta” aguçado pela saudade que batia forte.

Passava quase o dia inteiro voluntariamente dentro do quarto, amargurado e triste. Melhorei muito quando ela me presenteou com um caminhãozinho de madeira, pintado de duas cores.

Eles escolheram o Dr. Corbiniano Alves de Souza Freire que em

realidade era um competente farmacêutico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1936, no qual confiavam e que aceitou consultar-me. Consegui impressionar o doutor Corbiniano logo na primeira consulta. Depois de um hemograma e um parasitológico de fezes para pesquisa de larvas e protozoários ele descobriu que eu era parasitado por vários tipos diferentes de vermes além de ameba histolítica e giárdia. Tinha dentro de mim um verdadeiro zoológico. Naquela época, o tratamento de poliverminoses era feito especificamente, isto é, de um a um. Primeiro se tratavam os áscaris, em seguida os vermes fixos como os ancilóstomos e strongilóides e, por último, os protozoários. Por volta de 1944, não existia um tratamento eficaz para os ancilostomídeos: usavam-se capsulas de violeta de genciana, um corante para uso tópico porém altamente tóxico quando usado por via oral. O doutor recomendou que eu engolissem uma cápsula do referido corante todas as manhãs, ainda em jejum. Menos de vinte minutos depois eu vomitava roxo, e defecava roxo. Provavelmente, quando a cápsula abria no intestino liberava a violeta de genciana que era tóxica para os vermes. Uma vez mortos eles eram expelidos, também roxos.

Já me sentindo bem melhor, em termos de saúde, e bem mais acostumado com o dia-a-dia e rotinas da casa de dindinha Nenzinha, comecei a prestar mais atenção aos hábitos de cada um deles, principalmente de dindinho Costa. Descobri que ele tinha muito prestígio lá em Itabuna porque era o Chefe dos carregadores da Prefeitura e, por isso, levava pendurada no peito, uma plaquinha de ferro esmaltado que marcava: Carregador, PMI, nº1. Ele trabalhava carregando as malas e outros volumes dos viajantes que passavam pela cidade.

Talvez por causa do seu conhecimento e prestígio individual, além do trabalho duro, ele era alcoólatra. Só conseguia sair para trabalhar, mesmo antes do café da manhã, se tomasse uma dose de aguardente. Era um pesado desgosto para dindinha Nenzinha e suas duas filhas. Um dia eu o surpreendi cortando e comendo fígado bovino cru, acompanhado de cachaça. Surpreso eu o indaguei por que ele fazia isso. Seguro do que fazia me respondeu: Tomo

junto com a cachaça um pedaço deste fígado cru por que o álcool vai destruir o fígado do boi deixando o meu de lado. Soube depois que ele morreu de cirrose hepática, evidentemente.

Sabendo que já estava curado, corado e comendo de tudo, meu pai pediu ao amigo Cassimirão que viesse me buscar. Desta vez voltei garbosamente montado sozinho, porém sem poder tomar, sequer, uma dose do biotônico.

Cheguei a Santa Rosa onde era esperado com uma pequena festa familiar. Minha mãe foi a primeira a dar sua opinião sobre minha aparência. Meu filho! Como você está bonito, gordo, forte, corado...

Apesar de ter tido alta médica, o doutor escreveu duas importantes recomendações que foram entregues ao meu pai. A primeira, de fundamental importância, mandava sem rodeios que, à semelhança do “Jeca Tatu”, eu não deveria hora nenhuma andar com os pés descalços, mesmo em lugares presumidamente limpos. Isto evitaria que larvas de ancilostomídeos penetrassem pelos pés e recomeçassem nova infestação. A recomendação médica foi seguida à risca. Joguei fora os meus tamancos garbosamente ferrados com cravos de ferros usados para cravejar as ferraduras nas patas dos animais de cargas ou montarias, aliás, quase todos os meninos de minha idade cravejavam seus tamancos para fazerem um barulho típico quando se andava em passeios ou calçamentos e passei a usar rolós. Roló era uma espécie de sapato feito inteiramente de couro cru, inclusive seu cadarço e que por isso mesmo era muito barato e fácil de ser manufaturado. As maiores desvantagens do roló eram sua dureza quando novo e a umidade que guardava quando se pisava na lama. A dureza fazia calos e a umidade, chulé.

Para a primeira, o remédio era insistir no uso, caminhar mancando para não magoar os calos até moldar os sapatos nos pés e, para a segunda, meu pai costumava colocar dentro dos rolós pedacinhos de fumo de corda e casca de alho cru. O mau cheiro do chulé desaparecia diante daqueles do fumo e do alho.

A segunda recomendação médica consistia em tomar um

vermífugo em cada intervalo de 90 dias. A ausência de médico em Santa Rosa estimulava o curandeirismo e como não se sabia que remédio de farmácia tomar, minha mãe recorreu, novamente ao “véio Mané” o qual atendeu com satisfação e talvez cheio daquele gostinho de importância que brilhava em seu rosto e que facilmente poderia ser traduzido lendo seu pensamento: “o médico de Itabuna curou o menino, mas, ele continua precisando de mim”. Sua receita foi novamente esdrúxula. Minha mãe deveria bater as claras de dois ovos até alcançar o ponto de neve, isto é: não sair do prato quando o virasse. Juntar duas colheres de óleo de rícino e um pouco do pó de sementes de abóbora secas e torradas. Mãe sempre fazia dose dupla para que minha irmã tivesse o “privilégio” de me acompanhar no martírio que consistia a aplicação da referida receita.

Seu modo de usar era repleto de mitos e crendices que beiravam o surrealismo. Senão vejamos. No dia certo, em torno das quatro horas da manhã, minha irmã e eu éramos acordados e, em jejum nos ofereciam, ou melhor, nos forçavam a tomar o remédio recém-preparado. Ao abrir os olhos me deparava com uma cena a qual nunca saiu da minha memória. Meu pai e minha mãe entravam no quarto, ele trazendo numa das mãos um fifó, espécie de candeeiro tosco, fabricado de folha de zinco e um pavio de algodão torcido que queimava querosene, e na outra uma batinha de facão cuja utilidade era nos forçar a tomar o remédio sem reclamar. Minha mãe trazia o prato com uma colher mergulhada no vermífugo e segurava na outra mão, uma pequena imagem de uma santa “Nossa Senhora do Carmo”, que ela dizia ser minha madrinha e, portanto, estava ali para ajudar na empreitada, além de uma grande chave de ferro que, segundo ela, se nós a segurasse não vomitaríamos. No máximo poderíamos sentir náuseas e enjoos, porém vômito não. A chave trancava. Desse conjunto todo, talvez o que mais funcionava era, sem dúvida, a batinha de facão do meu pai.

Depois de tomarmos o remédio voltávamos a dormir, com o restinho do gosto do óleo de rícino e da clara do ovo impregnados na boca. Mesmo que acordássemos na hora costumeira, antes das

sete da manhã, não podíamos sair do quarto nem ver mato verde. Isto poderia anular o efeito do remédio. Somente podíamos tomar o café da manhã depois da primeira purgação. Algumas vezes, quando demorava muito, minha mãe precipitava os fatos e nos aplicava um clister de água morna que, segundo ela, lavava os intestinos.

Tudo limpo, podíamos voltar ao café matinal e começar a pensar na próxima dose do remédio dentro de três meses.

O interessante disso tudo é que muitos anos depois, já na condição de médico e professor de Bioquímica médica na Universidade Federal da Bahia, adquiri conhecimentos que explicavam, cientificamente, as propriedades vermífugas da receita mágica aplicada empiricamente pelo “véio Mané”. Vejamos. Os áscaris ou lombrigas são nematódeos que vivem soltos dentro do conteúdo intestinal, sempre se movimentando contra o peristaltismo intestinal para não serem expelidos espontaneamente. Metabolicamente, eles são dependentes de biotina ou vitamina H que retiram, juntamente com outros alimentos, do próprio conteúdo intestinal, absorvendo-os através de seu tegumento. Isto explica por que crianças subnutridas e com superinfestação por esses vermes chegam a expeli-los pelo nariz. Quando não os vomitam. À procura de alimentos, agora muito poucos devido à subnutrição, eles sobem pelo aparelho digestório e chegam a alcançar as vias aéreas superiores. Sem vitamina H eles perdem os movimentos e são facilmente expelidos. Curiosamente, a clara do ovo é uma solução coloidal muito rica em proteínas entre as quais se destaca uma chamada avidina capaz de formar com a biotina um complexo não absorvível pelos áscaris. O óleo de rícino, adicionado na fórmula, contém traços de ricina, uma das mais potentes fitotoxinas, irritante da mucosa intestinal e causadora de diarreia. Desse modo, as lombrigas sem movimento são levadas pela diarreia para fora do organismo. Portanto, a fórmula do “véio Mané” funcionava realmente como um vermífugo. O pó das sementes da abóbora era um adicional que hoje se sabe possuir propriedades tenífugas.

Segundo fuxico **As agruras do aprender a ler**

Curado das verminoses, sentindo-me disposto, minha mãe resolveu antecipar minha alfabetização com quase seis anos de idade. Começamos estudando o ABC pela manhã e à tarde, de segunda a sexta-feira, estudávamos a tabuada. Isso demorou cerca de um semestre. Sabendo de cor e salteado todas as letras e todas as quatro operações aritméticas, ela me presenteou com uma cartilha chamada Cartilha Proença, uma das melhores da época, onde aprendi a soletrar e, conseqüentemente, a ler.

A escrita foi ensinada em paralelo. O caderno de caligrafia e a pedra de escrever, espécie de quadro negro pequeno e portátil, feito de ardósia polida e emoldurada onde se escrevia nas duas faces, com o auxílio de um lápis também de ardósia. Eles desempenharam papel importante na descoberta do aprender a escrever. O caderno aprimorava as formas das letras e a pedra que podia ser apagada a qualquer momento, dava liberdade e confiança para errarmos e corrigirmos os erros.

Alfabetizado e lendo tudo que aparecia pela frente a exemplo do Almanaque Bristol, a estória do “Jeca Tatu”, o Almanaque de “O Pensamento”, as legendas das Estampas Eucalol entre outros, fui para a minha primeira Escola, aliás, a única existente dentro de um raio de uma vintena de quilômetros, centrado em Santa Rosa. A vila mais próxima era Camacã a quatro léguas e meia de distância e sem estrada.

Junto com a expectativa do primeiro dia de aula, levei garbosamente minha pasta de couro contendo um caderno pautado, a pedra de escrever e o Primeiro Livro de Felisberto Carvalho, grande

educador que na época publicou cinco livros em série, chamados de paleógrafos, com textos manuscritos e em letras comuns. Ler estes livros nos treinava na leitura de cartas e outros documentos escritos à mão e, muitas vezes, com uma caligrafia que beirava o rabisco.

O professor Durvallindo dono e “único docente” da Escola apesar de respeitado e considerado por todos era, na realidade, apenas alfabetizado. Nunca havia, como minha mãe dizia, alisado os bancos de uma escola. Lembro-me que ele tentou fazer o exame de admissão ao ginásio em Canavieiras, sede do município e perdeu todas as três vezes. Voltou para sua Escola em Santa Rosa e, como ninguém o incomodava, continuou ensinando as primeiras letras a muitos meninos durante vários anos.

Lembro-me bem da sua figura. Alto, forte, de tez escura, sempre vestido com uma camisa abotoada nos punhos e um inseparável chinelo de couro. Sobre sua mesa se encontravam uma caneta e seu tinteiro, um mata-borrão, uma régua de madeira de um metro de comprimento para facilitar eventuais cascudos a certa distância e um grande cristal de quartzo que era curiosamente usado como licença. Quando alguém tinha necessidade de ir, por exemplo, ao sanitário levava consigo a pedra da licença. Isso impedia que saíssem dois ou mais alunos ao mesmo tempo. Só saía o próximo quando a pedra tivesse voltado.

Em realidade não havia sanitário na Escola. Os meninos aliviavam suas necessidades mais simples nas bananeiras do quintal e as meninas, não sei o que faziam. Todos estudavam num único salão com bancos e mesas. Não havia silêncio, ao contrário. A balbúrdia era grande. Todos liam seus textos ou estudavam suas tabuadas em voz alta. Alguns até cantavam. A ordem era mantida de duas formas diferentes. Uma, mais amena, como ficar de castigo em pé no canto da sala olhando para a parede durante nunca menos de uma hora e a outra muito mais drástica. Buscar uma vistosa palmatória que ficava pendurada em numa das paredes laterais e entregá-la ao professor que distribuía nas duas palmas das mãos do castigado meia dúzia de “bolos”.

Curiosamente o professor Durvallindo sempre comunicava aos pais o castigo dados aos seus filhos. Mais curioso ainda era que todos os pais concordavam com aquela maneira pouco pedagógica de ensinar. Gostaria de lembrar que isso acontecia nas décadas de quarenta e cinquenta.

Fiquei pouco tempo na Escola do professor Durvallindo. Menos de um ano quando fui transferido para o Prédio Escolar recém-construído e agora com a professora Bernazette, formada numa Escola Normal.

O Prédio Escolar era dividido em duas partes separadas por uma área coberta reservada ao recreio. Uma delas era um salão que servia de escola e a outra à residência da professora e sua família, seu marido e Normando, seu filho que tinha mais ou menos a minha idade. Novamente estudávamos todos na mesma sala de aula. Apesar de a Professora ter abolido os castigos e a palmatória, reinava a mesma bagunça. As lições eram tomadas em voz alta. Muitas vezes era preciso gritar para ser ouvido. Como já era alfabetizado fui matriculado no primeiro ano do curso primário e tinha sete anos de idade.

Comecei a me destacar da maioria dos outros alunos pela qualidade dos “deveres para casa” e, principalmente, pelos conhecimentos das Ciências Naturais, a exemplo da botânica, dos resumos da anatomia e fisiologia humanas.

Estimulado por minha mãe, orgulhosa do resultado, cada dia me aprofundava mais nas Ciências Naturais. Comecei a ler um livro chamado “O Conselheiro Médico do Lar”, que era uma verdadeira coletânea de conceitos sobre o corpo humano, suas funções e doenças, além de fórmulas e conselhos para ajudarem nos pequenos socorros e acidentes. Fiquei tão impressionado por esse livro que organizei uma pequena drogaria onde manipulava algumas pomadas, unguentos e cremes, seguindo sempre as instruções do “Conselheiro Médico do Lar”. Tratei sarna de cachorros, curei gogo e encanei pernas de galinhas, tratei micoses diversas em pessoas que tinham coragem de usar meus produtos.

Renovava o estoque de drogas da minha “farmácia” todas as vezes que meu pai viajava para Itabuna a negócio. Ele levava uma lista de minhas necessidades a qual era deixada na Farmácia “A Popular” em Itabuna para ser despachada. Na sua volta para Santa Rosa, ele trazia uma caixa repleta de frasquinhos usados de penicilina contendo os pozinhos e líquidos utilizados nas minhas estripulias.

Evidentemente, eu causava, sem querer, uma pequena inveja, talvez um pequeno desconforto tanto no filho da professora quanto nela própria, mormente porque ele era também, um bom aluno. Com o intuito de festejar o final do ano e, quem sabe, apresentar à comunidade da vila que o seu filho era um bom estudante, ela convidou todos os pais que tinham relações com sua Escola para assistirem uma arguição pública sobre Ciências Naturais que ela faria ao seu filho e a mim. Não sei se felizmente ou infelizmente meu pai não pôde se fazer presente no evento nem minha mãe que iria substituí-lo na venda. Tia Bela foi como representante da família. Tia Bela era a irmã caçula de minha mãe e que viera passar uns dias visitando-nos. Esse desafio funcionou como um estímulo para que estudasse ainda mais as Ciências Naturais.

Chegado o dia anunciado, com a Escola toda enfeitada com bandeirolas coloridas, feitas de papel de seda, ela começou a receber e distribuir os convidados que chegavam trazendo seus bancos ou cadeiras, se quisessem assistir sentados. Com a Escola repleta e diante de todos, ela anunciou que iria começar a disputa da arguição a qual seria o ato mais importante da festa. Em seguida, feito o silêncio devido, ela pediu ao Normando e a mim que retirássemos, sem olhar, um dos dez papeizinhos enrolados que estavam dentro de uma caixa vazia de “Charutos Suerdieck”. Ele tirou o dele e, em seguida, tirei o meu. Cada um desses papeizinhos trazia escrito um nome correspondente a um assunto de Ciências Naturais.

Logo em seguida Normando me perguntou qual teria sido o meu assunto. Confiante na seriedade do ato, disse-lhe: tirei fruto.

Mostrou-me o seu papelzinho que estava escrito flor. Vi e li. Estava escrito flor. Contudo, vendo que o assunto flor era bem mais difícil e complexo que o assunto fruto ele, sabidamente, aproximou-se da professora, sua mãe e pediu para trocar os pontos sorteados. Claro que ela atendeu ao seu pedido e anunciou que iria me arguir sobre flor. Antes dela começar a sua mentirosa arguição, eu anunciei em voz alta para que todos ouvissem que havia sorteado fruto e que ela, a professora, trocou por flor, assunto que seu filho havia sorteado. Não porque não soubesse o assunto dele, mas porque achava tudo aquilo desonesto e, com esta manobra ela pretendia mostrar que seu filho era melhor estudante. Não aceitei e comecei a chorar. Ela, sem querer reconhecer a falcaturia que cometeu, chamou-me de mentiroso e me deu nota zero, sem titubear. Vendo que a plateia iniciava uma espécie de protesto ela encerrou a festa e me expulsou da Escola. Sai correndo e chorando em direção à minha casa para ficar ao lado de minha mãe, onde me sentia seguro. Tinha sete anos de idade.

Sem se dar por vencida a professora veio até a porta de nossa casa e gritou para que minha mãe ouvisse. Seu filho não estudará mais em minha Escola e, de punho fechado, gesticulou dizendo: “uma banana para quem não gostou”. Saiu bufando de raiva e desapareceu na rua que levava ao Prédio Escolar.

Chegado da viagem, meu pai inteirou-se do acontecido e, acuado pelas pressões dos amigos e, principalmente, de minha mãe resolveu viajar até Canavieiras, sede do município e encontrar-se com o Senhor Prefeito Nomeado, Hostílio Cruz, responsável pelo desenvolvimento da Educação em todo o município. Depois de ouvir o relato feito pelo “velho” o Prefeito tomou uma decisão que até hoje me impressiona como sinal de justiça e de imparcialidade. Nomeou uma Comissão composta pelos senhores Franklin Vaz Sampaio, dono de uma loja de tecidos em Santa Rosa, que era tido como bem letrado, Lauro Marques de Albuquerque, gerente comprador de cacau para a Firma Suíça Wildberger e que impressionava a todos por estar sempre com um livro debaixo do braço e

pelo senhor Benjamin - Coletor, Chefe do Fisco local - tido com um *expert* no manuseio dos números e Presidente da referida Comissão pra que, num dia marcado, no salão do Mercado Municipal e, na presença de todos, fizesse nova arguição sobre Ciências Naturais. O resultado dessa nova arguição substituiria por decreto a nota zero dada pela professora Bernazette.

Num domingo pela manhã, lembro-me do dia da semana porque tiveram que varrer e depois lavar os resíduos da feira do dia anterior, colocaram uma mesa forrada com uma toalha branca providenciada por minha mãe e quatro cadeiras. Três para os componentes da Banca Examinadora e uma, situada em frente às outras, para mim. Prevendo uma eventual dificuldade que os componentes da Banca poderiam ter ao lidar com os dez assuntos de Ciências Naturais que teriam de arguir publicamente, meu pai emprestou três desses livros da Editora FTD e que eram vendidos na “A Violeta”.

Depois do salão cheio, praticamente com as mesmas pessoas que estavam no acontecimento anterior, com exceção já esperada, da Professora Bernazette e seus familiares, todos fizeram silêncio e, a pedido do Presidente da Banca, eu me levantei para sortear o novo ponto da nervosa arguição.

À vista de todos os presentes retirei um dos papeizinhos enroscados de dentro de uma urna improvisada por outro caixãozinho de charutos. Sem abrir, entreguei ao Presidente da Banca para que ele lesse em voz alta o ponto escolhido por sorteio. Quase não acreditei quando ele leu o que havia sorteado. Novamente “FRUTO!”. A plateia, que tudo observava atentamente, manifestou-se com uma expressiva salva de palmas. Eu, de tão nervoso, deixei escapar um pouquinho de determinado líquido molhando minhas calças curtas.

Antes que a Banca iniciasse a arguição propriamente dita, perguntei se poderia “dizer tudo o que sabia sobre os frutos”. Sabia tudo de cor e salteado. Eles concordaram e, enquanto eu disertava, eles acompanhavam aliviados, nos livros fornecidos. Dessa maneira se livraram da responsabilidade de formular perguntas

sobre um assunto que pouco sabiam. Terminada minha exposição eles, unanimemente, me deram DEZ com LOUVOR.

Naquele momento havia terminado meu “primeiro concurso público”. Não poderia imaginar que vários outros me esperavam no desenrolar da vida.

Deu para sentir, vindos da plateia, fluidos de alegria, emoção e principalmente de justiça. Minha mãe, Tia Bela e outros mais achegados me abraçaram e me levaram para casa. A notícia do meu sucesso foi levada pelos ventos aos quatro cantos da vila. Diante dos fatos, a Professora Bernazette confirmou o que havia dito antes. “Em minha Escola ele não estudará mais”.

Ela não imaginava que naquela frase estava contido o meu futuro. Sem ter onde continuar meus estudos, vivendo no ambiente da família, meu pai, ajudado pela Maçonaria conheceu na vila de Macuco, hoje cidade de Buerarema, o Ateneu Sul Bahiano, que gozava de muito prestígio e cujo Diretor - proprietário era o Pastor Batista e Professor José Freitas. Eventualmente essa escola recebia alguns poucos alunos internos. Sem pressa, acertaram que eu viria estudar como aluno interno no início do próximo ano letivo. Com apenas nove anos tive de deixar o aconchego da minha família em Santa Rosa e viajar para Macuco.

Apesar de mais perto do que Itabuna, alcançada em “lombo de burro” via Serra do Badaró e Itaúna, a recém-construída “estrada de barro” entre Camacan e Macuco ainda sem uma linha de ônibus regular, requeria dois dias de viagem em caminhões sendo metade deste tempo atolados na lama.

Desta vez a separação de minha família foi extremamente difícil e traumática. Depois que meu pai me deixou interno no Ginásio e voltou para Santa Rosa, pensei que não iria suportar a intensidade da saudade. Chorava todo o tempo. Perdi o ânimo e o apetite e, segundo D. Laura, esposa do Pastor Freitas, até febre eu tive. Verdadeiro banzo.

Soube mais tarde que minha mãe quase obrigou meu pai a vir buscar-me. Passou uma semana doente. Não se levantava para

nada. Diante da intransigência e da aparente segurança que meu pai transmitia, minha mãe foi se recuperando grudada na esperança de me ver daí a três meses, durante as férias do São João.

D. Laura, mãe de quatro filhos, Zete - a mais velha - em torno de 14 anos, Freitinhas, Marlene e Betinho, o caçula, um ano mais novo do que eu, parecia compreender meu sofrimento e fazia todo esforço para amenizá-lo como, por exemplo, oferecer a panela onde ela fazia mungunzá para eu raspar, o que restou e, com isso, ocupar meus pensamentos grudados nas brincadeiras que fazia com minha irmã, nosso casal de periquitos, meus carrinhos de madeira, meus cavalos de pau e nossa mascote, "coche", uma porquinha que criávamos e com a qual brincávamos.

O Pastor fez um teste dos meus conhecimentos e decidiu matricular-me no terceiro ano primário. Achei bom porque pulei o segundo ano e ganhei um ano letivo inteiro.

Depois do primeiro mês do internato e vendo que o único meio de conviver com a situação era acostumar-me com a nova vida, fui adaptando-me aos costumes e hábitos da casa do Pastor. Retornei aos estudos e deveres para casa, muito mais como um remédio para assustar a saudade do que pelos conhecimentos que acumulava. Lembro-me, relativamente de pouca coisa desse período de internato no Ateneu Sul Bahiano. Atribuo esse esquecimento a uma espécie de amnésia que funcionava como defesa ao estabelecimento de traumas mais importantes.

Como quase todos os meninos de minha idade, eu era vidrado em caminhões, motoniveladoras (Caterpillars) e trem de ferro "maria fumaça". Quando podia, dava uma fugidinha da escola e ia admirar dois caminhões estacionados em frente às casas dos seus donos. Um deles, da marca inglesa Bedford, era tão feio que o próprio dono mandou escrever no pára-choque dianteiro: *É feio, mas é bom*. Outro, "novo em folha", Chevrolet verde-sumo com os pára-lamas pretos. O tempo voava quando eu ficava sentado no passeio, ao lado deles. Sonhava um dia quando virasse adulto ser chofer de caminhão e conhecer mundos.

Obrigado a assistir aos cultos da Igreja Batista, pois o Pastor levava toda sua família e fechava o Ateneu, comecei a ajudar no pequeno coral infantil que frequentemente se apresentava aos domingos durante a escola dominical. Numa dessas apresentações, o Professor Rildo Nogueira, músico de formação, talvez o único violinista de todo o sul baiano, me convidou para assistir a suas aulas de música, sem compromisso. Aceitei e me encantei com seus ensinamentos. A primeira aula foi sobre a origem das notas musicais e um tal de monge beneditino Guido D'Arezzo. Com o professor aprendi solfejar e uma boa parte da teoria musical.

Aproveitando a visita do meu pai numa de suas viagens de negócio a Itabuna, o Professor Rildo disse-lhe que eu já estava apto para começar a estudar violino. Recomendou ao "velho" que comprasse um instrumento. Passando de volta por Macuco, indo para Santa Rosa, me disse que o instrumento era muito caro e que eu continuasse com o cavaquinho que ele me dera, como se pudesse substituir um instrumento pelo outro. Talvez, quem sabe, naquele momento perdeu-se um grande instrumentista... Pesaroso, deixei a Escola de Música e o decepcionado Professor Rildo.

Tempos depois soube que ele faleceu durante uma apresentação enquanto tocava seu violino.

Tenho quase certeza de que a tristeza e o isolamento cultural contribuíram para sua morte. Nunca fora verdadeiramente compreendido como um homem sensível no meio de uma população, em sua maioria, analfabeta e embrutecida pelo trabalho duro nas fazendas de cacau. Levou para seu túmulo sua sensibilidade e suas notas de violino.

Eis um trecho da melodia de um hino protestante chamado de "Realização", de número 42, do Cantor Cristão que ele usava como um dos seus estudos para violino e que ainda guardo, com muito carinho, no fundo da memória.



No final do ano letivo, por incrível que pareça a história se repetiu. Para mostrar à comunidade Macuquense que a sua escola era realmente eficiente, o Pastor Freitas organizou uma festa na Igreja Batista, num domingo pela manhã, e convidou os fieis, suas famílias e seus amigos, para prestigiar uma arguição sobre as quatro operações aritméticas usando frações próprias e impróprias. Instalou um quadro negro encostado no púlpito da igreja e determinava em voz alta: some $\frac{2}{3}$ com $\frac{3}{4}$. Depois que eu resolvia, todos aplaudiam, e ele recomeçava. Multiplique $\frac{4}{8}$ por $\frac{1}{2}$ e, a cada resposta certa ele ficava mais orgulhoso e sorridente. Felizmente, dessa vez, tudo terminou bem. O Pastor contente e eu, aliviado.

Quando meu pai veio me buscar para as férias de fim de ano, o Pastor lhe disse que eu estava pronto para estudar num lugar mais desenvolvido como Itabuna ou Salvador. E que ele recomendava a Capital porque conhecia um bom colégio, fundado pela Missão Presbiteriana Americana no Brasil, o Colégio 2 de Julho, para o qual ele já havia recomendado alguns alunos que moravam em Macuco. Meu pai aceitou a sugestão e, com onze anos, quase doze, no início do ano letivo de 1951, depois de passar por um teste de conhecimentos, fui matriculado no quinto ano primário, como interno daquele prestigioso Colégio.

Terceiro fuxico

Construção do jovem caráter, longe da família e perto dos cascudos dos mais fortes

No início da última semana de fevereiro de 1951, quando ainda iria completar 12 anos, interrompi minhas férias em Santa Rosa e viajei com meu pai para Salvador onde ficaria internado no Colégio 2 de Julho. Aliás, essa viagem foi desastrosa.

Assim que chegamos em Itabuna, meu pai decidiu viajar de avião, partindo de Ilhéus. Essa seria minha primeira viagem aérea. Naquela época viajava-se de avião, muito bem vestido, quase sempre de paletó e gravata. Já havia deixado de usar calças curtas e suspensórios. Vestia garbosamente calças compridas de linho ou tropical feitas por “João Binga”, nome estranho para um alfaiate, e camisas feitas por minha mãe, exímia costureira. Dormimos numa pensão em Ilhéus e, depois do café da manhã, fomos para o porto onde embarcamos num “besouro”, nome dado às canoas motorizadas que faziam a travessia Ilhéus/Pontal, bairro onde ficava o aeroporto.

Essa travessia demorava mais de meia hora, tempo suficiente para eu começar uma crise de cólica intestinal motivada, talvez, pelo jantar do dia anterior. Os “besouros” não tinham sanitário. A cólica era cada vez mais forte. Suava frio e aguentava a pressão dos gases que forçavam a saída. Comecei a chorar porque não encontrava uma solução rápida para aquele aperto. Parecia que o “besouro” ia demorar uma semana para chegar ao outro lado. Meu

pai e os passageiros observavam calados meu sofrimento. Antes que a canoa terminasse de chegar, corri para a proa e pulei na areia da praia. Não consegui aguentar a pressão interna e devo ter pensado: Agora seja o que Deus quiser. Saí correndo, chorando e “cagando”. Não tive coragem de olhar para trás. Meu pai, com as malas nas mãos me acompanhou até uma pensão junto ao aeroporto onde, enquanto explicava à dona o acontecido, eu tomava um caprichado banho de água e sabão e depois de água de cheiro. Deixei a calça suja em Pontal, troquei de roupas e viajamos no DC-3 da Nacional Transportes Aéreos até Salvador. Na volta, passando, novamente por Pontal, meu pai resgatou minha calça, pagou à dona da pensão por seus serviços e voltou para Santa Rosa.

Novamente fui deixado sozinho em casa estranha. Era, em realidade uma pensão improvisada cuja família ocupava dois andares de um pequeno edifício na Rua 7 de Setembro, número 78, bem em frente ao Relógio de São Pedro.

O senhor Lício e D. Mariinha, sua esposa, eram os dois pilares de uma prole de sete filhos cujos nomes das filhas, curiosamente, iniciavam com a primeira letra do nome do pai: Lídia, Líbia, Lícia e Lúcia. Os filhos com a inicial do nome da mãe: Moacir, Maurício e Márcio. Somente Lúcia, a caçula, era mais nova do que eu.

Era uma família presbiteriana, fina, educada e, sobretudo, carinhosa. Com certeza as recomendações feitas ao meu pai pelo Pastor Freitas quanto ao Colégio 2 de Julho e minha hospedagem provisória na Capital, levaram em conta as qualidades dessa família. Seu Lício e D. Mariinha passaram a ser meus pais adotivos. Foram eles que me ensinaram os primeiros passos naquela cidade de 300 mil habitantes, cortada por lotações e bondes e com telefones de quatro números. O da pensão era 2203.

Assim que meu pai voltou para o interior, deixando com Seu Lício uma quantia de dinheiro que cobria as despesas iniciais, ele me levou para o internato.

Lá, fui recebido pelo recém-chegado Diretor, o Reverendo Ellis Lee Graves, enviado pela Missão Presbiteriana dos Estados Unidos

para dirigir o Colégio em substituição ao casal Peter e Irene Baker, ex-diretores e que retornaram às suas origens americanas.

O Dr. Ellis, era assim que todos o chamavam, era um fidalgo. Andava impecavelmente vestido, bem arrumado, sapatos finos e pisava com as pontas dos pés. Parecia o próprio James Stewart, famoso cowboy exportado dos EEUU para estabelecer a ordem no Colégio. Felizmente não andava armado, mas, resolvia os problemas educadamente e com exemplos. Sua esposa, pianista da Igreja Presbiteriana que funcionava no auditório do Colégio, tinha dois filhos. Uma loirinha de nome Arliene e o menino que chamávamos de Boy, simplesmente.

No início foi muito difícil acostumar-me com a rígida rotina do internato. Éramos em torno de 150 internos de todas as idades, conceitos, educação doméstica, religião e experiência de vida. Todos, quando chegavam, eram distribuídos pelos dormitórios dos “menores” (entre 11 e 13 anos de idade), dos “médios” (de 14 a 17 anos) e dos “maiores” (acima dos 17 anos).

Existia um dormitório pequeno e privilegiado chamado “A República”, reservado aos alunos/censores e aos “maiores” bem comportados. O maior dormitório era o dos “menores”, onde dormiam cerca de 60 alunos. Para essa multidão de meninos só existia um amplo sanitário que possuía três vasos sem portas, 10 chuveiros sem separação e sem aquecimento e 10 torneiras para escovar os dentes e lavar mãos e rosto.

Imaginem a hora do banho vespertino. Todos os meninos despidos, cada qual com sua toalha e sua saboneteira, atentos para ocupar, rapidamente, o chuveiro que acabou de ficar disponível. Era uma verdadeira disputa. Quando, por ventura, um sabonete caía no chão, era uma calamidade. A solução consistia em empurrar com os pés o citado objeto, até o canto da parede e apanhá-lo. O mínimo deslize, quase sempre, era pago por uma tacada de toalha molhada.

Às seis horas em ponto tocava uma enorme campainha para acordar todo o internato. Tínhamos de ser rápidos e astutos, pois

meia hora após, tocava novamente a campainha para organizarmos as filas para o café da manhã. Pulávamos da cama e corríamos para o único banheiro onde disputávamos uma torneira e um dos três vasos sanitários. Terminado de escovar os dentes e lavar o rosto corríamos para os armários individuais e vestíamos a farda do Colégio. Seis e trinta: novamente a recalcitrante campainha chamava para a fila do café. Os dormitórios eram fechados e quem chegasse atrasado ao refeitório, simplesmente não entrava. Sete horas exatas ouvia-se a campainha chamando para uma banca de estudos entre 7 e 7 h 50 min, pois às oito horas começavam as quatro aulas daquela manhã.

Quando cheguei para o internato, o refeitório ocupava um grande salão no andar térreo do Palácio do Conde dos Arcos, um majestoso edifício onde funcionava a administração do Colégio.

Cada mesa de dez lugares era comandada por um aluno/censor e os lugares eram marcados. Durante meus primeiros meses de internato, recordo que muitas vezes fiquei com fome, sustentado somente pelo café que tomava. Por sinal, o café só podia ser bebido até uns quatro quintos do conteúdo do bule. Isto porque devia-se encher a xícara com todo cuidado para não suspender um sedimento esquisito e estranho apelidado de “petróleo”.

Meu lugar na mesa era cercado por dois internos “maiores”. Ao meu lado esquerdo sentava “girafa” e à minha direita o “Dom Gatão” ambos bem maiores, mais fortes e mais velhos que eu. O pão, cortado em fatias, nunca chegava até mim. Se o prato viesse pelo lado direito, “Dom Gatão” ficava com tudo. Se viesse pelo lado esquerdo, “girafa” não deixava sobrar nada. Terminava chorando e, quase sempre, socorrido por D. Isabel, a cozinheira-chefe que me trazia algumas pontas dos pães que sobraram naquele dia.

O aluno/censor que chefiava a mesa não tinha autoridade para impedir que eu ficasse sem pão até que Ernani, um aluno “maior” e halterofilista, que veio também de Macuco, enviado pelo Pastor Freitas, deu um basta. Ordenou que os dois “sabidos” não aproveitassem mais da minha condição de criança. Eles pararam

e, a partir daí, fiquei conhecido como “filho de Ernani”, portanto protegido de frequentes cascudos e tapas dados, sem explicações, pelos “médios” e “maiores”.

Exatamente ao meio-dia, morrendo de fome, fazíamos as filas para o restaurante. A mais organizada entrava primeiro. Cada aluno procurava seu lugar, esperava em pé que todos entrassem e o censor chefe designasse alguém para fazer a oração de agradecimento por aquela refeição. Gostávamos quando o censor fazia uma oração rápida. Muitas vezes, enquanto os evangélicos estavam com seus olhos fechados, nós dávamos uma roubadinha naquilo que estivesse mais perto e disponível.

Quando algum aluno cometia uma infração que fosse de encontro às normas do comportamento-padrão, como exemplo: fumar escondido, ler revistas durante a banca de estudos, abrir os cadeados dos armários dos outros para roubar doces, geralmente o aluno/censor que surpreendesse o ato, ordenava ao infrator que escrevesse, enchendo cinco folhas de papel pautado, uma frase corretiva como: “Não devo brincar na banca” ou “Fumar é prejudicial à saúde”. Enchi muitas folhas... Cheguei a inventar um dispositivo de madeira com três buracos convenientemente separados onde colocava três lápis ou canetas esferográficas e escrevia três frases de uma só vez. O castigo ficava bem mais fácil de ser cumprido. Muito pior do que encher folhas de papel era ter o seu nome publicado na “lista negra”. Alguns alunos/censores, talvez mais rigorosos, preferiam esse tipo de castigo que consistia na fixação, no quadro de avisos, de uma lista com os nomes dos alunos impedidos de sair aos domingos. A esses só restava sentir as horas passarem fastidiosas e inutilmente.

Se para muitos colegas internos perderem suas saídas aos domingos era motivo de revolta e descontentamento, eu deixei de sair vários domingos, simplesmente pela absoluta falta de dinheiro. Recebia do meu Correspondente, Sr. Lício, semanalmente a importância de dez mil réis que fora acertada com meu pai. Essa quantidade era apenas suficiente para chupar dois picolés por dia,

de segunda ao sábado e os quatro mil réis restantes davam para assistir a dois filmes em qualquer dos cinemas da Baixa dos Sapateiros, Pax, Aliança e Jandaia ou no Popular e Santo Antônio, além das passagens de bonde, ida e volta sem direito a merenda. Quando queria assistir um filme num cinema mais luxuoso como o Guarani, Glória, Liceu ou Excelsior, economizava nos picolés ou ia na paleta.

“Se te derem um limão faça dele uma limonada”. Por sinal, nesta época da minha vida de menino “tomei” vários litros de limonada...

Descobri que ficar no Colégio tinha algumas vantagens. Uma delas era guardar um dinheirinho para, no próximo domingo, tomar um “beijo frio ou um cassate” na sorveteria “A Primavera” ou tomar milk-shake de ameixa na “Cubana”. Outra era observar, sem fazer o mínimo barulho para não perturbar, o senhor Pompílio Teixeira que além de censor era Professor de Trabalhos Manuais e telegrafista. Aproveitava do silêncio do domingo para trocar correspondências em código Morse com o Ginásio Taylor-Egídio da cidade de Jaguaquara fundado pela Missão Batista do Brasil e o Instituto Ponte Nova, fundado em 1906 pela Missão Presbiteriana do Brasil, na antiga cidade de Ponte Nova, hoje Cidade de Wagner, Bahia.

Péricles Archanjo, menino de origem modesta e que também, quase não saía aos domingos, talvez pelos mesmos motivos meus, sempre me acompanhava nas visitas ao professor Pompílio. Este, vendo nosso interesse pelo código Morse, se dispôs a nos ensinar os primeiros passos. Copiou para duas tabelas as letras, os números e os demais sinais gráficos e nos estimulou a decorá-los. Foi difícil até que ele, muito habilidoso manualmente, por isso era professor de Trabalhos Manuais, construiu dois conjuntos iguais, constituídos de um manipulador e uma “cigarra” (pequena campainha) que eram plugados na corrente elétrica. Ficamos radiantes com os presentes recebidos. Agora tínhamos como treinar a telegrafia. Escondíamos-nos, um do outro, bem afastados pra só ouvirmos os

sons das “cigarras” e passávamos horas inteiras trocando mensagens. Com o passar do tempo e o treinamento constante chegamos a transmitir 25 palavras por minuto e receber 20. Essa era a velocidade que o professor Pompílio utilizava para suas comunicações oficiais. Contente com o nosso aproveitamento ele nos deixou, algumas vezes, usar o seu imponente transmissor/receptor, importado dos Estados Unidos.

Alguns colegas do internato, possivelmente sem entenderem o que aquilo significava, perguntavam curiosos, para que serviria aquele insistente barulho. Respondíamos qualquer coisa e continuávamos nosso treinamento.

Pois bem. Vez por outra pequenos acontecimentos aparentemente sem nenhuma importância ganham dimensões tão grandes, inesperadas e decisivas, que são capazes de modificarem completamente o desenrolar cotidiano da uma vida. Com o código Morse foi assim. Ele passou a fazer parte do meu mundo. Quando estávamos longe das nossas “cigarras” comunicávamos pelo assovio ou pelo tato, batendo nas costas das mãos do companheiro. Vamos aos fatos.

Por volta de 1954, a Secretaria de Segurança Pública de Estado, contando com o apoio do Prefeito de Canavieiras, o Senhor Osmário Batista e do Administrador da Vila o senhor Daniel Almeida, instalou numa casa situada na Praça Juracy Magalhães uma estação completa de rádio da polícia com a finalidade de diminuir a incidência de crimes naquela região cacauzeira onde se matava o semelhante por qualquer motivo, o mais fútil que fosse. Diziam até que os homens tinham uma coceira na face ventral do dedo indicador da mão direita que só passava se apertassem com frequência o gatilho do revólver ou da repetição “papo amarelo”. De nada adiantava coçar normalmente ou usar pomadinhas.

Nunca entendi porque, verdadeiramente, Santa Rosa possuiu um Campo de Aviação onde podiam aterrissar, sem maiores dificuldades, aviões médios, muitos anos antes da rodovia que a ligaria a Camacan. Ele foi construído na base da pá e da picareta, com

verba da Prefeitura de Canavieiras, angariada pelo então Deputado Estadual Benício Machado, que virou “nome” do improvisado aeroporto.

Corria o boato que o aeroporto foi construído antes da rodagem porque os donos das fazendas de cacau que moravam em Itabuna, Ilhéus ou Canavieiras preferiam um transporte mais rápido e mais seguro que o automóvel pelo tempo que gastavam rompendo as distâncias e atoleiros além da facilidade de serem tocados por jagunços e outros desafetos.

A viagem de teco-teco entre Canavieiras e Santa Rosa, além de segura, demorava apenas meia hora. Durante quase dez anos que durou o Campo de Aviação, só ouvi falar de um acidente. Um teco-teco sediado em Itabuna pilotado por Cordeiro numa viagem a Canavieiras, perdeu altura e “pousou” na copa de um jequitibá. O piloto e sua passageira foram retirados das alturas amarrados em cordas pelos trabalhadores da fazenda onde ocorreu o acidente. Mais tarde o avião que permanecia enganchado nos galhos da copa da frondosa árvore, foi desarmado peça por peça levadas em lombo de burro até Camacan e de lá, em caminhão até Itabuna onde o avião foi remontado.

Voltando à telegrafia e, sobretudo, correlacionando-a aos fatos antes descritos.

Tinha entre quinze e dezesseis anos de idade e estava de férias em Santa Rosa quando fui chamado pelo Administrador para providenciar, urgente, um avião de Itabuna ou Canavieiras porque uma senhora, esposa de um influente fazendeiro que morava nas cercanias da vila, estava se esvaindo em sangue com uma metrorragia (hemorragia uterina), que já durava cinco dias e as parteiras e curandeiros chamados não conseguiram debelar.

O cabo da polícia, o telegrafista Zé Nascimento, que era o responsável pelas comunicações, estava de férias em Salvador. Ninguém podia ajudar a não ser eu. Como não tinha a chave da estação de rádio nem poderia utilizá-la, pois era de uso exclusivo da polícia, pedi ao Administrador que se responsabilizasse perante a

autoridade maior, o prefeito de Canavieiras. Ele concordou com as exigências. Era um dia de sábado pela manhã, a notícia se espalhou pela feira e na hora que a estação foi aberta tinha uma multidão atenta esperando o que eu ia fazer.

Deixei o nervosismo de lado, liguei o motor Johnson para alimentar as baterias do rádio receptor e do transmissor. Santa Rosa não possuía luz elétrica. Deixei “esquentar” o suficiente e comecei a chamar, insistentemente, as estações de rádio da polícia de Canavieiras e de Itabuna. Parecia um profissional em telegrafia. A multidão estava boquiaberta, atenta aos meus movimentos. Segui estritamente o protocolo. Depois de chamar por três vezes as estações PYW5A ou PYW5B de Canavieiras e Itabuna, respectivamente, eu me identificava transmitindo o prefixo da estação de Santa Rosa, PYL5.

Coincidentemente, não demorou muito e o cabo Nascimento, que estava visitando a estação central da polícia na Secretaria de Segurança Pública situada no Jardim da Piedade se identificou a partir da estação PYE5 de Salvador e perguntou quem estava utilizando a estação de Santa Rosa. Respondi que estava ali para prestar um socorro e que o senhor Administrador estava ao meu lado. Admirado e contente pela minha façanha, ele pediu que deixasse consigo o envio do avião e que eu fechasse a estação em seguida. Não demorou uma hora chegou o teco-teco pilotado por Raymundo Freitas, que levou a paciente, por sinal era sua parenta, para Itabuna. Lá, felizmente, com melhores recursos a hemorragia foi controlada.

Participar ativamente deste acontecimento que, talvez, salvou a vida daquela senhora, me deixou extremamente orgulhoso e consciente de que todo o esforço que havia feito para aprender o código Morse tinha mais do que valido a pena.

Meu prestígio perante a Sociedade Santa Rosense se já era grande porque era o único menino que estudava na Capital do Estado, agora, “vige Maria”, era chamado para participar de festas, casamentos, enterros e outras manifestações onde quase sempre era

convidado para dar minha opinião. O melhor disso tudo é que as meninas mais bonitas da vila, agora sorriam para mim com mais frequência.

Outro fato curioso, muito diferente do anterior, mas também relacionado à telegrafia, aconteceu quando Péricles e eu éramos alunos da quarta série de ginásio, ambos internos. O Professor Benevides Oliveira, “cabecinha branca”, nosso querido professor de Matemática, foi deslocado para ensinar no curso científico e, portanto, o Colégio contratou uma nova professora. Na época a digníssima professora Narlette, bem jovem, bem vestida, ainda era aluna da Universidade. Como era muito inteligente e preparada, assumiu o posto do Professor Benevides, com eficiência e dedicação, durante todo o ano letivo de 1956. Eu tinha dezesseis anos e já havia acendido plenamente o fogo da masculinidade.

Numa segunda feira, antes da aula da citada professora, Péricles e eu resolvemos trocar a mesa dela por outra que não tinha proteção de madeira fechando a parte dianteira. Ela ainda fazia a chamada dos alunos quando comecei a transmitir, batendo na costa da mão de Péricles a seguinte frase: Olhe as pernas da professora! Assim que terminei a frase e juntos olhamos naquela direção, ela como se soubesse de tudo o que estava acontecendo falou com autoridade: “Erlon e Péricles para fora da aula. Saiam imediatamente da sala”. Saímos sem discussão e em estado de choque. Será que ela entendia de Morse? Até hoje não sei a resposta. Desconfio que sim, pois na quarta-feira quando ela nos daria nova aula, ao entrar na sala ditou: Erlon e Péricles para fora. Desta vez saí com meu caderno e fiquei na janela pelo lado de fora, assistindo a aula. Péricles que era excelente aluno de Matemática foi se divertir durante o recreio, agora prolongado.

Ainda assistia à aula quando Dr. Ellis, o diretor do Colégio me viu fora da sala e perguntou o que eu fazia ali, naquele momento. Disse-lhe que a professora havia me expulsado da sala. Ele, investido da sua condição de pastor presbiteriano e da maior autoridade do Colégio, me perguntou o que eu havia feito e que não men-

tisse porque Jesus Cristo, que estava ali ao nosso lado, saberia se eu estivesse mentindo. Diante desses argumentos, contei tudo. Tintim por tintim. Parece que ele entendeu que minha peraltice não era tão grave assim e, depois de conversar com a professora, voltei a assistir às aulas de Matemática. Péricles e eu aprendemos com o castigo. Nunca mais usamos o código Morse dentro da sala de aula.

Finalmente, o Morse me ajudou a ser aprovado no concurso para radioamador, realizado em 1970, portador do prefixo PY6 LE com o qual falei com mais de uma centena de países, para minha alegria.

Fiz vários contatos radioamarísticos usando o código Morse, principalmente quando o país era muito distante e, somente com a telegrafia, mesmo com poucos *watts* de potência podíamos estabelecer uma ligação e usufruir da possibilidade de novas amizades. Cheguei a receber um diploma dado pelo DX-Century Club da Liga Americana de Radioamadorismo por ter comprovado o contato com mais de cem países diferentes.

Hoje, não sei se infelizmente, a Internet com suas imensas facilidades de comunicação, praticamente anulou a importância social que caracterizava o radioamadorismo.

Quarto fuxico
**Ademir (Didi) meu primo-irmão,
figura do cão vestido de gente**

Um dos meus tios-carnais, irmão do meu pai, o tio Davi, cedo constituiu família e foi morar numa parte da Bateia, fazenda onde meu avô Luiz Antônio Rodrigues Caboronga teve e criou quase uma trintena de filhos.

Casado com Deraldina, tiveram cinco filhos, sendo Ademir o terceiro de uma sequência constituída de Zé (o primogênito), Ló, Didi (o próprio), Lú e Té (o caçula). À medida que iam nascendo, iam se incorporando na pobreza da caatinga, alimentados do leite materno, muitas vezes suplementado ou substituído pelo leite de cabra. O leite materno logo “secava” porque a mãe novamente engravidava. Seguiam nessa dieta fazendo “engrossantes” com farinha peneirada, inhames ou aipins batidos, até começarem a nascer os primeiros “dentes de leite” quando participavam da mesma dieta que todos, porém machucada para facilitar a deglutição.

Colher metálica, na roça, era artigo de luxo. Só existiam as ditas “colheres de pau”, feitas à mão a partir de “pau de jenipapo”. As “papinhas”, os engrossantes eram oferecidos às crianças pelo dedo indicador da mãe o qual, ao mesmo tempo servia de colher, termômetro e guardanapo, evitando a oferta do alimento ainda muito quente, além de limpar os beiços do nenê.

Tio Davi, analfabeto, praticamente enterrado na roça, vivia da agricultura de subsistência e da criação de algumas galinhas e cabras. Quando a seca apertava, conseguia água em distantes “caldeirões”, depósitos de água da chuva empoçada em falhas e bura-

cos existentes nos lajedos que afloravam na superfície do solo pedregoso. Essa água disputada pela “criação”, pelos animais silvestres, cheias de “cabeças de prego” (larvas de mosquitos), aranhas e outros pequenos viventes, era o que se dispunha para tudo.

Normalmente de cor escura e gosto levemente amargo, devido às raízes e folhas das plantas nascidas nas vizinhanças. Era filtrada num coador de pano, que retirava a sujeira visível e colocada num pote onde já existia uma pedra de enxofre e um pedaço de carvão vegetal. O enxofre impedia o crescimento de alguns microrganismos e o carvão retirava parte o odor da água empoçada. Com a sequidão das cacimbas, essa era a única água para beber e cozinhar. Tomar banho e lavar roupas, somente nos fins de semana quando se ia à feira no Morro das Flores ou quando se recebia uma visita.

Relatos garimpados junto a parentes já idosos e que conviveram com tio Davi, já casado e morando na “Bateia”, afirmam que ele começou a perder gradativamente a visão e sem nenhuma possibilidade de tratamento especializado, terminou completamente cego, pouco tempo depois do nascimento do seu filho caçula. Outros casos semelhantes, ocorridos na família, espalhados entre tios e primos, todos do lado do meu avô paterno, parecem indicar que a cegueira que acometeu tio Davi foi motivada por uma doença degenerativa da retina conhecida como retinite pigmentosa, sem cura, porém controlável, até os dias atuais.

Como se não bastasse a vida dificultosa e a enorme pobreza que cercavam aquela modesta família, a desdita levou tia Deraldina deixando para tio Davi os meninos pequenos, a tristeza e o infortúnio. Ela faleceu, segundo relatos, repentinamente e de causa não determinada.

Cego, tio Davi se deparou, de um dia para o outro, com a responsabilidade dobrada de criar sozinho, os cinco filhos. Té, ainda tinha dentes de leite. Desgostoso e inteiramente incapaz de controlar a criação dos filhos, faleceu pouco tempo depois do coração, dizem.

Sozinhos, diante de problemas nunca antes imaginados, os meninos maiores começaram a tomar conta, precariamente, dos menores. Suas brincadeiras se resumiam em subir nas árvores, brincar com ossos da rabada de boi que depois de limpos faziam de conta que eram bois e vacas cuidados por bonecos feitos de barro que simulavam os vaqueiros.

Fica até difícil imaginar o triste cenário que se abateu sobre aquelas crianças. Sem a atenção e principalmente o carinho dos pais. Voltaram praticamente à idade da pedra lascada.

Antes que virassem bichos ou simplesmente morressem, seus tios que moravam mais próximos, principalmente tio Firmo Caboronga, em Morro das Flores e João Caboronga, decidiram dividi-los entre os parentes para que tivessem uma qualidade de vida, sem muitos recursos, porém digna. Coube à minha família receber Ademir.

Em 1946, não sei precisar o dia, chega Didi em Santa Rosa, com 12 anos de idade, vindo da dureza do norte baiano, trazido por Cassimirinho, um primo distante do lado do primeiro casamento do meu avô paterno.

Chegou para morar e crescer juntamente conosco. Minha irmã e eu ganhamos, naquele dia, um irmão de criação cinco anos mais velho que eu. A primeira impressão foi indescritível. Estávamos diante de um menino sujo, maltrapilho, magricela, olhos lacrimejantes e, praticamente mudo. Não respondia o que se lhe perguntava.

Naquela época, eram as mães que criavam e educavam os filhos. Os pais eram referências de comportamento e vida. Portanto, coube à minha mãe as primeiras providências para a integração de Didi no seio de uma família normal, estruturada.

Lembro-me que minha mãe chorava diante das dificuldades e da rebeldia a qualquer que fosse o ato que significasse tirá-lo da sua rotina de não tomar banho, não cortar cabelos e unhas, comer com as mãos sujas, livrar-se de ectoparasitos como piolhos e “bichos de porco”, usar roupas limpas e sapatos entre outros exemplos.

Evidentemente que todos aqueles traumas vividos durante a

formação do seu caráter fizeram de Didi um menino cheio de problemas, desgostos, saudades, lembranças. Suas reações eram de revolta, de não-obediência e de pirraça.

Urinava na cama todas as noites num claro sinal de desajustes psíquicos decorrentes dos traumas anteriores. Destruíu vários colchões atacados pelos produtos da decomposição da urina. O cheiro do quarto tornou-se insuportável. Meu pai foi obrigado a transferir o seu quarto de dormir para o fundo da venda, vizinha da nossa casa de morada. Didi, que não comentava nada do que lhe acontecia, aparentemente, deve ter gostado muito dessa mudança. Agora ele tinha uma entrada à noite, fora do controle do meu pai, chegando a hora que bem quisesse. Podia urinar à vontade sem perturbar-nos no meio da noite com o desconforto do cheiro forte.

Lembro-me muito bem que foram tentados vários tipos de remédios alopáticos, caseiros e simpatias com o intuito de curá-lo da sua contumaz enurese noturna. Dentre todos eles o que mais me impressionou foi a receita passada pelo “véio Mané”, antes citado.

Meu pai deveria cortar uma torcida de fumo de corda com mais ou menos um metro, esconder-se atrás da porta do aposento de Ademir, esperar que ele chegasse e adormecesse. Assim que ele começasse a urinar meu pai deveria acordá-lo com uma surra de fumo de corda. Segundo o “véio Mané”, o susto seria tão grande que ele certamente pararia de urinar na cama. Dito e feito. Ademir acordou atordoado no meio de um enorme susto, sem saber o que estava acontecendo. Infelizmente, a receita do “véio Mané” novamente não funcionou e ele continuou sua sina de urinar e destruir colchões.

Felizmente, hoje existem métodos mais eficientes e mais sutis para o tratamento da síndrome de incontinência urinária durante o sono ou enurese noturna.

O tempo passava, nós crescíamos, mas ele continuava o mesmo menino endiabrado, incapaz de medir as consequências dos seus atos e brincadeiras. Se castigos e surras fossem realmente eficazes como métodos educacionais de crianças e adolescentes,

Ademir seria o indivíduo mais educado e polido daquelas terras grapiunas.

Apesar de ser cinco anos mais novo que ele, todas as vezes que meus pais pediam um favor a Ademir, eles tinham o cuidado de me destacar para ajudá-lo. Isso era uma maneira de mostrar que aquele pedido não era um castigo, e sim uma pequena parte da divisão do trabalho e obrigações inerentes de qualquer família. Mas Didi não pensava assim ou não queria.

Naqueles tempos a vila de Santa Rosa não possuía água encanada e, portanto, todas as casas tinham talhas, potes e moringas feitos de barro cozido. As talhas por serem maiores e mais bojudas que os potes serviam de depósito da água para o uso diário. Nos potes e nas moringas era colocada água filtrada num coador de pano e comprada de um aguadeiro que nos fornecia “água do rio das pratas”, transportada em corotes (barriletes de madeira), coletada de um riacho que diziam ter água limpa e cristalina. Algumas vezes meu pai ferrava com um ferro em brasa a água dos potes. Isto, segundo o costume da época, além de matar alguns microrganismos se constituía numa fonte adicional de ferro.

Pois bem. Uma das tarefas de Didi era juntamente comigo, enchermos a talha que tínhamos em casa e que cabia quatro latas de vinte litros de água. Isso deveria ser feito antes de tomar o café da manhã e, só depois, íamos para a Escola do Professor Durvallindo. Bastavam três idas até o “rio da água preta” que passava perto do quintal da casa para enchermos a talha. Não gastávamos mais que meia hora nesse serviço. Contrariado porque interpretava aquela tarefa como um castigo, depois da talha completamente cheia, ele ainda colocava duas ou três latas d’água suplementares na citada talha. Isso expressamente feito para pirraçar minha mãe, coitada, que era obrigada a limpar e secar o chão da varanda onde ficavam a talha e os outros potes. Era realmente difícil suportar os caprichos de Ademir.

Toda a família e eu nos meus períodos de férias escolares, trabalhávamos na venda principalmente aos sábados, dia da feira em

Santa Rosa. Claro que meu pai contava com Ademir para atender os fregueses, cada qual querendo as mercadorias que tinham necessidade. Desde quando eu me lembro, sempre tivemos um empregado fixo na venda para ajudar no atendimento dos compradores e, eventualmente, substituir meu pai quando de suas viagens a negócio. Minha mãe, além das labutas caseiras que lhe tomavam o dia inteiro, pois costurava para todos da família, bordava seus panos e toalhas e forrava botões o que lhe rendia uma pequena receita guardada num mealheiro. Só trabalhava na venda aos sábados, “dia de santa agonia”.

Todos os caixeiros que trabalharam em “A Violeta” o fizeram por vários anos. Os que mais demoraram, que eu me recordo, foram Cassimirinho que trouxe Ademir do norte, Hildenor e Henrique. Esse último por 16 anos.

Porfírio demorou relativamente pouco porque era difícil de aprender a arte do negociar, além do que não conseguia decifrar os códigos dos preços de compra e venda com os quais todas as mercadorias eram marcadas. Coitado de Porfírio talvez tenha lhe faltado, entre dois e sete anos de idade, uma alimentação rica em proteínas de alto valor nutritivo que contribuiria para o desenvolvimento do seu cérebro, facilitando as coisas. Hoje se conhece essa síndrome como “oligofrenia social”, muito comum naquelas crianças gravemente subnutridas.

Ademir nunca aceitou trabalhar na venda. O pouco que ajudava era forçado. Aproveitava-se de qualquer deslize ou falta de atenção para sumir e ir para as ruas da vila atentar a todos. Sumia com tanta sutileza que parecia sublimar-se. O “véio Mané” dizia que ele tinha parte com o diabo. Uma das suas estripulias preferidas era esconder-se nas moitas que cresciam ao lado do caminho que levava ao rio e ficar na espreita das mulheres que vinham buscar água para suas casas. Na volta, com suas latas cheias e equilibradas numa rodilha de pano sobre suas cabeças, seus vestidos molhados e grudados nos seus corpos, desenhavam detalhes anatômicos, alguns muito bonitos. Quando elas passavam juntas

às moitas, Ademir saía bruscamente, apertava os bicos dos seios das mulheres indefesas, imitava a buzina de um carro como se estivesse buzinando (bibi) e saía em disparada para evitar que elas jogassem sobre sua cabeça a água e a lata. Algumas choravam de raiva e faziam queixas ao meu pai, exigindo-lhe alguma providência. A ele só restava pedir desculpas e dizer que já o havia castigado por essas e outras travessuras. Como ele era menor de idade o delegado, de mãos atadas pela lei, nada podia fazer a não ser recorrer, também, a meu pai.

Ademir, estrategicamente dava uma trégua em suas brincadeiras. Quando todos pensavam que ele havia se corrigido, eis que aparecia com uma novidade. Em realidade, ele vivia uma vida solitária. Não me lembro de nenhum amigo real dele. Todos os meninos e meninas, ao contrário, eram vítima ou objeto de suas brincadeiras. Se ele soubesse que determinada pessoa tinha medo ou não gostava de determinado animal ou inseto, por exemplo, ele não descansava enquanto não colocasse aquela pessoa em situações difíceis. Tinha isso como verdadeira obstinação. Mesmo que para alcançar seu objetivo passassem dias. Algumas de suas peraltices chegavam a ser engraçadas, outras beiravam a irresponsabilidade.

Ele descobriu que D. Filipa, uma senhora já relativamente idosa e que trabalhava como doméstica na casa de Tia Bela tinha pavor a lagartas. Pois bem. Num determinado dia de feira ele achou uma folha de couve cheia de lagartas amareladas e bem desenvolvidas. Não sei como ele fez, mas conseguiu colocar a folha com todas as lagartas ao lado de uma panela que com certeza D. Filipa iria usar. Quando menos se esperava ouviu-se um grito apavorante seguido de um som abafado, com se alguém tivesse visto uma assombração e caído em seguida. Tia Bela correu em direção à cozinha e deparou-se e com D. Filipa desmaiada. Depois de chamar os vizinhos e tentar fazê-la cheirar sais e perfumes diversos, alguém que tinha um pouco de amoníaco acordou D. Filipa. Depois de entender o que havia acontecido, Tia Bela levou para meu pai a folha com as lagartas e, obviamente, fez queixas de Ademir.

Até comigo, seu primo e irmão de criação ele aprontou varias vezes. Numa delas terminei no médico que me fez uma lavagem gástrica com medo de consequências mais graves.

Tudo começou assim: Meu pai teve que viajar até Itabuna onde faria compras para repor o sortimento das mercadorias da “A Violeta”. Deixou sob a supervisão de minha mãe, a venda, o empregado que na época era Hildenor, também primo de Ademir, o próprio, e eu. Os três, teoricamente, deveríamos resolver toda a rotina da venda. Didi frequentemente sumia no mudo. Eu era muito pequeno. Devia ter, em torno de oito anos e Hildenor uns dezesseis. Sobrava toda a responsabilidade para mãe que, ocupada com seus afazeres domésticos, quase não aparecia no balcão. Isso era um prato feito para Didi aproveitar. Ele sempre aparecia em torno do meio dia pegava uma garrafa de guaraná da prateleira, naquela época não existia geladeira, tudo era bebido na temperatura do ambiente, e bebia rapidamente para não ser percebido. Recordo-me que certa feita eu lhe disse que iria contar para meu pai que, além dos guaranás, ele pegava pedaços de fumo de corda e papel para cigarro para fumar escondido os cigarros feitos à mão, da grossura de um dedo. Seus cigarros pareciam charutos.

Sabendo que poderia levar uma boa surra quando eu contasse a meu pai ele, diabolicamente, pegou uma garrafa de guaraná vazia, colocou óleo de linhaça até a metade e disse que se eu não contasse a meu pai o que ele havia feito, ele deixaria eu beber um pouco do guaraná. Pequeno e guloso concordei. Recomendou que bebesse rápido para não ser visto. Felizmente, só bebi um gole do suposto guaraná mas, na realidade, era o óleo de linhaça. Imediatamente comecei a vomitar muito forte sentindo a boca e a faringe arderem como pimenta. Percebendo a gravidade do que havia feito, rapidamente desapareceu e eu terminei no consultório do Dr. Nicomedes que me fez uma lavagem gástrica com uma mistura de bicarbonato, sal de cozinha e noz moscada. Claro que ao voltar da viagem e, tomar conhecimento do acontecido Ademir foi, mais uma vez castigado, o que, aliás, de nada adiantou.

Outra brincadeira que Didi adorava fazer com os outros meninos e que talvez lhe desse maior satisfação, era induzir os outros a pegar num “pau de bosta”. É isso mesmo: pau de bosta. Essa brincadeira, muito utilizada pelos meninos das décadas de 40 e 50, consistia em simular uma briga sempre durante as noites não muito claras e que era assistida por outros meninos, todos combinados para pegar o besta que passasse. Quando ele se aproximava para ver o que estava acontecendo, um dos meninos brigões segurava um cabo de vassoura ou outro pedaço de pau cilíndrico e lixado, por uma das extremidades, com o qual ameaçava bater no outro contendor. Os espectadores, todos participando da brincadeira, gritavam estimulando a briga. Neste momento, o que não estava armado dizia em voz alta. Você só é homem porque está com esse pau. Dê para alguém que vou lhe mostrar quem é o macho aqui. Nesse instante aquele que segurava o pau pela extremidade limpa dava ao recém-chegado, incauto, abestalhado, a extremidade suja de fezes. Assim que ele segurava firme o outro arrastava o cacete, sujando a mão de bosta.

Todos sorriam ao mesmo tempo e arrelivavam do otário com a mão melada. A este só restava chorar de raiva e correr até o rio para tentar lavar a mão com arreia fina e sumo de folhas de melão de São Caetano. Sabonete era fraco para tirar o fedor impregnado na mão.

Tenho a impressão, até hoje, que Ademir se realizou no dia em que me fez de besta, pegando num pau de bosta.

Além da desenvolvida capacidade de perturbar a paz dos outros, ele só fazia o que queria. Mãe dizia que nunca havia visto alguém com a cabeça mais dura. Como se sentia sozinho, quase não tinha amigos, talvez buscasse na teimosia e na birra, seu melhor esconderijo.

Todas as sextas-feiras santas nós jejuávamos durante o período da manhã. Acordávamos, escovávamos os dentes, tínhamos a permissão de beber dois ou três goles de água e mais nada. Só íamos comer algo no almoço. Aliás, esse era um costume muito respeitado pelas famílias católicas e no jejum não se podia comer

carnes vermelhas, somente peixes ou animais aquáticos de carne branca. Na primeira sexta-feira santa que Ademir passou conosco aconteceu um episódio no mínimo surrealista e que ficou gravado em minha mente de modo permanente.

Era hora do almoço e evidentemente, depois de passarmos a manhã brincando, correndo, se movimentando, estávamos com tanta fome que tínhamos a impressão que as tripas maiores engoliam as menores. Ademir, sem entender muito bem porque ninguém havia tomado o café da manhã, ele quase nunca perguntava o porque das coisas e quando minha mãe tentava esclarecer algo ele fazia ouvido de mercador, isto é: ouvia mas fazia que não, aproximou-se da mesa e, depois que meu pai permitiu que sentássemos ele foi o primeiro a ocupar seu lugar, previamente marcado. Como não tínhamos empregada doméstica, era minha mãe que tudo fazia inclusive servir a mesa. Mesmo depois da mesa posta, só podíamos nos servir depois que meu pai assinalasse com a cabeça que aquele determinado prato estava disponível. Como se tratava do almoço da sexta-feira santa todos os pratos eram feitos com bacalhau, pois vendíamos este peixe, na época, importado da Noruega em barricas típicas.

Todos nos servimos com prazer e água na boca. Lembro-me até do cardápio daquela sexta. Além dos costumeiros feijão e arroz tinha frigideira de bacalhau, cortadinho de mamão verde com bacalhau e ensopado de bacalhau feito com maxixe e no leite de coco.

Tudo muito delicioso principalmente diante da fome que estávamos. Por sinal existe até um provérbio popular que diz: “O tempero da comida é a fome”. Pois, com tudo isso, Ademir de nada se serviu. Incontinentemente meu pai perguntou. O que houve meu filho (era assim que ele era tratado), não está com fome? Estou, sim Senhor, mas não como bacalhau. Você já experimentou bacalhau alguma vez? Não, senhor. Então experimente. Você tem à sua disposição três maneiras diferentes de prepará-lo. Prove um pouquinho das três. Da que você gostar, você come. Para surpresa minha, de Suely e de minha mãe que acompanhávamos calados aquele curioso

diálogo, Ademir retrucou. Não como bacalhau! Diante de tamanha teimosia, inadmissível naqueles tempos, meu pai pediu a minha mãe que fizesse o prato de Ademir com uma porção de cada uma das três apresentações do bacalhau, além do feijão e do arroz e colocasse no forno (não tínhamos geladeira em casa), desse para ele um copo com água e o levasse para seu quarto onde deveria ficar de castigo e com fome, a tarde toda. Dito e feito.

Mais ou menos às sete da noite, mãe servia o jantar geralmente composto de iguarias mais finas como mugunzá, arroz doce, diferentes pães (de milho, doce, sovado), com manteiga, banana cozida e cuscuz, acompanhados de café e leite. Algumas vezes, junto a tudo isso ainda tinha bolacha de coco, bolacha maria, tareco e brevidade comprados na Padaria Sergipana, excelente panificadora de forno a lenha que ficava do outro lado da rua, quase em frente à nossa casa.

Uma vez sentados à mesa meu pai chamou Ademir. Ele chegou emburrado e com o aspecto de quem estava morrendo de fome. Antes de ele começar a se servir, meu pai dirigiu-se à minha mãe e ditou: Cora traga o prato de Ademir que está no forno e dê para ele jantar. Vendo-se diante da comida do meio-dia, o irredutível Ademir repetiu a mesma frase cheia de rancor e teimosia: Não como bacalhau! Dessa vez a sena se desenrolou muito mais traumática. Minha mãe guardou novamente o prato no forno, trouxe um copo com água e Ademir voltou para o quarto aos prantos. Com exceção do meu pai, todos nós choramos com pena do menino teimoso. Ouvimos o seu chorar até cerca de dez da noite quando adormeceu.

O café da manhã era outra riqueza. Paçoca de banana com tapioca e coco ralado, ovos fritos, cuscuz de milho ou tapioca, pães, bolachas e, de quebra, bananas fritas com açúcar e canela em pó.

Acordamos Didi e, depois da higiene matinal, fomos os três para a mesa. Acho que nem preciso dizer que meu pai, com toda a segurança do mundo, ditou para mãe: Cora traga o prato de Ademir. Acho, novamente, que nem preciso dizer que Didi comeu vo-

razmente tudo que havia no prato (quem sabe, até umas formigui-nhas atraídas pelo cheiro da comida). Não sobrou literalmente nada. Parecia que ele havia lambido o prato...

Se esse imbróglio se passasse hoje em dia, estávamos diante de um caso de polícia. Mas, naqueles tempos, até que tudo terminou com um final feliz. Ademir passou a comer de tudo. Cresceu como um menino, boa boca.

O tempo foi passando, a vida evoluindo, meus pais muito mais tolerantes com as estripulias de Didi, o próprio crescendo e compreendendo com mais facilidade os fatos e circunstâncias, tudo isso ajudado por sua primeira namorada, a filha caçula de um abastado fazendeiro, que morava na ponta da rua onde começava a estrada de burros que levava à vila de Itajú do Colônia. Eles namoraram por um longo período. Terminaram, não sei quando nem o porquê.

Já grande, em torno dos 18 anos, precisando de dinheiro para cobrir suas despesas de rapaz, começou a trabalhar como vaqueiro e amansador de burros bravos. Parece que nasceu para essas profissões. Era tão eficiente no desempenho dessas atividades que ganhou fama. Amansou muitos cavalos e burros bravos, montado de costas. Aliás, começou a fazer essa façanha depois que um tio que veio do norte visitar meu pai contou que Ló, seu irmão, um ano mais velho, também era vaqueiro e que amansava animais montado de costas, voltado para o rabo do animal.

Antes, meu pai havia tentado junto a Seu José, o sapateiro; Seu Antônio Aguiar e Seu João Binga, os alfaiates; Seu Caçula, o ferreiro; Seu Antônio, o arrieiro; Seu Joaquim, o cabelereiro; Seu Celso, o padeiro e Seu Mário, o saboeiro, que Ademir decidisse aprender qualquer dessas profissões.

Até que ele tentou, por certo tempo. Enfim desistiu de todas e foi ser vaqueiro e amansador de burros bravos. Trabalhou em várias fazendas e, depois de especializar-se em vacinações do gado, foi empregado da **Gerfab** - Grupo Executivo e Febre Aftosa da Bahia, por onde se aposentou.

De volta aos seus dezoito anos, no cimo da masculinidade, gastava a maior parte do tempo “disponível” passeando pela “rua das pedrinhas” onde, até os dias atuais situa-se o “fovôco”, aglomerado de casas de tolerância, onde moravam as chamadas “mulheres de vida fácil”, à espera dos seus “fregueses”.

Aliás, naqueles tempos, a rua quase sempre mais movimentada de qualquer povoado, vila ou cidade era a do meretrício. Lá se encontravam os melhores bares, equipados com sinucas, bilhares, bebidas nacionais e importadas, boates animadas por música tocadas em radiolas e reproduzidas por alto-falantes espalhados por todo o ambiente.

Um fato muito interessante em termos sociais era a convivência, a maioria das vezes pacífica e respeitosa, que se estabelecia entre as mulheres da sociedade dita normal, regular, habitantes da vila, e aquela formada por mulheres pertencentes à casta das excluídas e que moravam no fovôco. As regras protocolares que mantinham esta convivência eram rígidas e respeitadas de ambas as partes. Um exemplo: As prostitutas só podiam descer para fazerem compras na feira aos sábados, depois das 10 horas, quando as mulheres da sociedade já haviam terminado suas compras. Se eventualmente se encontrassem numa venda, farmácia ou loja de tecidos, não se cumprimentavam e, geralmente as prostitutas eram atendidas logo, não porque tivessem prioridade, mas para que demorassem o mínimo naquele ambiente. Por outro lado, as damas da sociedade raramente saíam à noite. Quando faziam, eram sempre acompanhadas e, raramente, passavam das 22 horas.

Vale ressaltar que, sem luz na vila, algumas noites sem lua eram escuras como breu. Não se enxergava praticamente nada. Quase todos andavam com uma lanterna de dois ou três elementos (baterias) para evitar as freqüentes topadas nos passeios ou dar “boa noite” a jegue. Explico: A nossa primeira casa de morada em Santa Rosa distava mais ou menos, uns duzentos metros da venda. Como não existia o telefone, qualquer comunicação era feita através de recados levados por quem quer que fosse para aqueles

lados. Numa dessas noites escuras e sem lanterna (coisa para homens, não para crianças), mãe pediu que fosse chamar meu pai na venda, pois era hora do jantar. Jantava-se ouvindo o “Repórter Esso”, às oito e vinte da noite, com o receptor a pilhas sintonizado na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Eu sabia de cor o percurso e fui quase correndo. No meio do caninho, esbarrei com algo que parecia um homem vestido numa capa colonial. Tremi de medo e, gentilmente, dei boa noite e pedi desculpas. Chegando à venda contei a meu pai o que havia acontecido.

Naquela época, em Santa Rosa, havia muitos jagunços que faziam “serviços de mando” para os fazendeiros e coronéis do cacau. Eles atiravam nas pessoas pelos mínimos motivos, até mesmo sem motivos. Era um verdadeiro “far-west” tupiniquim ou melhor, pataxós-hã-hã-hãs. Voltando com meu pai e sua lanterna, vimos que eu havia dado boa noite a um jegue. Chegamos a casa rindo.

De novo de volta a Didi e aos seus dezoito anos.

A estratégia que Ademir montou para participar do movimento da rua das pedrinhas sem gastar dinheiro, pois não tinha nenhuma renda regular, foi, a meu ver, muito inteligente. Durante o dia ficava à disposição das prostitutas. Levava recados, fazia compras e remédios, ajudava nos afazeres comuns e chegava até a viajar portando cartas e trazendo objetos e encomendas não existentes no comércio da vila. Tornou-se uma espécie de representante das putas. À noite, mudava de lado. Participava das festas nas boates, jogava nos bares, fumava seus famosos cigarros de fumo bruto, mas nunca foi amigo das bebidas, felizmente. As drogas estupefacentes tão comuns hoje em dia, não eram praticamente conhecidas.

Todos gostavam dele. Tornou-se útil aos dois lados da sociedade santarosense. Funcionava como uma espécie de detergente que se dissolvia na interface da água e do óleo, permitindo e emulsificação de duas fases, antes imisturáveis.

Amigo de Marietão, uma prostituta já bem “madura” (tenho a impressão que nessa época ela deveria ser uma quarentona), com

muita experiência na profissão e de temperamento afável, os dois resolveram abrir uma espécie de “agência” para a iniciação de meninos na vida sexual, acima dos treze anos de idade. Não sei qual era a percentagem que Ademir ganhava com esse negócio. O que sei era que não faltavam fregueses a 20 mil réis cada um. Claro que tudo isso era feito na clandestinidade. Os pais não sabiam de nada, mas também não perguntavam. Marietão, por seu lado, era um verdadeiro túmulo. Não comentava nada a esse respeito. Tinha até hora marcada. Nem todos os dias ela estava disposta a perder tempo explicando aos neófitos os detalhes importantes para o sucesso da aprendizagem. Como tudo era feito à noite, às escuras, Ademir só podia levar o aluno logo depois da “boca da noite”, já suficientemente escuro para dificultar a identificação do candidato e ainda muito cedo para a chegada dos costumeiros frequentadores das noites no fovôco.

De vez em quando se via uma figura estranha dirigindo-se para a Rua das Pedrinhas. No lusco-fusco dava para se notar que a citada figura tinha uma cabeça e quatro pernas. Em verdade era Ademir levando escondido debaixo de sua capa colonial, mais um novato.

Entre os iniciados nada se comentava. Cada um deles havia passado por sua própria experiência cujos detalhes eram guardados e sete chaves no fundo da sua individualidade.

Apesar do tabu existente sobre o assunto, certo dia se descobriu, não sei como, que um dos rapazes da comunidade santarosense, já com mais de dezessete anos, “homem feito”, muito recatado, ainda conservava sua castidade. Coitado dele. Caiu na boca do povo e imediatamente foi tachado com o apelido de donzelão. A única saída era procurar Marietão, independente do esquema montado por Ademir. Ele já era muito grande para caber embaixo da capa colonial. Com certeza a farsa seria descoberta e as consequências enormes.

Contam que numa determinada noite ele se encontrou com Marietão sem comentar sobre sua inexperiência no assunto. Foi

recebido como se fosse um experimentado freguês. Depois, todo mundo soube que ele lavou o rosto na bacia ali adredemente colocada para a higiene de outras partes do corpo. A zombaria foi tanta que ele sumiu, pouco depois. Dizem que viajou para São Paulo e não mais voltou.

Com as meninas que bem cedo se tornavam mocinhas, a sociedade era muito mais exigente e mesmo cruel. Aliás, esse não era um privilégio de Santa Rosa. Todas as famílias com raríssimas exceções eram extremamente vigilantes com o comportamento das moças. Escolhiam suas companheiras, sua vestimenta, seus brinquedos, não tinham permissão para andarem sozinhas, mesmo em pleno dia, e quando uma delas arranjava um namoradinho, era “um deus nos acuda”, parecia que o mundo ia desabar. As mais velhas, em torno dos dezoito anos, namoravam, noivavam e casavam com a permissão das famílias. Tudo era tão rigoroso que muitas vezes o pai, principalmente, recorria à Maçonaria para fazer uma completa investigação na vida do pretendente. De relatório na mão, o pai decidia e estava decidido.

Alguna mais danadinha, de nariz mais arrebitado, como se dizia, fugia de casa com ou sem o namorado. Muitas constituíram famílias importantes em terras distantes.

Se por algum descuido ou infelicidade uma delas perdia a virgindade, isso equivalia a uma excomunhão, isolamento, ou internamento num convento. O desfloramento era uma pecha que poderia acompanhar a senhorita pelo resto da sua vida. Se o fato caísse no conhecimento do povo, imediatamente aquela pessoa era chamada de “incubada” e, muitas vezes tratada como se fosse uma prostituta. Conheci, durante minha infância em Santa Rosa, pelo menos três delas.

Lourdes (Lulu), filha de uma costureira muito procurada por suas qualidades profissionais e de um fazendeiro (ex-jagunço) que não tirava da cintura um revólver 38. Ela era uma moça muito bonita e por isso sempre procurada para ser a porta-estandarte do mais luxuoso bloco de carnaval de Santa Rosa. Além dessa qualidade ti-

nha uma voz maviosa, era muito simpática e de bons tratos. Certo dia começou a namorar um rapaz tido como bonito, muito simpático, recém-chegado das bandas de Pirangi. Assim que seu pai soube do acontecimento buscou informações sobre o moço e, não imagino por que, não consentiu o namoro.

Os dois, que se diziam apaixonados, resolveram continuar o namoro mesmo sabendo do perigo que corriam. Como não podiam namorar na janela, sentados na sala ou no passeio da casa, resolveram fazer de conta que haviam terminado e se encontravam depois das dez horas da noite, quando seus pais já haviam se recolhido. Ele trazia uma escada e na escuridão da noite subia até a altura da janela do quarto, batia devagarinho para que ela abrisse e entrava. Como o quarto dela era vizinho ao dos seus pais, o que eles falassem ou fizessem deveria ser feito no maior dos silêncios. Corria o boato que o pai dela dormia de pijama e o revólver na cintura.

Eles ficavam juntos durante um bom tempo, quando ele descia a escada e voltava para sua casa. Não demorou muito alguém viu a escada e, quem sabe, maldosamente a retirou da posição que permitia a descida do rapaz. Percebendo que os pais iam sair para verem o que estava acontecendo ele, para não pular no escuro, simplesmente agarrou-se no “olho” de um mamoeiro que cresceu ao lado da famosa janela e escorregou até em baixo.

Correu com tanto medo que se esqueceu da escada, da namorada e da sua camisa. O velho, ex-jagunço, pensando que se tratava de um ladrão, deu dois tiros para o alto. O barulho acordou os vizinhos. Alguns candeeiros foram acesos, porém logo apagados. Ninguém saiu para ver o que estava acontecendo.

Antes que o dia amanhecesse ele, o amado, fez a mala e fugiu para Itabuna, saindo do alcance do “ex-futuro sogro”. Lulu apanhou, teve o cabelo cortado bem baixo e ficou proibida de sair de casa. A fatídica camisa estragou tudo.

Passados alguns meses e com o esfriamento dos fatos, alguém trouxe o endereço do nosso primeiro “Romeu”. Deixando sua pri-

são domiciliar, nossa “Julieta” fugiu. Alguns anos depois minha mãe soube que se casaram, tiveram filhos e viveram felizes às suas maneiras.

Convém relembrar que vivíamos no tempo em que os maridos recém-casados devolviam aos pais suas esposas que não eram virgens antes do casamento. Felizmente, essa mancha preta que maculava a sociedade da época, esmaeceu e desapareceu. Hoje, todos são donos do seu corpo.

Pois bem, mesmo morando e fazendo parte de sociedade tão atrasada e preconceituosa, Ademir espalhou pelos quatro ventos que só casaria depois de “experimental” a pretendente. Chegou pelo que sei, a experimentar uma das namoradas e parece que não gostou. Acabou o namoro e a pobre da moça foi a segunda “incubada” que conheci. Como era filha de uma viúva, portanto sem pai para acertar as contas com Ademir, o delegado de polícia, na época o cabo Serra Negra, foi acionado para tomar as providências. Esbarrou no fato de que a senhorita já era maior de idade e, portanto, dona dos seus atos. Só restava a ela e sua mãe mudarem para outras plagas levando consigo o pesado e doloroso segredo, guardado a sete chaves.

Alguns anos se passaram. Didi criou juízo, tornou-se respeitador, casou-se, constituiu uma sólida e bonita família e, juntos, evoluíram vivendo os modernos tempos atuais.

Quinto fuxico **“Não cai”, meu amigo índio**

A colonização do sul da Bahia para a plantação do cacau e a criação de gado foi empurrando o povo indígena das terras que habitavam desde os primórdios, afugentando ou mesmo dizimando “nações” inteiras através da força dos jagunços contratados pelos colonizadores, “coronéis do cacau” ou grandes fazendeiros, numa verdadeira batalha desigual. De um lado as eficientes armas de fogo, as doenças e a prostituição introduzidas pelos invasores. Do outro, os índios praticamente indefesos contando, apenas, com o conhecimento das matas, de armadilhas primitivas, do arco e da flecha, além da zarabatana e do curare.

Felizmente, antes que todos fossem dizimados ou “incorporados à civilização” e suas terras transformadas em latifúndios cacauzeiros ou grandes fazendas, o Estado da Bahia criou através da Lei Estadual de 1926, a Terra Indígena, hoje chamada de Caramuru-Paraguaçu.

Esse ato governamental fez diminuir, em muito, as tensões existentes. Contudo, paulatinamente e durante décadas, os “brancos” voltaram desta vez com uma nova estratégia. Foram se misturando racialmente com os índios, surgindo dessa miscigenação os “caboclos” que em língua indígena significa “aqueles afastados da mata”, e por isso enfraquecidos, pobres e doentes, terminaram por perder suas principais características raciais e suas terras.

Ainda alcancei, quando menino, os índios morando em tabas ou ocas, seminus e de várias etnias, onde se destacaram contingentes de cariris-sapuiás, de camacãs e de alguns tupis.

Bem pequeno, fiz amizade com um jovem índio chamado “Não cai” que devia ter em torno de dezessete ou dezoito anos e eu, cerca de sete ou oito.

Como nenhum de nós dois tinha dinheiro, aos sábados quando nos encontrávamos na feira ou na venda, fazíamos sempre o mesmo tipo de escambo. Trocávamos carne moqueada de caça que ele trazia, por caramelos recheados, enroladinhos em papel e fabricados pela Indústria Renda-Priori de Recife. Eles não usavam açúcar a não ser aquela contida nos alimentos como frutas e raízes. Os caramelos eram verdadeiros manjares: tinham um valor muito grande como objeto de troca entre eles.

Apesar de a nossa amizade ser vigiada de perto por meu pai e Ademir, eu conseguia burlar a confiança dos dois e encher uma pequena cabaça tampada com um rolete feito com o nó de cana seca e amarrada com cipó, em sua cintura, com cerca de um copo (250 mL) de cachaça. Ainda criança, mas já sabia que era proibido vender ou dar bebidas alcoólicas aos índios (naqueles tempos). Sinceramente, até hoje me arrependo das vezes que, escondido, enchi sua cabaça com pinga.

Todos os sábados ele trazia uma caça moqueada pela fumaça de plantas aromáticas. A maioria era constituída de macaco prego, conhecido como saruê, e alguma espécie de ave como mutum, zabelê, tucano, juriti, codorna e outros. Gostava muito mais, quando ele trazia tatu, anta, veado, paca e adorava quando a carne moqueada era de um bicho novo que ainda não havia experimentado.

Enquanto eu gostava do escambo, mãe detestava. Em verdade, ela sentia uma espécie de mistura de asco e de pena dos bichos. Certo dia, logo no início da amizade com “Não cai” ele trouxe um quarto moqueado de um bicho que aparentava uma jaguatirica pequena (gato do mato). Como ele não sabia o nome do animal, em português e eu não entendia a língua dos índios, ficou como se fosse a jaguatirica. Lembro-me de que mãe deixou cozinhando-o em fogo lento e foi lavar roupas no rio. Suely e eu fomos com ela

para tomarmos banho à vontade. Na volta, perto de meio dia, “morrendo” de fome, quando mãe abriu a porta da casa, ninguém aguentou o fedor de rabugem. “Não cai” trouxe, daquela vez, um pedaço de raposa. Perdemos o almoço e como não dava tempo de preparar um novo, nossa refeição foi escaldado de café com farinha de guerra, manteiga e um pouco de açúcar. A sobremesa foi banana. Esse acontecimento contribuiu em muito para que mãe não quisesse mais aceitar as caças trazidas por “Não cai”.

No sábado seguinte contei para ele o acontecido, tive a impressão que ele entendeu, sorriu, mas queria os caramelos e sua cabaça cheia. Foi difícil convencer minha mãe. Pai, que nunca soube da cachaça ao contrário, achava isso tudo muito bom porque no almoço de domingo tinha sempre uma novidade trazida por “Não cai”.

Talvez caiba aqui, um rápido parêntese sobre um ligeiro fato acontecido cerca de vinte anos depois, relacionado às comidas exóticas trazidas por “Não cai”.

Aos vinte e nove anos já exercendo o cargo de Professor Assistente contratado pela Universidade Federal da Bahia, tive a oportunidade de fazer um ano de *fellowship* em *Psychopharmacology* no *Veterans Administration Hospital*, ligado à Universidade de Califórnia, *Los Angeles* (UCLA) nos Estados Unidos. Antes, já havia passado um ano em bolsa de estudos pesquisando em Neuroquímica, no Serviço do Professor Pierre Gonnard na Universidade de Paris X, Nanterre, França.

Devido a alguns trabalhos publicados em parceria com o Prof. Gonnard fui convidado pela UCLA onde deveria trabalhar como pesquisador, por um período inicial de cinco anos, renováveis por mais cinco.

Infelizmente (ou não), aquele país estava no auge da sua guerra contra o Vietnam e como eu tinha um visto de permanência no país e era médico, fui notificado pelo Serviço de Imigração que poderia servir ao Exército Americano na citada guerra. Mais que depressa troquei de visto de entrada e passei somente um ano na-

quele extraordinário país.

Mas vamos ao que interessa. Certo dia o meu chefe americano o Prof. Williams G. Clark convidou-me para almoçar, juntamente com mais dois pesquisadores importantes na área da Neuroquímica, os doutores David Matsuoka e Dorothea Aures que, naquele momento, visitavam o Serviço de Psicofarmacologia.

Ele escolheu um restaurante muito elegante e fora do Hospital onde conversamos sobre assuntos os mais variados antes de sermos servidos. Quando o assunto chegou em comidas exóticas, o pesquisador japonês, seguido pela doutora alemã, discorrerem sobre seus pratos mais esquisitos. Alguns curiosos, mas eu tinha certeza que quando chegasse minha vez e dissesse que havia comido macaco (saruê), ganharia de todos. Dito e certo. Quando disse que entre vários bichos exóticos eu havia comido macaco, a pesquisadora alemã com os olhos esbugalhados de espanto disse em voz alta: Então o senhor é capaz de comer gente já que são primatas. Nesse momento todos me olharam curiosos com o teor que teria minha resposta. Simplesmente eu respondi: Depende... Além do alívio, todos riram largamente. Naquele instante eu aprendi que o verbo *"to eat"* tem a mesma conotação significativa que no Brasil.

Voltemos ao passado distante. O despertar das histórias da minha infância, içadas do mais profundo do meu pensamento, ressurtem no meio de nuvens que mais me parecem sonhos. Quando tenho alguma dúvida se tal fato realmente aconteceu, pergunto a Suely e, para minha surpresa, quase sempre ela acrescenta um punhado de complementos. Um exemplo dessas reminiscências que para mim mais parecia um sonho foi um casal de periquitos que ganhamos de "Não cai".

O periquito ficou para mim e a suia, ou pequena maritaca, para Suely. Como eram novinhos e aparentemente tinham a mesma idade, nós começamos a cuidar deles, alimentando-os com miolo de pão molhado no leite e caroço de milho verde partido em pedaços pequenos. Cresceram juntos. Um ao lado do outro. Con-

versavam o dia todo. Acho até que namoravam. Certa feita, pegamos o periquito dando comida à suia, transferindo de um bico para o outro, pedacinhos de alimento.

Viveram mais de um ano juntos. Um dia descobrimos que somente o periquito estava na gaiola. Vimos penas pelo chão. Infelizmente, num momento de descuido, um gato comeu a suia. Suely e eu choramos muito. A partir desse dia, o periquito não comeu mais. Tentávamos de todos os jeitos, inutilmente. Até que não mais resistiu à fome e morreu, segundo minha mãe, apaixonado.

De volta a “Não cai”, exímio manejador do arco e da flecha, tinha uma pontaria que, contada, parecia imaginação. Tinha um conjunto de arco e flecha para caçar e outro para pescar. Não conhecia o anzol nem a rede de pesca. Sua pescaria era baseada na impressionante pontaria com flechas pequenas e especiais. Num dos nossos encontros, aos sábados, fomos até o poço da volta, uma curva do rio onde o passar constante das águas e as enchentes escavaram um poço, muito procurado para quem gostava de pescar com anzol. Não se podia usar redes ou tarrafas, pois no fundo do poço além de gravetos tinha muita pedra o que inviabilizava o uso de redes.

“Não cai” pedia que eu ficasse na parte rasa do rio, depois do poço, para resgatar as flechas com ou sem peixe. Ele se posicionava em cima do barranco, diante da parte mais profunda e ficava imóvel, com se fosse uma estátua, arco e flecha prontos. Sem movimento e barulhos externos os peixes voltavam do fundo do poço, onde não eram vistos, para perto da superfície onde se alimentavam de peixes menores como os berés (peixinhos que vivem na superfície das águas dos riachos) e piabas, de eventuais frutas que caíam das árvores crescidas nas margens e, principalmente, de pequenos animais e algas que desciam com a correnteza.

Quando ele enxergava um peixe, mais ou menos graúdo, com movimentos rápidos e certos, atirava a flecha quase sempre acertando no meio do peixe. Ferido, traspassado pela flecha, sem poder nadar, boiava e descia a correnteza quando eu pegava o con-

junto, peixe/flecha e esperava o próximo.

O que mais me impressionava nessa pesca era saber como ele discernia o momento e a direção exatos que deveria atirar a flecha. Peixes não nadam em linha reta. Ziguezagueiam tanto para os lados como para cima e para baixo. Só com muita experiência e conhecimento transmitido pelos índios mais idosos, seria possível essa façanha. Nesse dia, me lembro, ele pescou duas traíras e um jundiá. Guardou para si o jundiá e me deu as traíras.

Meu pai gostou muito da ideia. Sendo a traíra (*Hoplias sp.*) um peixe de muitas espinhas, tanto minha mãe como Suely e eu tínhamos medo de comê-la e nos engasgarmos. Meu pai, contudo, era especialista no assunto. Ele não se incomodava com espinhas. Botava um pedaço do peixe na boca e, enquanto ia mastigando, sua língua separava as espinhas que ele guardava no espaço entre a face interna da bochecha e a gengiva. Depois da deglutição correspondente ele descartava o punhado de espinhas, separadas e limpas. Só ele comia traíras. Aliás, as adorava.

Outra observação interessante. Os índios, pelos menos no passado, formavam com a natureza um sistema equilibrado que não interferia na mudança do ecossistema. Viveram séculos nas matas sem levarem à extinção nenhuma espécie animal ou planta. Muito diferente do homem branco, invasor e destruidor de etnias, da fauna e da flora. Verdadeiro criminoso ecológico.

Corria um boato entre os habitantes de Santa Rosa que “Não cai” e outros índios do Posto Caramuru-Paraguaçu, eram tão bons no manejo do arco e da flecha que podiam acertar um diminuto alvo fixo, atirando de costas para o dito cujo. Ademir, que também conheceu “Não cai”, angariou uns trocados com os amigos e interessados em esclarecer aquele boato, ofereceu a quantia a “Não cai”, desafiando-o. Prevendo um ganho fácil, o índio aceitou o desafio.

O grupo de oito curiosos que financiaram o desafio, Ademir que comandou e eu como espectador, fomos em direção à beira do rio onde deveríamos encontrar um lugar, relativamente afastado

das casas e, portanto, menos arriscado a acidentes. Quando passávamos ao lado do quintal da casa de Benedito Tamanqueiro vimos um quarador de roupas feito de estacas e arame que pareceu a “Não cai” como um bom lugar para a realização do desafio. Todos pararam e ficaram aguardando com atenção o desenrolar das preparações. Ele perguntou se alguém tinha um lenço de pano. Mundinho, um dos espectadores, retirou o seu lenço do bolso e o entregou a “Não cai”. Ele o estendeu sobre o quarador, caminhou alguns passos numa determinada direção, repentinamente meteu o dedo indicador na boca, tudo isso em silêncio e sob a atenção de todos. Retirou o dedo umedecido no cuspido, esticou o braço para cima e mediu a direção do vento através da saliva que secava. Colocou-se de costas para a direção do vento, ajoelhou-se com um só joelho, colocou a maior flecha que carregava e em cuja extremidade contrária à ponta tinha encastradas várias penas de papagaio, esticou o arco quase ao máximo e atirou para cima, em direção às nuvens. A flecha zuniu e quase sumiu diante do olhar de todos. Vimos quando ela fez a volta e iniciou sua descida que, finalmente, terminou encravada no centro do lenço de Seu Mundinho.

Todos ficaram boquiabertos diante de um fato aparentemente inacreditável.

Seu Mundinho ganhou um lenço furado, “Não cai” recebeu sua flecha de volta, embolsou seus trocados, atravessou o rio e sumiu no caminho em direção ao Posto Caramuru-Paraguaçu. Dispersamo-nos ainda chocados, sem acreditarmos direito naquilo que tínhamos acabado de ver.

Não sei por que razão “Não cai” começou a rarear suas vindas, aos sábados, até que não veio mais. Talvez tenha voltado à mata dos seus ancestrais. Contudo, antes de desaparecer, me deu de presente um arco e uma flecha, pequenos, mas verdadeiros, com os quais brinquei muito.

Tornou-se costume termos em quase todos os almoços dos sábados um prato feito com uma caça diferente. “Não cai” contribuiu em muito para este hábito alimentar. Aliás, naquela época

não existiam os controles, as leis e os órgãos que, felizmente, frearam quase que totalmente, o consumo dos animais silvestres. Hoje existem fazendas que criam algumas espécies para o consumo ou para aproveitamento industrial do couro, por exemplo.

Pois bem. Num sábado, bem cedinho, a feira ainda não tinha iniciado, algumas barracas estavam sendo armadas, meu pai distribuía com seus fregueses o leite, como fazia todos os dias, quando chegou na venda um senhor de nome Justo (que ironia). Ele trazia dentro de um saco um bonito mutum, já despenado e tratado, que havia caçado naquela madrugada. O Seu Justo era conhecido de meu pai e de todos aqueles que esperavam serem despachados com o leite. Ele morava na ponta da rua, perto da fazenda do Seu Eurípedes Teixeira e seu único defeito aparente era encher a cara de cachaça nos fins de semana. Diziam que ele bebia para esquecer uma grande decepção familiar, guardada em segredo. Tirante esse defeito, parecia um sujeito sério, portanto, fazia justiça ao seu nome “Justo”.

Na frente de todos, ele abriu o saco, retirou o mutum e o ofereceu a quem quisesse comprá-lo. Meu pai se animou, mas achou o pássaro de carne meio roxeada, muito grande e sugeriu comprar a metade. Nesse momento, Seu Mundinho que também esperava o leite, aceitou comprar a outra metade.

Coincidentemente o sargento Josafá, delegado de polícia em exercício, veio buscar seu quinhão de leite e vendo a beleza do mutum, lamentou não ter tido a oportunidade de comprá-lo, também. Meu pai e Seu Mundinho, cortesmente, decidiram dividir o mutum em três partes, contentando o delegado. Negócio fechado e devidamente pago, peguei a parte que nos cabia e levei para mãe prepará-la para o almoço daquele sábado. Ela não gostou muito, mas preparou um escaldado de mutum com legumes, uma delícia. Meu pai e eu nos deliciamos. Nem mãe nem Suely comeram. Não sei por quê. Almoçaram outras coisas.

Suponho que Seu Mundinho e o delegado Josafá também se deliciaram com o mutum.

Tudo deveria terminar por aí, naquela tarde de sábado. Contudo, vendo-se com dinheiro na mão, Seu Justo resolveu afogar suas antigas mágoas com várias doses de destilada. Bebaço, sem coordenação e sem saber o que estava dizendo, ao invés de ir para casa dormir, clamava para os quatro cantos que havia vendido urubu ao delegado.

Não demorou muito o sargento Josafá soube do boato e destacou o soldado Odilon para se certificar do acontecido. Aos troncos e barrancos, cai aqui, cai acolá, Justo, agora acompanhado do soldado, chegaram até o terreiro da sua casa. Lá ainda estavam, as penas, a cabeça e os pés de um vistoso urubu-rei (*Sarcoramphus papa*).

Constatada a veracidade da esperteza, o soldado Odilon apresentou Seu Justo ao sargento Josafá que do alto da autoridade do seu cargo o trancafiaou durante o restante do fim de semana. Na segunda-feira foi libertado da prisão, encabulado e cabisbaixo teve que atravessar várias ruas até chegar à sua casa onde passou uma semana sem descer ao centro da vila, envergonhado.

Aqui cabe a meu ver, uma pequena explicação. O abutre chamado urubu-rei tem essa alcunha devida, principalmente, ao seu imponente tamanho. Seu corpo é coberto de penas brancas, seu pescoço rodeado de penugens azuladas e a parte externa das asas com penas pretas. Por ser mais valente e de garras mais poderosas é o primeiro que come a carniça. Seus primos, mais modestos os simples urubus (*Coragyps atratus foetens*), só começam a devorar o animal morto após a refeição do urubu-rei, dizem.

Por outro lado a natureza é admiravelmente sábia. Construiu todas as proteínas dos seres vivos, não interessa qual, com apenas 20 aminoácidos. Reduzindo à expressão mais simples, todas as carnes, não importa as origens, possuem os mesmos vinte aminoácidos. Daí o sábio provérbio popular: “O que os olhos não veem o coração não sente”.

Ainda insistindo nas lembranças quase apagadas do meu amigo “Não cai” que, como disse, desapareceu e, considerando o

volume de água que passou por debaixo dessa ponte de recordações durante todos esses anos, há muito que ele já retornou ao seu “Tupã” (Deus na língua Tupi). Voltou, entropicamente, à energia total desse nosso universo multidimensional. Mesmo assim gostaria de relacioná-lo ao que se segue.

Lá perto da fronteira da imaginação, quando ainda brincava com o arco e flecha, presente de “Não cai”, lembro-me que minha irmã Suely, apesar da diferença de idade de quase dois anos, era uma excelente companheira das muitas brincadeiras que inventávamos. Por exemplo: Tínhamos uma língua própria para nos comunicarmos, evidentemente uma imitação da língua indígena ainda falada, principalmente na feira e no Posto Caramuru-Paraguaçu. Eu a chamava de “kauípe” e ela a mim de “Ingacafúa”. Criamos vários nomes que usávamos em nossas brincadeiras. “Esnan” significava onça; karnancô, homem branco; “sapucaia”, homem negro; “karnancô-sapucaia”, mestiço.

Apesar de ter sido uma brincadeira entre duas crianças gostaria de ter guardado mais palavras. Hoje, quando queremos carinhosamente, agradar ao outro, nos chamamos de “kauípe”. Virou um código entre nos dois.

Sexto fuxico Os empregados da “A Violeta”

Durante os 35 anos que “A Violeta” funcionou, meu pai empregou, relativamente, poucos caixeiros. Lembro-me, com mais detalhes, de apenas três. O primeiro deles foi tio Cassimirinho. Em realidade era meu primo, filho de tio Olegário, irmão do meu pai pelo lado paterno, portanto um dos filhos do meu avô Caboronga com sua primeira esposa, D. Ludugera.

Segundo minha mãe, quando ele chegou do “norte” para trabalhar com pai, ainda morávamos em Itabuna e eu ainda “chupava dedo”. Aliás, era um viciado, só dormia “chupando o dedo polegar” da mão direita. Foi trabalho difícil me fazer esquecer esse tipo de afago. Tio Cassimirinho ajudou muito. Todas as vezes que ele me via “chupando o dedo” fazia o gesto de abanar o nariz com sua mão e resmungava baixinho, duas ou três vezes “fum! fum!”, como se chupar dedo fedesse. Eu reagia chorando e, para me acalantar, voltava ao dedo polegar. Somente deixei o hábito quando meu pai usando uma técnica definitiva e irreversível, passou bosta de galinha no meu dedo preferido.

Por falar em bosta, quando ainda engatinhava, mas já sabia sentar no chão e começava a ficar em pé, segurando em algum objeto, tio Cassimirinho contou que eu gostava muito de brincar batendo nas taboas do assoalho, uma colherinha de alumínio. Certa feita, mãe deixou-me sozinho sentado na sala, batendo no chão com minha colherinha preferida e foi resolver algo na cozinha. Quando percebeu que eu não fazia mais barulho e tudo estava muito silencioso, ela voltou à sala e me pegou com a colherinha cheia de cocô e

toda a área ao redor da boca, suja. Devo ter comido um pouco, não sei quanto. Apesar da preocupação de minha mãe com o ocorrido, tudo voltou à normalidade depois de um bom banho. No passado comi merda. Hoje engulo sapo... Será que fiz algum progresso?

Voltando ao meu pai, ele sempre foi um homem decidido. Quando resolvia executar uma tarefa, fazia sempre pelo método mais simples e quase nunca voltava atrás. Um dia, tio Antônio Caboronga seu irmão bem mais novo, filho primogênito de meu avô com Dona Angélica, em seu terceiro casamento e que veio do "norte", foi agente involuntário de uma dessas suas decisões.

Entre a margem esquerda do rio cachoeira e o fundo do quintal da nossa casa em Itabuna, existia um pequeno espaço de chão lamacento onde alguns meninos jogavam bola, inclusive tio Antônio. A bola, comumente usada nas brincadeiras era feita com uma bexiga de porco cheia de ar, com os uretérios e a uretra vesical amarrados de cordão e invertidos para dentro da bola. Chuteira nem se conhecia. Era todo mundo de pés descalços e enfiados na lama fresquinha da margem do rio.

Tudo corria na maior animação. Porém, ninguém sabia que existia parcialmente enterrado na lama, um caco de vidro de uma garrafa quebrada. Numa daquelas coincidências infelizes a bola de bexiga parou ao lado do caco de vidro. Tio Antônio não viu a armadilha pronta. Chutou os dois, a bola e o caco de vidro. Quando ele sentiu que havia sido cortado na parte anterior da planta do pé, bem abaixo do dedão (artelho maior), correu para o rio e lavou o corte para retirar, o máximo possível, a lama suja.

Voltou para casa, sangrando muito. Imediatamente, antes mesmo de saber o que havia acontecido, meu pai encheu a ferida profunda com pó de café e açúcar, para estancar o sangue. Imagino que a lesão mereceria, pelo menos, uns seis pontos. Dois internos e quatro externos. Como não existia essa possibilidade, amarrrou com um pano e recomendou que ele andasse com uma muleta improvisada para evitar esforços que dificultassem a cicatrização da ferida.

Evidentemente que os microrganismos, abundantes em quan-

tidade e qualidade, no ambiente e no pé de tio Antônio, fizeram a festa.

Mãe o obrigava lavar diariamente o pé com infusão de folhas de “maravilha” (*Hamamelis virginiana*, L) ou de malva branca (*Malva parviflora*) e mudar o pano. Contudo, a ferida não cicatrizava. Como aquilo estava demorando muito e impedindo tio Antônio de trabalhar, meu pai resolveu, literalmente, acabar com a vida mole dos microrganismos locais, explodindo o pé do seu infortunado irmão por parte de pai.

Parece que estou descrevendo uma cena surrealista, absurda, mas foi o que ele próprio me contou, quando já estudava Medicina. Será que veio daí minha vocação para médico? Não sei, tenho dúvidas.

Vamos aos fatos: ele pediu a tio Antônio que apoiasse o pé numa cadeira, desenrolou o pano que cobria a ferida, abriu as bordas da lesão e encheu, em toda a sua profundidade com pólvora a granel que ele vendia aos caçadores. Tio Antônio, a essa altura, já esperneava de dor. A pólvora contém salitre do Chile, (nitrato de potássio, um sal que arde muito quando em contato com a pele lesada. Imagine numa úlcera).

Se deixasse a pólvora ali por um tempo, muito provavelmente, o salitre, o pó de enxofre, o carvão em pó e o perclorato de potássio que a constituem e são bactericidas, poderiam, quem sabe, curar a ferida. Mas não. Ele riscou um fosforo e tocou fogo na pólvora. A explosão que demorou milissegundos e deve ter alcançado, em torno de 5.000 graus de temperatura, carbonizou, instantaneamente, todas as bactérias e outros microrganismos presentes. Pouco tempo depois, a úlcera fechou.

Fico imaginando a dor que tio Antônio deve ter sentido no minuto seguinte à combustão da pólvora. Coitado, deve ter deixado escapar uma boa mijada. Compreensível.

Tio Tonho, como era carinhosamente chamado chegou a fazer parte da caravana que veio para Santa Rosa, mas, demorou pouco. Mudou-se para Guarapari, no Estado do Espírito Santo e,

passados muitos anos sem dar notícias, soubemos que ele faleceu de problemas cardíacos.

Como previsto, tio Cassimirinho continuou trabalhando em "A Violeta" e, depois de fazer "um pé de meia", foi buscar o restante da sua família constituída dele, o mais velho, Newton, Maria, Hildenor e Alfredinho que marcavam passos no "norte", sem nenhuma chance, até mesmo de sobrevivência.

Depois de muito esforço, conseguiram vender, por quase nada, a pequena roça onde moravam, arrendaram um "pau de arara" e chegaram a Itabuna, por volta de 1946, mesmo ano da chegada de Ademir.

Como não tinham quase nenhum recurso, não podiam nem mesmo pagar uma pensão em Itabuna para, com calma, planejarem a viagem até Santa Rosa. Com o pouco que restou conseguiram alugar um burro e um guia, conhecedor daquelas matas cheias de índios e de onças e fundaram o pé, enfrentando todo tipo de dificuldades. Felizmente não trouxeram malas. Cada um colocou seus pertences mais apegados, duas ou três mudas de roupa dentro de sacos que eram mais leves e mais fáceis de amarrar na cangalha do animal. Quando a noite caía, eles pediam rancho nas fazendas de cacau.

Como eram desconhecidos, sempre dormiam no secador ou no chão do armazém das amêndoas secas. Para se livrarem das muriçocas dormiam de roupa e sapatos e, quando achavam, se cobriam com sacos vazios para se protegerem do frio.

Chegaram a Santa Rosa depois de três dias de viagem. Cansados, sujos e famintos, ficaram hospedados no fundo da venda e faziam as refeições lá em casa, até que meu pai alugou uma casa para onde se transferiram.

Tio Cassimirinho voltou a ajudar meu pai na venda e Maria assumiu os afazeres da "nova" casa. Newton começou a aprender as artes ligadas ao couro e se destacou como arrieiro e sapateiro. Ele era tão jeitoso para trabalhos manuais que aprendeu e trabalhou em várias outras profissões como relojoeiro e consertador de rádios. De Alfredinho, tenho uma tênue lembrança. Como nunca se adaptou à vida em Santa Rosa, depois de muito tentar, viajou

para São Paulo e desapareceu. Não mais deu notícias.

Sua irmã Maria começou a namorar “Tito do Mundo Novo”, um jovem fazendeiro que possuía alguns alqueires de mata atlântica situados dentro das terras dos índios, ao lado de um lugarejo chamado de Mundo Novo. O namoro durou pouco. Logo noivaram, casaram e foram morar na roça. Como tinham muito trabalho para o desmatamento e feitura dos pastos, além de pouco dinheiro para contratar trabalhadores, resolveram chamar os irmãos de Maria para ajudá-los. Só tio Cassimirinho foi. Newton estava aprendendo uma arte, Hildenor foi substituí-lo na venda, ajudando meu pai e Alfredinho era ainda muito pequeno para esse tipo de trabalho duro.

Hildenor ou Hildo (seu apelido), era um jovem moço de finos tratos, grácil e elegante. Suas roupas eram simples, porém sempre limpas e engomadas por ele mesmo. Gostava da leitura e que eu saiba, foi a única pessoa que leu alguns romances, naqueles tempos em Santa Rosa. Sabia quem era Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. Fazia doces finos como ninguém. Mãe adorava seus livros de receitas escritos à mão, com letra impecável. Criava e desenhava vestidos modernos e muito avançados para a época. Sendo minha mãe uma excelente costureira fizeram uma dupla que vestiram muitas noivas, inclusive recebiam encomendas de outras vilas e até de Itabuna.

Sentia-se no ar, uma diferença enorme, mesmo gritante, entre os modos de vida de Ademir e os de Hildenor. Eram inteiramente opostos. Enquanto Hildo desenhava bonecas vestidas dos mais bonitos vestidos, Ademir buzinava nos peitos das mulheres que levavam gamelas de roupas para lavar no rio ou latas cheias de água para suas casas. Eram primos, mas não se falavam. Aliás, não tinham o que falar. Suportavam-se apenas.

Quando eu tinha em torno de nove anos e era bom estudante de Ciências Naturais, sem que meu pai soubesse, sempre repetia a mesma experiência à procura de uma explicação que nunca achava. A dita experiência era a seguinte: No fundo da venda eram armazenados os sacos de açúcar e os de sal grosso, separados uns dos outros e arrumados sobre o assoalho onde algumas tábuas fo-

ram arrancadas. Ele fazia isso para que a umidade, principalmente vinda do sal não destruísse os pregos e as madeiras.

Frequentemente, sem que ninguém visse, eu urinava num saco de sal grosso e notava que, apesar de eu ter dado uma boa urinada, não saía nada do outro lado do saco. Contudo, quando eu urinava num saco de açúcar, quase que imediatamente a urina atravessava o saco e caía do outro lado. Isso me deixava realmente encabulado.

Somente depois de muitos anos, já cursando o ginásio em Salvador, aprendi que sendo o sal muito higroscópico ele retinha a urina, enquanto o açúcar se dissolvia nela e escorria para fora do saco. Confesso que repeti a experiência muitas vezes e não descobria a explicação para fenômeno tão interessante.

Numa dessas repetições, estava no meio de uma nova experiência quando Hildo apareceu, aproximou-se de mim e perguntou: "Quer que guarde seu pinto?"

Fiquei sem graça, assustado, guardei imediatamente o dito cujo e disse-lhe em voz alta: vou contar a meu pai. Ele me implorou para que não contasse e prometeu que não mais repetiria a pergunta. Sabia que se meu pai tomasse conhecimento do acontecido, não posso nem imaginar qual teria sido sua reação.

Naquela época, a simples descoberta de um homossexual morando na comunidade da vila, mesmo que nunca tivesse praticado nenhum ato libidinoso, era literalmente expulso e, algumas vezes, debaixo de tapas e pontapés.

Crescido e cada vez mais reprimido, a ponto de explodir seus sentimentos, fugiu de Santa Rosa, na calada da noite, escondido de todos. Levou poucos pertences, os mais necessários.

Depois de mais ou menos uma semana, minha mãe foi até a casa onde ele morava e guardou tudo aquilo que lhe pertencia. Chorosa, fechou uma mala grande com seus pertences e guardou a chave. Somente ela conhecia alguns detalhes da personalidade de Hildo, seu afilhado e companheiro de culinária e costura.

Ninguém soube para onde ele teria ido, falou-se, inclusive, em suicídio. Contudo, passados uns três meses minha mãe recebeu

uma carta, por um portador, revelando que ele estava morando num distante bairro da cidade de Jequié, chamado de Jequiezinho. Havia arranjado um emprego de professor primário leigo na prefeitura local e tinha iniciado outra vida, onde era desconhecido. Caprichoso e educado, rapidamente ganhou a confiança da população do bairro e a fama de bom professor.

Certo dia resolveu consultar um numerólogo (profissional esotérico que acredita desvendar os segredos da vida do cliente e sua inclusão na sociedade, através da manipulação dos números e símbolos), que chegou à seguinte recomendação: Se o senhor quiser prosperar na vida terá que mudar de nome. Seu nome, Hildenor dos Reis Rodrigues deverá ser mudado para Hildenfor Rodrigues dos Reis. Com essas mudanças, sua vida será de prosperidade, ditou o numerólogo. Ele acreditou na profecia, mudou de nome e de vida. Eu, que o chamava de Hildo, passei a chamá-lo de Fildo.

Reconhecido pela sociedade local, casou-se, teve duas filhas e foi vereador por vários mandatos. Chegou a exercer a Presidência da Câmara da cidade. No entanto, aquilo que se chama de “instinto” biológico o corroía internamente. Ele terminou arranjando um jeitinho para manter seus encontros. Guardava em sua casa, as carteiras de identidades e outros documentos de muitos dos seus “amigos”. Isso era motivo e desculpa para encontrá-los de quando em vez.

Viveu a dubiedade de sua personalidade até que contraiu AIDS e faleceu. Deixou sua esposa amparada por confortável herança e suas filhas já adultas, educadas e encaminhadas na vida.

O empregado da venda que mais durou foi Henrique. Trabalhou dezesseis anos seguidos e era tão ligado à nossa família que, praticamente, morava conosco; só ia para sua casa, dormir. Filho do “véio Marques da quitanda”, um trovador muito hábil, cuja diversão era cantar coco com os desafiantes vindos de longe. Sua fama como repentista atraía muitos espectadores quando era desafiado. Havia até apostas para ver quem derrubava o outro na trova.

O “véio Marques” era paralítico, passava o dia na sua quitanda, recostado numa espreguiçadeira. À noite, depois de fechar a

quitanda, era transportado para sua cama. Movia, muito mal o tronco e o pescoço, mas, mesmo assim tocava muito bem sua viola nos desafios dos cocos.

Henrique chegava cedo tomava a bênção a pai e a mãe, ajudava abrir a venda e ficava atendendo os primeiros fregueses, enquanto meu pai esperava o leiteiro com o leite vindo da roça de gado, dentro de dois vasilhames fechados por cadeados e no lombo de um burro. O cadeado tinha uma explicação bem evidente. No percurso de três quilômetros entre a roça de gado e a venda onde o leite chegava, o leiteiro passava pelo “córrego verde” e pelo “rio da água preta”. Alguns deles não todos, costumavam “baptizar” o leite com a água do rio. Com a venda do leite “baptizado”, sobrava um dinheirinho para eles tomarem um ou mais copos de mingau, arroz doce ou mugunzá acompanhados de “brevidades” (bolachas de polvilho, açúcar e ovos).

O leite que meu pai vendia era garantido. Isso evitava brincadeiras não muito bem toleradas, como aquela feita, uma vez, por Cassimirão. Meu pai viajou e pediu a tio Garcia, seu irmão mais velho, que distribuisse o leite entre os fregueses costumeiros. Tio Garcia era um deles. Pois bem. Nesse dia, o leite acabara de chegar, todos estavam silenciosos, à espera de serem servidos, quando Cassimirão quebrou o silêncio e soltou a brincadeira que não devia. Falou em voz alta: Garcia, minha mulher achou uma piaba nadando dentro do leite que levei ontem. Tio Garcia olhou para ele, em silêncio. Não disse nada. Todos notaram que a brincadeira caiu muito mal e à medida que eram servidos se afastavam silenciosos.

Era muito divertido escutar as histórias e as conversas comentadas por fregueses que esperavam o leite, cada qual com seu vasilhame, geralmente de alumínio, alguns deles, senão a maioria, eram areados e tão limpos que brilhava com o sol nascente da manhã, bem cedo.

Gostava de observar as chegadas dos meus dois tios na busca das suas cotas de leite. Tio Garcia, o mais velho, chegava em silen-

cio e meu pai quando o via desejava-lhe um bom dia sempre com a mesma frase: Bom dia, Garcia, e ele respondia: Bom dia, Simplicio. Quando era tio João que chegava e por ser mais novo que meu pai, era ele que primeiro desejava o bom dia. Só então meu pai respondia: Bom dia João. Uma vez obedecida a hierarquia, agora podiam falar livremente. Como era diferente e bonito o tempo dos nossos pais e avós...

Cassimirão, por sua vez, tinha sua maneira particular e curiosa de saudar meu pai quando o via pela manhã. Todos os dias ele repetia a mesma coisa. Aliás, aqueles que estavam esperando a distribuição do leite já sabiam de cor e salteado a "sabedoria" do Cassimirão.

Assim que chegava perto do meu pai ele dizia: Bom-dia seu colega. Após a resposta do bom-dia, ele emendava com a seguinte constatação: "É, seu colega. Esta vida é um fato. Escorrido é uma tripa. Cozido é uma fatada e comido é uma cagada". De tanto ouvi-lo recitar esses versos, alguns sorriam outro não. Depois de receber sua porção de leite ele se afastava e se dirigia para sua residência.

De volta a Henrique. Vou apresentá-lo como uma pessoa prestativa, educada, incapaz de responder com grosseria, além de trabalhadora e sempre alegre. Chegava até parecer estranho como uma pessoa tão pobre, arrimo de uma família de cinco pessoas com o pai paralisado e a mãe torradeira de café, esbanjasse tanta felicidade de viver. Henrique, praticamente não teve uma infância normal nem se importava com isso. Aprendeu apenas a ler na escola do professor Durvallindo. Escrever e fazer contas aprendeu por esforço próprio trabalhando no balcão. Muitas vezes, quando passava férias em Santa Rosa, eu o ajudava a desenvolver sua caligrafia e seus parcos conhecimentos de aritmética. Apesar de um pouco mais velho, crescemos praticamente juntos e fomos grandes amigos.

Apesar de todas suas qualidades, ele tinha um defeito que o atrapalhou durante toda sua vida. Acreditava sempre nos outros. Não tinha desenvolvido nenhuma malícia para desconfiar de alguém, mesmo quando esse alguém já dera claros motivos, percebidos por todos, menos por ele. Sofreu muito por isso.

Já rapaz, querido e respeitado, arranhou uma namorada, por

sinal, uma moça muito bonita de rosto fino, cabelos longos, de andar jeitoso e uns dois anos mais jovem. Porém, como nada neste mundo é inteiramente perfeito, o pai dela “Seu Tonho Bigodão” era um poço de ignorância. Corria a fama que ele nunca fez a barba com “Gillette” aparava a dita cuja com seu fação “corneta” de 20 polegadas e mais afiado que uma navalha. Dizem que ele lutou com uma onça que o atacou enquanto trabalhava em sua roça e a matou com golpes desferidos com o citado facão. Era a brabeza personificada e, ainda por cima, era gago. Daquele tipo que quando aborrecido não conseguia falar nada. Travava tudo. Nessa hora, ai de quem sorrisse de sua gagueice...

Pois bem. Henrique enfrentou a fera e pediu permissão para namorar sua filha, sentados no passeio da casa dela. Só tinha permissão para namorar entre as sete da noite e até quando terminasse o Repórter Esso, em torno das oito e meia. No início, esse horário foi estritamente controlado e, como tudo, foi relaxando aos poucos até chegar quase às dez horas. Finalmente, Seu Tonho Bigodão não era tão bravo com pintavam.

Henrique esbanjava felicidade e resolveu apressar, um pouco as etapas. Tomou coragem e enfrentou novamente o bigode do futuro sogro e pediu-lhe a mão da sua filha em casamento. Naquele mesmo dia oficializou o noivado, usando com galhardia a aliança na mão direita. Henrique nunca trabalhou tanto. Juntava todo dinheiro extra para comprar o enxoval mais fundamental. Coisas de luxo viriam depois. Meu pai, minha mãe e outros amigos cooperaram com variados presentes.

Tudo fluía para a marcação do casamento quando, de repente, chegou em Santa Rosa um representante de produtos farmacêuticos com seu jipe cheio de remédios diversos que ele distribuía como se fosse médico e, aproveitava a viagem para vender aos donos das farmácias a renovação do estoque. Foi um acontecimento extraordinário para o povo de Santa Rosa a chegada daquele jipe.

Naquela época ainda não existia a estrada Santa Rosa/Camacan. Ele conseguiu chegar passando por buracos, poças de lama,

atravessou riachos e “mata-burros”, usando a estrada dos tropeiros e a tração nas quatro rodas do seu carro. À noite, quando ele ligava os faróis do jipe iluminava ruas e praças, quando ele tocava a buzina todos ouviam, inclusive a noiva de Henrique. Ela, cheia de curiosidade, juntou-se a outras moças e foram até a pensão de Dona Rosa, a melhor da Vila, para ver mais de perto o senhor “Representante de Remédios”.

Em realidade ele era um dos filhos de um grande fazendeiro que morava ao lado da serra do Badaró, alguns quilômetros a oeste de Santa Rosa. De nome Francisco Freire (Chiquinho) havia deixado a região e foi morar em Ilhéus onde fez o estudo primário, conseguiu o emprego de Representante de Remédios e deve ter vindo a Santa Rosa para mostrar o seu progresso.

Ao ver a noiva de Henrique, segundo contam, “caiu de amores” diante da sua beleza. Procurou inteirar-se a respeito da moça e lhe avisaram que além de ser noiva, com casamento marcado, era filha de Seu Tonho Bigodão, homem muito valente e destemido. Parece que essas advertências funcionaram como estimulante desafio, tanto que no dia seguinte, antes de procurar vender seus remédios, foi tentar conquistar a simpatia da moça convidando-a para um passeio de jipe.

Quase que instantaneamente todos em Santa Rosa que acompanhavam discretamente o noivado de Henrique, souberam do acontecido e, alguém mais próximo avisou dos boatos que rapidamente surgiram, aos dois maiores interessados: Henrique, o noivo ferido e ao Seu Tonho Bigodão, pai da noiva.

Os dois partiram para a defesa com estratégias diferentes. Henrique usando da sua educação e disposto a perdoar esse “pequeno desliz” atribuindo-o à falta de maturidade da jovem noiva, tentou convencê-la da seriedade dos seus planos e importância dos seus atos. Já o Seu Tonho Bigodão usou uma estratégia diametricamente oposta. Procurou o senhor Chiquinho Freire e olhando-o nos olhos, disse-lhe categoricamente, que ele voltasse ao seu trabalho e deixasse em paz sua filha que era uma moça noiva e honra-

da. Chiquinho nada respondeu. Seu Tonho Bigodão voltou à sua casa e recomendou à sua filha que evitasse encontrar-se com o forasteiro e respeitasse o seu pacífico noivo.

De nada adiantaram as providências tomadas. Parece até, que as ponderações oferecidas surtiram o efeito contrário. Agora, a moça andava de jipe, não digo acintosamente, mas despreocupadamente como se não fosse noiva. Não se incomodava com a língua do povo nem com a vergonha que Henrique passava. Porém, quando Seu Tonho Bigodão chegou da roça, no finzinho da tarde e tomou conhecimento do rebuliço, o sangue ferveu em suas veias. Chamou a menina e disse-lhe, sem gaguejar: (A raiva deve ter curado, momentaneamente, sua gagueira) Já lhe falei da sua responsabilidade como moça noiva do senhor Henrique. Parece que você não me ouviu. Portanto, vou fazer uma nova recomendação e espero que você ouça com toda atenção. Lembre-se de que eu não sou homem de duas palavras. Ainda sem gaguejar ditou: Termine com qualquer envolvimento com esse homem do jipe, volte usar sua aliança e vá pedir perdão ao seu noivo entristecido. Se você persistir nessa besteira que só faz nos envergonhar eu lhe dou uma surra de chicote, raspo seu cabelo com o fio do meu facão e boto você sentada no passeio da casa, durante uma semana para que todos vejam como deve proceder uma moça de família pobre, mas respeitada.

De facão na cintura saiu à procura de Chiquinho Freire. Não demorou a achá-lo jogando baralho na pensão de Dona Rosa onde estava hospedado. Ao vê-lo na sala, junto aos outros hóspedes, entrou sem saudar nenhuma das pessoas que estavam presentes, caminhou em sua direção, segurou no colarinho de sua camisa e o levantou da cadeira. Cara contra cara, sem gaguejar, mais uma vez, sentenciou: Escute, moço, ou o Senhor acaba com essa perturbação para o lado de minha filha ou eu mesmo lhe capto. Espumando feito um touro bravo, cusbindo na cara do atônito Chiquinho Freire, recomendou-lhe que desaparecesse de Santa Rosa o quanto antes. Soltou seu colarinho e saiu como havia entrado. Não se despediu de ninguém.

O delegado de polícia na época era o cabo Serra Negra, igual-

mente embrutecido e violento. Questionado para saber qual era sua opinião a respeito do acontecido ele respondeu que se isso tudo fosse com ele, faria igual. Agora Tonho Bigodão contava com a anuência, digamos a compreensão, da polícia para suas ameaças.

Santa Rosa em peso acompanhava o desenrolar dos fatos e agora, depois desses sérios avisos todos respiravam mais ou menos aliviados esperando que Chiquinho Freire fosse vender seus remédios em outras plagas e que a menina voltasse a se ocupar do seu casamento com Henrique.

Grande engano. Na madrugada seguinte, enquanto todos dormiam inclusive Tonho Bigodão, o casal de apaixonados fugiu de jipe na direção de Itabuna. A sorte estava lançada. Henrique que ainda nutria alguma esperança de realizar seu atribulado sonho desistiu e espalhou aos quatro ventos que tinha desfeito seu noivado e se recolhido ao seu mundo de mágoas e desgosto.

Não demorou muito, apenas o tempo de providenciar o necessário, todos vimos Tonho Bigodão passar devagar e acintosamente pela rua principal de Santa Rosa, montado num burro e armado até os dentes. Parecia uma figura de Lampião. Além de duas cartucheiras cheias atravessadas em seus ombros, dava para ver um revólver na cintura e dois fuzis conhecidos como “repetições de papo amarelo”, um cada lado da cela. Apesar de todo esse armamento, não esqueceu o seu estimado facão “corneta” de 20 polegadas. Acompanhando-o, poucos passos atrás, vinha um jagunço, igualmente armado, contratado para facilitar o trabalho.

Talvez porque não acreditasse nas promessas feitas por Tonho Bigodão, o casal de recém-fugidos resolveu pernoitar numa pensão na Vila das Pratas, no caminho para Itabuna e, quem sabe, completar a “lua de mel”.

Nessa época, estavam construindo a estrada de barro batido que ligava Camacan a Itabuna e que, muitos anos depois seu traçado foi aproveitado pela BR-101. Quando chovia, o que era uma constante, nem jipe passava. Tonho Bigodão e seu capanga viajaram o restante do dia e a noite toda. Imagino que não pararam

para nada nem conversaram, tampouco.

No outro dia, bem cedo, eles alcançaram o casal fugitivo. Esperaram que eles saíssem da pensão para não chamarem a atenção. Enquanto Tonho Bigodão procurava um lugar afastado da vila para capar o ainda incrédulo representante de remédios, seu jagunço iniciava, vagarosamente a volta para Santa Rosa com a menina.

Chiquinho Freire foi amarrado num árvore e castrado como se castra um novilho, esmagando cada testículo com uma paulada firme e forte. A dor foi tão grande que ele desmaiou na primeira paulada e, quando acordou estava sendo transportado para Itabuna onde ficou internado até tratar a enorme orquite traumática.

Quem viu disse que seus testículos pareciam dois abacates. Recomposto das cirurgias, mudou-se para São Paulo e, nunca mais voltou a Santa Rosa, que eu saiba.

Tonho Bigodão de volta à sua casa, não considerou nenhum pedido de clemência feito por alguns amigos a favor de sua filha. Fez o que prometera. Deu-lhe uma surra de chicote, raspou-lhe a cabeça dos seus bonitos cabelos e a colocou, em exposição, sentada no passeio da casa durante uma semana. Terminado a sinistra tarefa entregou-se á polícia e confessou seus crimes. Foi levado, sob custódia, para a cadeia de Canavieiras onde, depois de pouco tempo foi solto por bom comportamento. Vendeu a roça de Santa Rosa, comprou outra para o lado de Potiraguá e mudou-se. Parece que sua filha casou-se por aquelas bandas e Henrique permaneceu solteiro em Santa Rosa

Com o passar dos tempos, tudo foi naturalmente mudando. Os costumes do povo, a Vila da Santa Rosa tornou-se Cidade de Pau-brasil, emancipou-se politicamente de Canavieiras em 1962, quando eu cursava o terceiro ano do Curso de Medicina na então Universidade da Bahia.

Meu pai, mais velho e sem disposição para atender fregueses altas horas da noite, como sempre fez, agora se dedicava mais às suas duas roças de gado e cacau. Além de maior satisfação tinha a oportunidade de exercitar-se mais. Com isso foi deixando, cada

vez mais a venda na mão de Henrique, até que um dia nos comunicou que ia transferir a “massa” da casa para Henrique como pagamento de sua indenização trabalhista.

Para não sair bruscamente da área do comércio na qual labutou desde menino e, sobretudo, para acalmar os temores de minha mãe que pensava em ficar sem uma renda fixa, meu pai decidiu fundar o “Armarinho das Mães”, aproveitando um pequeno armazém de duas portas que possuíamos, vizinho à nossa casa de morada. Mãe sempre dispôs de uma renda com a qual comprava suas roupas e necessidades femininas, além de presentes (lembrancinhas) que gostava de agradecer suas inúmeras comadres e afilhados de todas as idades e tamanhos, alguns já com famílias constituídas, mas que ela não esquecia. (Suely e eu adorávamos receber cartas de minha mãe quando éramos internos no Colégio 2 de Julho. Elas sempre traziam, enfiado num alfinete de costura, um bem-vindo dinheirinho.)

Sabendo que se deixasse o armarinho, inteiramente sob o controle de minha mãe, pouco tempo depois ela já teria falido, meu pai sabidamente determinou que todo o dinheiro apurado com a vendagem da semana ela poderia dispor, porém o que fosse ganho no sábado, dia da feira, seria para repor o estoque. Desse modo, minha mãe tinha o dinheiro dela, até bem mais que antes e o armarinho ficava sempre sortido.

Henrique por sua vez ficou extremamente contente com a ação do meu pai. Registraram o acordo em Cartório e, “da noite para o dia”, Henrique se descobriu rico. Agora era dele a massa da maior casa de negócio de Pau-brasil. Passou a ser chamado de Seu Henrique e a encher-se de amigos. Transformou a quitanda que foi do seu falecido pai em uma venda para o irmão Tonhinho. Esse, sem muito jeito para negócio, não aguentou com o fiado e fechou suas portas, pouco depois. Sem saber o que fazer, Henrique trouxe seu irmão para trabalhar com ele na venda.

Agora, com dinheiro mais fácil, conta em banco e crédito na praça começaram, naturalmente, a aparecer moças interessadas em namorar Henrique. Ele foi despertando devagarzinho seu inte-

resse pelo sexo oposto desde a fatalidade vivida no passado, agora esmaecida pelo tempo.

Interessou-se por uma cabrocha bonita, sabida e completamente ajustada aos tempos modernos. Gostava de festas, andava sempre nos “trinques”, bem vestida e maquiada. Quase sempre viajava com amigos para Itabuna assistiam filmes ou participavam de festas, finalmente, era uma pessoa que vivia numa dimensão diferente da de Henrique. Contudo, foi justamente essa candidata que mais o interessou.

Amigos mais íntimos e conhecedores das duas partes chegaram a desaconselhar um compromisso mais sério entre os dois. Nada adiantou. Casaram numa bonita festa e foram passar a lua de mel em Ilhéus e Salvador. Pouco tempo depois surgiram boatos de que ela, ainda na lua de mel, já demonstrava interesse por novas aventuras.

Coitado de Henrique. Não demorou muito a descobrir que ela nunca lhe fora fiel. Desgostoso, separou-se. Foi obrigado a desfazer-se da venda, já sucateada pelas despesas extras, desenvolveu diabetes e hipertensão e um desgosto tão forte que seu coração não resistiu. Morreu sozinho e infeliz. Deixou-nos, a todos que o conheceram uma grande saudade e um respeito ainda maior pela pessoa que era intimamente.

Sétimo fuxico Meus amigos de infância e adolescência

Tirante os primos Didi e Alfredinho, amigos, porém parentes, destaco dois pares de irmãos, Moacir/Uberaci e Fazinho/ Missinho, além de Martinho, filho de criação do senhor Firmo Abreu, comerciante local, como os amigos mais constantes. Curiosamente, éramos muito diferentes em vários aspectos, inclusive étnicos. Moacir e Uberaci eram sararás, Missinho e Fazinho, morenos curibocas, mestiços de branco com índio e Martinho cafuzo, mestiço de preto com índio. Eu, naqueles tempos ainda tinha os cabelos aloirados e, por isso, era mais conhecido como “sapo gazo”. Aliás, tive vários apelidos. Destaco três: “purga preña” (pulga preña), “imbigo di jiló” (umbigo de jiló) porque, desde aquela época, já tinha a barriga desenvolvida, provavelmente decorrente de parasitoses intestinais e “branco russo, alemão a pulso”. Esse último estava relacionado com o término da Segunda Guerra Mundial, ganha das Potências do Eixo (Alemães, Japoneses e Italianos) pelos aliados (Rusos, Ingleses, Americanos e outros). Em 1945, eu tinha seis anos de idade. Chamar alguém de alemão era uma maneira de aperrear os outros.

No início da amizade, ainda muito pequenos, brincávamos de cavalo de pau fabricado por nós mesmos. Quase sempre era um cabo de vassoura ornado numa das extremidades com uma rústica cabeça de cavalo, desenhada sobre um pedaço de sola grossa. Todos terminavam por um pedaço de pano ou corda desfiados

para simular o rabo do animal. Não sei explicar porque o meu cavalo de pau não tinha rabo. No lugar sempre colocava uma lata de goiabada vazia, fixada por um prego no centro da lata. Quando brincava sozinho e enjoava do cavalo de pau, ele virava um carro de uma roda só que eu saía empurrando e sonhando.

Sempre ao cair da noite, já escuro, nos reuníamos sentados no passeio da venda, iluminado pela luz de um candeeiro "Aladim", para contar histórias. Eram sempre as mesmas que, apesar de repetidas várias vezes, não perdiam o encanto. De quando em vez, um trazia ou inventava uma história nova. Lembro-me de uma delas que todos gostavam e que contava sobre um príncipe muito rico que uma feiticeira o transformou num papagaio do peito de ouro. Certo dia, voando pela floresta o papagaio descobriu uma casinha bem modesta e, cansado de voar, decidiu bater na porta da casa usando o seu peito de ouro. Veio abrir a porta uma linda donzela que vendo o papagaio cansado o levou até a sala onde o colocou numa gaiola improvisada. Depois de alimentá-lo o soltou, novamente, para que ele voltasse à floresta. No outro dia, à mesma hora, o papagaio voltou e depois de várias repetições, tornaram-se tão amigos que antes de soltá-lo, novamente, deu-lhe um beijo em seu bico. Instantaneamente, num passe de mágica, o papagaio transformou-se no príncipe que, sem perda de tempo, casou-se com a donzela e viveram felizes gastando o ouro que ele portava em seu peito.

Mas, nem só de histórias a gente tratava. Brincávamos praticamente de tudo. Por exemplo: quem comeria mais bagos de jaca? Estimulados pelo desafio, mais ou menos às três da tarde, Moacir arranjou uma jaca mole grande e bem madura e nos lançamos na disputa. Cada um fazia um montinho com os caroços dos bagos que havia comido. No final, quando já não aguentávamos mais nada, contávamos os caroços para ver quem ganhou a contenda. Essa, me lembro bem, foi Moacir, o dono da jaca, o herói do dia. Comeu 80 bagos. Inacreditável. Recontamos para termos certeza da proeza que presenciamos. Contudo, quando nos reunimos à noite para a rotina das histórias, ele começou a sentir-se mal. Sua-

va feito um cuscuz e arrotava “ovo podre”. Bruscamente começou a vomitar. O mais interessante de tudo era que ele fazia o maior esforço possível para impedir que o vômito saísse. Fechava a boca, com força, mas a pressão fazia escapar um esguicho pelo canto. Quando a pressão dava um pequeno alívio, ele voltava a engolir a jaca para não suscitar dúvidas que ele ganhou o desafio do dia. Bravo Moacir.

Outra brincadeira que poderia ser considerada no mínimo lasciva e que fazíamos principalmente longe dos nossos pais porque sabíamos que eles não permitiriam e poderíamos, certamente, ganhar alguns cascudos ou alguns “bolos de palmatória”, era brincar de boi e vaca. Apesar de termos entre seis e sete anos, o instinto masculino já começava a se expressar sutilmente em todos nós, com exceção de Martinho. Ele queria ser sempre a vaca. Uma vez isso determinado, a brincadeira parava por aí.

Muitos anos se passaram e hoje perdi o contato com todos eles, no entanto, parece que Martinho desenvolveu aptidões para o corte e a costura e fundou um ateliê de modas em Itabuna.

Com o crescimento biológico de cada um, a evolução dos tempos, a mudança de comportamento principalmente estimulado pelas primeiras namoradas, os seis meninos amigos se distanciaram e escolheram outras amizades.

O primeiro internato no Ateneu Sul Bahiano, em Macuco, quando tinha entre nove e dez anos de idade e subsequentemente no Colégio 2 de Julho, em Salvador, com 11 anos, feitos no começo da minha adolescência deixaram para trás o comportamento de criança. Conseguiram mudar tanto “minha cabeça” que contar histórias, cantar rodas e montar em cavalos de pau viraram coisas do passado.

Nos períodos das férias escolares - do São João que se prolongavam até o final de julho - e as do Natal que iam até o início de março, quando voltava a Santa Rosa (depois Pau-brasil), novas amizades foram criadas e desfeitas. Gostaria de ressaltar entre aqueles amigos os que mais duraram. Cori, Armando, Mundinho e João

Caboronga (além de tio, grande amigo).

Clorisvaldo Portela (Cori) é meu amigo há mais de meio século. Perdi as contas...

Sua família constituída dos seus pais (Clarinda e Benedito Portela) e dele próprio, filho único, foi pequena no tamanho, porém riquíssima em histórias e fatos dignos de nota. Uns curiosos outros interessantíssimos.

Garimpando os recônditos da memória, encontro Seu Benedito e a senhorita Clarinda ainda como noivos. Santa Rosa era um povoado com poucas casas. Quando minha família chegou por lá, Seu Benedito já tinha uma tamancaria e já era “noivo” de Clarinda. Ao todo, eles ficaram 18 anos noivos. Fizeram muitos tamancos juntos. Certo dia casaram e continuaram confeccionando tamancos. Depois que Cori nasceu, aumentaram a fábrica de tamancos. Eles dividiam o trabalho da fabricação. Dona Clarinda cortava as solas dos tamancos em diversos tamanhos e as debruava com uma tira da chita colorida, convenientemente dobrada. Seu Benedito cortava o solado de madeira com uma navalha especial e ajuda de uma prensa por ele mesmo fabricada. Eram dois artesões muito competentes. Ao Benedito cabia, além disso, pregar com tachas especiais, a sola ornamentada no solado de madeira acabada. Era também sua responsabilidade encontrar, cortar e trazer grandes toras de pau-paraíba (*Triplaris macrocalyx*), madeira alvíssima, ideal para a fabricação dos solados dos tamancos.

Para encontrar um pau-paraíba que desse muitos tamancos ele se embrenhava, cada vez mais, nas matas dos índios e dos bichos, em torno da Vila de Santa Rosa. Algumas vezes passava dois ou três dias, dormindo em camas de folhas e comendo o que encontrava, principalmente jupará (espécie de macaco notívago).

Quando ela era muito grande e pesada, ele marcava o caminho e voltava com uma junta de bois e uma canga, para arrastar a madeira até o quintal de sua casa, onde habilmente a descascava e cortava em pequenas toras, usando apenas uma machada (espécie de instrumento semelhante ao machado) e uma enxó.

Cada tora era, em seguida, transformada em tamancos pela navalha e a prensa.

Benedito foi um exímio caçador; aprendeu com os índios, várias técnicas de caçar. Fazia eficientes mundéus com madeixas tecidas com fios de algodão e enceradas com cera de abelha, para capturar pacas, cotias, gatos do mato, quatis etc.; além de combucas para macacos maiores que micos. Contudo, o que ele mais gostava era de caçar jupará, usando uma técnica que hoje seria classificada como um verdadeiro e cruel crime ecológico.

Enquanto procurava um bonito pau-paraíba ele cevava outra árvore, geralmente com bananas maduras. Isto é: amarava algumas pencas de bananas, em galhos que fossem fáceis de serem vistos pelos macacos e por ele, o caçador, evidentemente.

Marcava o lugar da ceva e continuava a procurar a madeira para os tamancos. Com a escuridão da noite, ele voltava, silenciosamente, ao lugar onde havia uma árvore cevada e, se porventura encontrasse um jupará comendo as bananas ele segurava com a mão esquerda o cano da espingarda e em paralelo uma lâmpada de três elementos, capaz de iluminar a área da armadilha e encandear o pobre animal. Sem poder enxergar mais nada senão o feixe potente da luz, o jupará permanecia imóvel, até que um tiro certo o derrubava. Benedito acabara de garantir a janta daquela noite.

Conta-se que numa dessas vezes que foi caçar, convidou seu amigo “Zé Arrieiro”, outro famoso caçador especialista em acuar suas presas com seus dois cachorros “vira-latas” treinados para farejar animais terrestres a exemplo de paca, teiú, tatu, jaguatirica e, até onça.

Cada qual com seu bernal com farofa de carne frita e sua cabaça com água. Partiram na “boca da noite” para entrar na mata, ainda com um pouco de luz. Apesar de muito perigoso, ambos usavam nos pés um tipo de sandália muito primitiva e prática conhecida como “sarga-bunda” que não dava a mínima proteção aos pés, apenas dos espinhos e gravetos pontiagudos. Tinha esse

curioso nome porque quando usada num terreno arenoso, sua parte trazeira muito fina, constituída apenas de um pedaço de sola, jogava areia na parte posterior da calça do usuário, justamente na altura da bunda.

Quando tinham adentrado de poucos metros na mata atlântica, “Zé Arrieiro” que ia à frente, sentiu uma forte picada na altura do seu tornozelo direito e viu, segundo contou depois, o vulto de uma cobra que se afastou rapidamente. Gritou: Fui ofendido por uma cobra e desmaiou em seguida. Benedito que tudo acompanhava, correu em direção ao seu companheiro e ao constatar o aspecto da picada, não titubeou. Abriu seu canivete “capa-garrote”, companheiro inseparável, e abriu a pequena lesão para que o sangue escorresse mais forte. Não satisfeito chupou com a boca o sangue e cuspiu fora, pelo menos duas vezes. “Zé Arrieiro” continuava desmaiado.

Benedito lembrou que alguém havia lhe ensinado que bosta de gente era um ótimo remédio para picada de cobra. Não pensou duas vezes. Cortou uma folha de taioba branca, (*Xanthosoma sagittifolium*) planta de folhas grandes e fortes, baixou as calças e defecou uma boa quantidade do “santo remédio”, ajudado pelo estresse de salvar o amigo. Sem usar nenhum artifício, pegou um bom pedaço da bosta, com a própria mão e esfregou com vigor em cima da lesão do tornozelo. O restante enfiou na boca de “Zé Arrieiro” que despertou do desmaio e não entendeu porque tinha comido bosta. Depois da esperada justificativa para aquele “tratamento”, lavaram precariamente as mãos o tornozelo e, principalmente a boca de “Zé Arrieiro”. Com dificuldade voltaram para Santa Rosa e como ainda doía muito e “Zé Arrieiro” queixava-se de tonturas e mal estar, cada vez mais fortes, resolveram chamar o Seu Nino.

Esse senhor, chegado há pouco tempo em Santa Rosa, aproveitava-se da ausência do médico na Vila e se apresentava como um grande entendido no tratamento e na cura das doenças em geral. Tudo isso porque ele havia servido quando ainda era jovem,

durante um ano, no Batalhão de Saúde do Exército Brasileiro no Rio de Janeiro. Como o seu Certificado de Reservista dizia que ele havia servido como técnico em enfermagem, na ausência do médico, era ele que assumia a responsabilidade de curandeiro-mor. Dizia-se bem mais competente que o “Véio Mané”, velho conhecido da população. Muitos acreditavam na sua capacidade, principalmente porque ele tratava qualquer doença com injeções que segundo diziam, eram “muito bem” aplicadas, quase não doíam. Seu segredo: ele amolava as pontas das agulhas num afiador de navalhas.

Depois que Seu Nino ouviu de Benedito toda a história contada com seus ricos detalhes, foi categórico. Para livrá-lo do veneno da cobra que está no seu sangue, vou aplicar 20 cc (mililitros) de querosene, debaixo da pele de suas costas. E continuou: o querosene vai neutralizar o veneno e ele vai ficar bom. Coitado do “Zé Arrieiro”. Um dia depois da injeção formou-se um abscesso purulento tão grande que ia da região das omoplatas até a sacral, acompanhado de febre muito alta e dor insuportável.

Antes que morresse, seus amigos inclusive meu pai, fizeram uma gorda “vaquinha” e mandaram-no numa cama improvisada até Camacan e de lá até Itabuna onde foi internado e o abscesso drenado.

Até hoje, quando relembro de “Zé Arrieiro” ressalto duas constatações. A primeira foi que, apesar de tudo, ele escapou dos “tratamentos” feitos por Benedito e Seu Dino, Que sortudo.

A segunda foi que, talvez não tenha sido uma cobra que verdadeiramente o feriu no seu tornozelo, e sim um espinho qualquer. Já estava escuro e a visão da cobra pode ser explicada pelo medo de ter sido ofendido e a corrida de um calango que sentiu sua aproximação, muito comum na região das matas. Finalmente, para mim, “Zé Arrieiro” comeu bosta inutilmente.

De volta a Cori que nunca quis aprender a profissão do pai, ao contrário, calçava tamancos porque não tinha outra saída, era apaixonado pela eletromecânica mesmo sem saber nada a respei-

to. Lembro-me que ainda uma criança passava muito mais tempo na oficina do Seu Emídio Relojoeiro que em sua própria casa. Seu Emídio chegou a fazer um banquinho onde ele passava grande parte do dia sentado, observando o conserto de relógios de diferentes marcas e tamanhos, além de gramofones e, posteriormente, de rádios valvulados que funcionavam usando bateria seca. Cresceu pensando ser, um dia, um mecânico-eletricista.

Minha mãe foi comadre de D. Clarinda porque batizou Cori e meu pai, o principal distribuidor dos tamancos fabricados pelo casal e vendidos em “A Violeta”.

Cori deve ser seis anos mais novo do que eu. Já tentei me certificar dessa diferença de idade. Contudo ele desconversa. Se você insistisse na pergunta, ele respondia que esqueceu o ano em que nasceu e encerrava o papo. Aliás, isso me faz lembrar da minha própria irmã que sendo apenas um ano e nove meses mais nova do que eu, insiste em negar sua verdadeira idade. Quando festejei os meus setenta anos, graças a Deus, ela comemorou os seus cinquenta e oito. O mais interessante é que diz isso a mim, seu irmão único e que a viu nascer.

Quando começamos nossa amizade, Cori devia ter dez para onze anos e eu 16. Terminara a quarta série do ginásio. Foi quando ganhei minha primeira bicicleta, uma Monark vermelha, pneus do tipo “balão”, aro 26, freio traseiro contrapedal, dínamo e faróis importados.

Durante mais de um ano, contava-se nos dedos os donos de bicicletas em Santa Rosa. Era um verdadeiro desfile ir pedalar, no campo de aviação em suas bicicletas, impecavelmente limpas. Recordo-me de apenas quatro desses privilegiados: Armando, filho do Major Jonga, grande cacauicultor, Mundinho dono da Loja de Tecidos “A Popular”, José Veiga dono de uma farmácia e eu. Foi um presente de minha mãe por eu ter terminado o Curso Ginásial com distinção. Ela juntou dinheiro com suas costuras, vendeu uma de suas vacas e comprou a bicicleta, à vista, em Itabuna.

Quando eu soube que a Monark havia chegado em Camacan,

distante 27 quilômetros de estrada de barro, das chuvas constantes e da lama, saí de Santa Rosa às quatro horas da manhã sozinho e, antes das oito, já estava montando a bicicleta, enchendo os pneus e fundando o pé de volta. Mais 27 km. Nos poucos lugares que podia, montava na dita cuja. Contudo, por causa da lama escorregadia e grudenta do solo molhado de massapê, tinha de carregá-las nas costas. Mesmo assim, animado pela juventude e vontade de mostrar minha bicicleta, cheguei de volta em Santa Rosa antes do almoço, sujo de lama até os cabelos, mas, orgulhoso da proeza de ter andado 54 km em oito horas. Acho que bati o recorde da paletada (enduro a pé) na lama e com peso nas costas. Pena que naquela época não havia o Livro do **Guinness World Records**.

Tomado banho e almoçado, chegou finalmente a hora de desfilarmos pelas ruas de Santa Rosa exibindo o novo presente. Foi nesse momento que Cori apareceu com uma proposta ousada, mas aceitável. Ele manteria a bicicleta limpa, sempre lavada e engraxada em troca de algumas pedaladas no Campo de Aviação. Concordei e foi bom para os dois. Não demorou e ele desarmava e armava o freio contrapedal, ajustava a corrente, fazia a “força” dos pneus regulava o farol, finalmente, tornou-se um verdadeiro mecânico de bicicletas, sem ninguém para ensiná-lo. Quando Seu José Veiga abriu a primeira casa de aluguel de bicicletas em Santa Rosa, chamou Cori para ajudá-lo na parte da manutenção e mecânica. Terminadas as férias escolares, voltava para Salvador e somente nas próximas, veria Cori novamente.

Num desses encontros, meu pai havia comprado um motor Johnson movido a gasolina e capaz de fornecer uma potência suficiente para acender 10 lâmpadas de 12 volts. Cori e eu fizemos toda a instalação, um verdadeiro serviço de mestre. Às seis horas, meu pai ligava o motor e nossa casa era a única de Santa Rosa que possuía energia elétrica. Descobrimos, rapidamente, uma grande desvantagem em relação à luz anterior de candeeiro Aladin e fifó. Atraídos pelo brilho das lâmpadas incandescentes a casa se enchia de besouros, mariposas e uma centena de insetos voadores encandeados pela

luz. Atrás dos insetos vinham os sapos de todos os tamanhos. Coincidentemente, meu pai um homem corajoso e destemido, só tinha medo de uma coisa: sapo. A consequência foi que durou muito pouco a eletrificação da nossa casa. Voltamos à dupla, candeeiro Aladin/fifó. Somente depois da chegada definitiva da luz elétrica em Santa Rosa é que voltamos ao conforto das lâmpadas incandescentes.

A implantação da iluminação pública foi uma verdadeira novela. Durou quase dois anos para a inauguração. Primeiro porque tiveram de construir uma casa especial chamada de “Usina de Luz e Força” bem arejada e com água encanada para a refrigeração do motor. Por sinal, depois da nossa, esta foi a segunda casa a ter água em torneiras na Vila. Mesmos as melhores residências só conheciam a torneira do filtro de água “Senum”, feito de barro ou de louça, importado do Paraná. O outro empecilho, talvez maior, foi a implantação dos postes de iluminação que deveriam ser colocados nos passeios das casas, obedecendo a uma distância padrão entre eles. Contudo, quando coincidia um deles ficar em frente á porta ou janela de uma residência melhorzinha, o rolo estava formado. Quase sempre, somente depois da interferência do Juiz de Paz, do delegado, dos amigos e de muita conversa, o dito poste era plantado no exíguo espaço entre uma moradia e a outra. Paralelamente, outra frente de trabalho, ia construindo a usina, propriamente dita.

Para chefiar toda a empreitada, a Prefeitura de Canavieiras contratou um excelente técnico em eletricidade de prenome Benzinho o qual identificou Cori, ainda muito jovem, como a única pessoa com capacidade e vontade de aprender a nova e promissora profissão de eletricista, para ajudá-lo. Os dois fizeram todo o serviço. Numa das minhas férias Cori me levou para ver o belo serviço que fizeram. O motor foi retirado de uma velha escavadeira Caterpillar que era unida por uma grande polia ao dínamo, responsável pela geração da energia.

Às dezoito horas Benzinho ou Cori ligavam o motor. Todos, na Vila sabiam que luz estava sendo ligada porque, no início, as lâmpadas acendiam muito fracas e avermelhadas. Para alcança-

rem o brilho correto eles aceleravam o motor até que o voltímetro, pendurado na parede da usina marcasse 110 volts. Fixavam o acelerador para aquela rotação do motor e pronto.

Agora era só esperar a chegada dos insetos e sapos.

Às dez da noite, Benzinho dava o primeiro sinal que ia apagar as luzes da Vila. A rotina para o desligamento funcionava à semelhança de um teatro. No primeiro toque prolongado da sirene, os espectadores são avisados para procurem seus lugares, pois o espetáculo está prestes a começar. No segundo aviso, com dois toques, você já deverá estar sentado e preparado para o espetáculo. Logo após os três toques finais da sirene, abrem-se as cortinas e o espetáculo se inicia.

No caso das luzes de Santa Rosa a sirene era a palma da mão de Benzinho. Explico: onde quer que ele estivesse, às vinte uma horas e cinquenta minutos, ele pedia licença ao pessoal da casa mais próxima e, sem o mínimo temor, fechava um rapidíssimo circuito na navalha de entrada da eletricidade com a palma de sua mão. Nesse momento, a luz de toda a Vila dava um sinal de queda. Cinco minutos depois ele repetia o processo, desta vez com dois curtos circuitos separados. Finalmente, às 22 horas ele desacelerava motor da velha escavadeira e a luz se apagava.

Naquela época, apesar de estudar em Salvador e fazendo o Curso Ginásial, não encontrava explicação para esse fenômeno. Por que Benzinho não tomava um baita choque elétrico? Hoje tenho uma explicação razoável para esse fato. Devido ao trabalho árduo e diário de Benzinho, com a manutenção de toda a rede elétrica da Vila, suas mãos provavelmente, eram grossas e cheias de calosidades. O tecido queratinizado dos calos funciona como um isolante capaz de dificultar a passagem da corrente elétrica de baixa voltagem. Cada centímetro quadrado da pele humana normal e seca oferece uma resistência de $5K\Omega$ para as frequências baixas. Hoje eu compreendo, mas naquela época, parecia um passe de mágica.

Com a chegada da eletricidade das hidroelétricas veio o progresso que transformou completamente os costumes dos habitan-

tes da Vila. Antes pouquíssimas pessoas possuíam geladeiras. Elas funcionavam com querosene. Era uma dificuldade para regular a chama e não gelavam bem. Depois da eletricidade apareceram os picolés “os geladinhos”, as bebidas geladas e, finalmente, o cinema.

Sentindo que Santa Rosa estava se desenvolvendo a passos medianos porque a estrada de rodagem que levaria até Camacan estava sendo construída na força do braço, isto é, na base da pica-reta e do carrinho de mão, os terrenos urbanos e as roças se valorizaram e atraíram mais fazendeiros e comerciantes. Um deles, Rui Faisão, forte fazendeiro no Distrito de Macuco, de visão empreendedora e que resolveu fundar um cinema em Santa Rosa. Para tanto contratou e trouxe de Macuco um seu amigo, Albenor, que ficaria responsável pela construção do prédio, da tela, das cadeiras e do maquinário do referido cinema. Tudo pronto, inauguração marcada, uma festa anunciada, mas, quem iria operar o dito cujo?

Novamente, somente uma pessoa tinha as qualidades mínimas necessárias para essa façanha: Cori.

Já rapazinho, sabido, pressentindo progresso, além de trabalhar numa especialidade nova, distinta e que envolvia eletricidade, não necessitou muita conversa. Passou a ser o único responsável pela manutenção do Cine Santa Rosa com seus dois potentes projetores de arco voltaico.

O trabalho incluía o serviço de amplificação de som para a vila inteira. Todos os dias às 18 horas (a hora do Ângelus), ele ligava o serviço de amplificação do Cine Santa Rosa e, com a voz impostada anunciava a Ave Maria, tocava músicas e fazia a propaganda do filme que passaria às 20 horas daquele dia.

Durante muitos anos ele funcionou como um relógio. No dia que faltava todos perguntavam se havia viajado ou adoecido. Tornou-se a pessoa mais conhecida da Vila. Tentou ensinar a profissão de locutor a várias pessoas, mas ninguém impostava a voz melhor que Cori. Os nomes dos artistas dos filmes, geralmente em inglês ou francês, eram anunciados à sua maneira. Aliás, chamava a atriz Marilyn Monroe de “Marilin Monrói” e o ator Tyrone Edmund Power

de “Tirone Edimundo Povér”. Como ninguém sabia se ele estava ou não pronunciando corretamente, simplesmente aceitavam. Até os cartazes, pintados com azul anil (Xadrez), roxo terra ou tabatinga sobre um fundo de “cal viva”, eram feitos por ele.

No final da década de 1980 fui ao Cinema Excelsior, em Salvador, assistir ao filme italiano chamado de Cinema Paradiso, estrelado por um garoto (Totó) que à semelhança de Cori, ia buscar, com sua bicicleta, os rolos de filmes na cidade vizinha. Cori também fazia o mesmo. Ia com sua bicicleta buscar, em Camacan, os filmes das próximas apresentações. Esse filme me tocou tanto que quase não consegui ver as cenas que se desenrolavam. Tive de enxugar várias vezes os meus óculos.

Cori cresceu. Quando completou a maioridade, Rui Faisão inventou uma nova profissão para ele. Por telegrama, comprava um caminhão numa revendedora em São Paulo, botava Cori num avião em Ilhéus, com o dinheiro na mala e o endereço no bolso e esperava o caminhão chegar uma semana depois. Como não havia naquela época, nem ladrões, nem revendedoras de caminhões, era só esperar a chegada para vendê-lo em Itabuna, ou nas cidades vizinhas por um preço bem maior, que além do lucro, pagasse as despesas da compra e do transporte. Somente Cori com sua inteligência inata era capaz de vencer um desafio desse quilate. Vale ressaltar que só estudou o Curso Primário, nunca tinha viajado de avião e Ilhéus foi a cidade mais distante e importante que conhecia. Contam que na primeira vez que foi àquela cidade, de carona, em cima dos sacos de cacau na carroceria de um caminhão, quando descortinou o mar, admirado pela vastidão do oceano, comentou em voz alta: Eh lagoa grande!

Certa vez, me confessou que quando foi buscar o primeiro caminhão, um Mercedes Benz modelo 1113, azul, teve medo de ser roubado, não saber voltar ou mesmo ser morto. Tudo era novo e desconhecido. Saltou do avião em São Paulo, pegou um taxi e foi diretamente para revendedora que havia recebido o telegrama e

que o esperava. Depois de pagar o preço antes acertado em dinheiro vivo, receber o caminhão e a nota fiscal, saía de posto em posto de gasolina perguntando, discretamente, como voltar para a Bahia. Os perigos eram enormes, sozinho, tinha tudo para não dar certo. Deixou criar um bigode grande e cheio que, segundo ele, ajudou a dar mais respeito, pois era de estatura pequena e magra. Parecia um menino.

Uma vez na estrada certa, dirigia mais relaxado, quase que de uma só tirada, até chegar em Itabuna, onde Rui Faisão o esperava com um riso largo e orgulhoso, o amigo.

Missão cumprida, Cori voltava ao cinema Santa Rosa até que novo caminhão fosse negociado. Repetiu varias vezes essa aventura. Ele e, principalmente Rui, ganharam dinheiro até que novas concessionárias fossem abertas em Itabuna.

Cori comprou uma Kombi munida de um sistema de som que animou durante anos seguidos, festas, eventos e disputas políticas durante as eleições na cidade de Pau-brasil. Nesta mesma época, comprou uma moto Honda preta, o modelo mais performante e casou com ela. Sim, é verdade. Digo casou, por duas razões: Nunca viajou com a dita cuja além de Camacan. Só a usa, até hoje, para desfilas pelas ruas de Pau-brasil. Segundo, porque religiosamente, todas as semanas, lava (acaricia), sua moto com água e um pouco de querosene, para não enferrujar. Finalmente, montou o Brasão uma espécie de bar onde sempre se tomou a cerveja mais bem gelada da cidade.

Parte da família Nascimento, habitante da região de Floresta Azul, chegou a Santa Rosa pouco depois do meu pai, no início da formação da Vila.

Chegaram Betinho, o mais velho e pai dos dois amigos de infância Fazinho e Missinho; Mundinho, o do meio, também casado, porém só teve dois filhos alguns anos depois; Cazuzza e Eliú, o mais

moço, ambos solteiros chegaram depois. Todos estudaram até o quinto livro de Felisberto Carvalho.

Eliú foi convocado como soldado do Exército que ajudou no patrulhamento e defesa do território brasileiro, durante a Segunda Guerra Mundial. Voltou da guerra psicologicamente comprometido pelos horrores e estresses permanentes a que fora submetido. Já de volta a Santa Rosa, quando precisava tomar alguma injeção, chorava copiosamente, durante um bom pedaço e muitas vezes desistia do tratamento. Era um rapaz vistoso porém tímido, escondido dentro de si próprio. Casou-se muitos anos depois.

Lembro-me muito pouco de Betinho. Recordo-me que era proprietário de uma loja de tecidos e um fumante inveterado. Ainda menino, quando das minhas férias ginasiais, sempre que tinha alguma oportunidade eu o advertia de que o fumo era prejudicial à saúde. Pois bem, apenas com objetivo de me contradizer, toda vez que eu estava por perto e que passava uma tropa de animais levantando uma densa nuvem de poeira, ele fazia questão de colocar-se no meio da poeirada e, depois de uma respiração profunda, batia no peito e dizia: “Isso é pura terramicina que cura os males do fumo”. Eu observava perplexo, aquela sua maneira de me dizer que ele sabia o que estava fazendo e que não era necessário adverti-lo. Compreendi a mensagem e calei-me. Alguns anos mais tarde faleceu de câncer pulmonar. Provavelmente, o fumo contribuiu para o seu triste e sofrido fim.

Aproveitando o exemplo de Betinho intensifiquei a cobrança para que meu pai, também, deixasse de fumar. Ao dizer-lhe os principais males do tabagismo, tinha que ser muito jeitoso principalmente porque, nenhum fumante gosta de ser advertido, ainda mais pelo próprio filho.

Ele vendia em “A Violeta” fumo de corda trazido de Arapiraca em Alagoas, afamado por ser o melhor do Brasil e isso era uma verdadeira tentação. Pelo menos umas seis vezes todos os dias ele fazia seu cigarro, seguindo um verdadeiro ritual que se iniciava

na escolha de finas palhas, retiradas do interior de espigas de milho ainda não completamente amadurecidas. Em seguida eram deixadas ao sol até secarem inteiramente. Depois de raspadas para retirar o pó, eram cortadas no tamanho do cigarro e armazenadas numa caixa metálica apropriada. Não fumava cigarros feitos industrialmente, nem de papel. Dizia que era o invólucro do cigarro que, realmente, fazia mal ao fumante. Essa conveniente ilusão justificava o uso da palha do milho e o continuar fumando. Várias vezes ele repetiu a mesma frase: Betinho morreu porque fumou “cigarro branco” (feito industrialmente com invólucro de papel).

Uma vez escolhida a palha da vez ele umedecia os lábios e a colava entre eles, enquanto cortava o fumo em pequenos pedaços, usando o seu inseparável canivete “capa-garrote” bem afiado. Depois de amassar os pedaços de fumo entre as mãos, para reduzir e uniformizar os tamanhos, retirava a palha de entre os lábios e, depois de arrumar o fumo sobre a palha, fechava o cigarro com a ajuda do canivete.

Aceso, ele tirava suas baforadas, geralmente calado e olhando distante como se tivesse vivendo um momento de felicidade.

Muitos anos depois, médico e professor de Bioquímica na Faculdade de Medicina, entendi que, realmente, aqueles pequenos momentos vividos enquanto pitava seu cigarro de palha existiram e foram de satisfação.

Vejamos, resumidamente, a interpretação atual daqueles lapsos temporais. A nicotina, alcaloide contido no fumo (*Nicotiana tabacum*) uma vez absorvida, alcança o cérebro onde se fixa nos receptores nicotínicos/acetilcolínicos e induzem a liberação de dois neurotransmissores importantes. O glutamato, neuromediador excitatório e envolvido na sensação de euforia e a dopamina, responsável pelo sentimento de recompensa e felicidade momentâneas. Além disso, a nicotina inibe uma enzima chamada de monoamina oxidase (MAO) a qual mantém por mais tempo o estímulo de recompensa cerebral, talvez o maior responsável pelo vício ocasionado pelo fumo.

A maioria dos fumantes associa a ingestão do café com o hábito de fumar. A cafeína um alcalóide do grupo das xantinas e presente no café (*Coffea arabica*), alguns tipos de chá a exemplo da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e do guaraná (*Paullinia cupana*) quando absorvida e alcança o cérebro, inibe a enzima fosfodiesterase tendo como consequência o prolongamento dos sentimentos de euforia, recompensa e felicidade.

Durante os períodos de férias escolares, sempre com cuidado para não aborrecê-lo, lembrava-o dos malefícios do fumo. Certa feita, ele me prometeu que iria deixar de fumar, porém já apresentava sinais de bronquiectasia e enfisema pulmonar. Temeroso, mas sem conseguir dominar o vício, deixou os cigarros e mudou para o rapé, acreditando que sem ter que tragar a fumaça melhoraria da tosse matinal. Falsa crença. O rapé leva através da absorção pela mucosa nasal a mesma nicotina do cigarro.

Soube, depois, que finalmente ela havia deixado o rapé. Fiquei contente com a notícia porque sabia que sem o fumo seria mais fácil controlar a tosse e a falta de ar.

Entre um estágio e outro no Hospital das Clínicas, fui passar alguns dias com eles em Pau-brasil. Descobri que ele não havia melhorado apesar dos remédios. Prestei mais atenção aos seus hábitos e notei que ele espirrava com mais frequência. Pois bem. Ele havia descoberto outra maneira de continuar usando a nicotina. Fazia com o fumo de corda pequenos palitos com os quais coçava a mucosa nasal. Chegou ao máximo de esconder-se atrás das portas para que eu não o pegasse em flagrante. Contudo, os espirros denunciavam seu paradeiro. Deixei de lado e, para minha surpresa, depois de algum tempo, ele finalmente cortou suas relações com a nicotina. O vício de fumar, com certeza, é um dos mais difíceis de ser esquecido.

A maioria dos meninos, principalmente aqueles da minha geração, aderiu muito facilmente ao vício. Eu mesmo achava bonito fumar. Talvez influenciado pelos artistas do cinema americano, a exemplo de James Dean e muitos outros, também do cinema fran-

cês do quilate de Yves Montand.

Tentei várias vezes. Felizmente nunca consegui, apesar de ter sido insistente. A primeira vez que tentei tinha doze anos e foi desastrosa. "A Violeta" vendia vários tipos de cigarros e charutos desde os mais fortes como o "Trocadero, Yolanda branco e azul, Astória", aos mais fracos: "Continental, Hollywood, Minister" e charutos que iam do "mata-rato" ao "Havana", da "Suerdieck". Aproveitando a ausência do meu pai, apanhei um "mata rato" e fui me esconder no porão, bem profundo, abaixo do assoalho, onde "morava" batalha, uma cadela perdigueira que guardava a venda à noite. Sentindo-me seguro, acendi o charuto e dei a primeira baforada. Foi o suficiente. Imediatamente, vi o mundo rodar, comecei a suar frio e vomitei sem querer, em cima da cadela. Com medo de morrer fui para casa e contei a minha mãe a bestagem que havia feito. Ela me deu um café amargo e me fez prometer que se repetisse o acontecido, meu pai iria saber e aí, seria surra na certa. Claro que prometi.

A outra vez estava bem mais crescido e já tinha 16 anos. Era muito amigo de Péricles, estudávamos a quarta série do ginásio juntos e sempre íamos assistir aos mesmos filmes nos fins de semana. Ele fumava cigarros "Astória", um dos mais fortes. Sempre sugeria que eu tentasse fumar. Consultei a minha namorada da vez se ela se incomodaria que eu fumasse. Respondeu-me que não, portanto o caminho estava aberto. Num determinado domingo, depois do lauto almoço do Colégio, quase sempre uma feijoada feita com "mistério" e outros ingredientes desconhecidos (chamava-se de mistério algo parecido com uma pelanca ou mesmo um pedaço de pano, quase que impossível de ser cortado ou mastigado. Era engolido inteiro), fomos ao Cinema Pax, na Baixa dos Sapateiros, onde assistiríamos a dois filmes pelo preço de um e ainda de quebra um telejornal e um seriado. Portanto, tempo de sobra para aprender a fumar. Péricles e eu chegamos cedo e sentamos em cadeiras perto de um dos corredores (foi minha sorte). Em seguida, um casal muito bem vestido, ele de terno de diagonal bran-

co, sentou-se bem à minha frente e ela, também elegante, ficou em frente a Péricles. Assim que o cinema anunciou o começo das apresentações, Péricles puxou um cigarro “astória” e, com muito cuidado para não ser visto pelo “lanterninha” (funcionário do cinema que iluminava o caminho para aqueles que chegavam atrasados e, além disso, era o responsável pela disciplina e por não permitir fumar), acendeu, deu a primeira tragada e me passou recomendando que desse uma longa baforada e mantivesse a fumaça tragada por um tempo só assim a expelisse. Segui à risca a metodologia explicada. O cinema começou com um telejornal da União Cinematográfica Brasileira (UCB) representada por uma fonte luminosa e uma grande roda que girava na tela. Comecei a ficar tonto e a suar frio. Como eu insistia em olhar para a tela que girava, não aguentei e disse para Péricles: Acho que vou vomitaaaaaar... O jato de vômito fortalecido pela feijoada com seus “mistérios” encheu o pescoço e o colarinho do paletó do espectador sentado à minha frente. Quando ele sentiu o impacto do jato e o calor, levantou-se preparado para dar-me uns tapas. Corri feito um raio em direção à saída, pulei a catraca (borboleta) de entrada e desembestei pela Baixa dos Sapateiros, sem olhar para trás. Somente mais tarde fui saber que Péricles quase apanhou e que o cinema interrompeu a projeção até que as coisas fossem mais ou menos esclarecidas. Essa foi minha última tentativa de aprender a fumar enquanto rapazinho.

Três décadas depois, no começo do nosso relacionamento, Fátima fumava. Isso criou um pequeno impasse. Ou eu tentaria fumar, novamente, ou ela deixaria. Tentei algumas vezes, mas, como não consegui, ela compreensivelmente deixou o vício, até com muita facilidade.

Voltando a Mundinho.

Muito inteligente apesar de ter feito apenas o Curso Primário, mantinha-se relativamente informado ouvindo as notícias do Repórter Esso, lendo almanaques do Pensamento, da Bristol ou do Biotônico Fontoura, porque as revistas que apareciam eram velhas

e desatualizadas. Sua diversão preferida era ler o *Diccionario Prático Illustrado - Novo Diccionario Encyclopédico Luso-Brasileiro* de Jaime de Séguier, publicado no Brasil em 1930, em sua segunda edição e, considerado à época, a única enciclopédia disponível em língua portuguesa. Porque havia lido três vezes, de ponta a ponta todo aquele livro grosso, era considerado como uma fonte de conhecimento, para quem todos se dirigiam, até mesmo o Professor Durvallindo, quando não se sabia e explicação para determinado fenômeno. Porque estudava o Curso Ginásial em Salvador, comecei a substituí-lo, no conceito dos Santa Rosenses como “mais sabido”. No início, ele não aceitou gratuitamente a substituição. Declarou guerra camuflada. Toda vez que eu passava em frente à sua loja de tecidos, lá de dentro ele lançava, em voz alta, um desafio na forma de uma palavra difícil, tirada do seu dicionário. Eu tinha que dar o significado, também em voz alta e deixar outra, para que ele mostrasse que sabia o que aquilo significava. Exemplo: Ele lançava o desafio perguntando o que significava a palavra “dicotiledônia”. Para não perder pontos teria de responder, em cima da bucha que dicotiledônia era uma classe de plantas cujo embrião contém dois cotilédones e cujas plântulas nascem com duas folhinhas. Saía deixando o meu desafio que ele responderia ou não, na próxima vez. Com o meu progresso, em termos de estudos no Colégio, nossa brincadeira foi se desconfigurando e paulatinamente fui ocupando o lugar de referência que era comum em toda comunidade, daquela época. Nas vilas ou cidades mais adiantadas, esse lugar era ocupado, quase sempre pelo médico, juiz de paz, professor ou o padre.

Funcionário da Prefeitura de Canavieiras, mas sempre vinha a Santa Rosa o Senhor Mário Hermes. Era um desses tipos. Andava bem vestido, de paletó e gravata com um caderno de notas sempre à mão e uma caneta Parker 51, espetada no bolso do paletó. Era um especialista em discursos. Onde tivesse um enterro, um comício, um aniversário ou não importava o que, lá estava ele discursando. Vivía de aplausos.

Outra figura curiosa chegou a Santa Rosa, vindo de ninguém sabe d'onde, hospedou-se na Pensão de D. Rosa e, durante o dia perambulava, bem vestido e com um livro debaixo do braço, pelas ruas, dando bom-dia ou boa-tarde a todos que encontrava, inclusive aos manequins das alfaiatarias. A presença deste desconhecido começou a incomodar aos mais curiosos, dentre eles Mundinho que o abordou com muito jeito, perguntando-lhe sobre sua procedência, nome e profissão. Demonstrando fineza de tratos, respondeu polidamente que era "professor de francês".

Se a desconfiança motivada pela sua presença aguçava a curiosidade de todos, agora havia piorado muito. Que faria um professor de francês numa vila onde mais de 90% dos seus habitantes eram "analfabetos de pai e mãe"?

Então Mundinho tomou uma decisão para resolver essa estranheza. Agrupou, em sua loja, uma pequena comissão, constituída de Zé Neto, seu empregado; Seu Sóstenes, uma espécie de curandeiro; o rábula Mário Hermes e Seu Benjamin, o Coletor. Com a finalidade de testar os conhecimentos do visitante, submetendo-o a um teste oral da língua francesa. Contudo, eles tinham um enorme problema. Nenhum dos componentes da dita comissão sabia uma só palavra na língua de Victor Hugo. Como eu não estava presente, resolveram convidar Suely, minha irmã, que era repentinamente da primeira série do ginásio no Colégio 2 de Julho de Salvador e que, coincidentemente passava uns dias em casa com nossos pais.

Em realidade Suely não era a pessoa mais indicada para fazer este teste. Havia estudado, como disse, a primeira série ginásial, contudo das onze matérias que faziam parte do curso, inclusive o francês, ela não conseguiu passar em nove. Só foi aprovada em desenho e trabalhos manuais. Assim mesmo porque o seu professor de desenho era amigo e pediu que ela desenhasse um triângulo em sua prova. Ela acertou e foi aprovada. Se o professor tivesse pedido para desenhar um quadrilátero, tenho cá minhas dúvidas se ela passaria nessa disciplina.

Temerosa porém sempre decidida, aceitou o convite e foi até a

Loja de Tecidos “A Popular” onde estavam o suposto professor e a algoz comissão. Nervosa, porque ela também quase nada sabia do assunto em pauta, perguntou: Como é frango em francês? O professor demorou um pouco, fez semblante que raciocinava e respondeu. “Le frangue”. Todos olharam desconfiados para Suely que também não sabia se o professor respondera corretamente. Resolveu tirar as dúvidas perguntando logo em seguida: E galinha? No que ele respondeu: “Franguelê”. Nem precisou da conclusão de Suely. Todos viram que o preposto professor era um impostor o qual tratou de sumir, o mais rapidamente da Vila de Santa Rosa. No dia seguinte se soube que ele havia dado o “cano” em Dona Rosa. Sumiu sem pagar a pensão onde se hospedou.

Era comum organizarmos um pequeno grupo de curiosos, quase sempre os mesmos, para conversarmos sobre atualidades ou fatos curiosos que merecessem nossas considerações, sempre no fim da tarde, ao redor do balcão da Loja de Mundinho. Ali eu teorizava sobre a origem do sistema solar e do próprio universo, (no dia 4 de outubro de 1957 os russos lançaram o Sputnik, primeiro satélite artificial, que girou em torno da terra. Estudava o primeiro ano do curso científico), desmistificava a crença no lobisomem, a lenda da caapora, da mula sem cabeça e outras. Ouvia atentamente pessoas que contavam suas histórias com tanto fervor que transmitiam aos outros a impressão de que o fato descrito era real. Quase sempre eu conseguia convencê-los de que aquele determinado fato era uma ilusão. Outras vezes era mais difícil.

Até hoje existem pessoas idosas que nunca acreditaram que o homem desceu e caminhou na superfície da Lua. O velho Balbino foi um deles. Quando eu lhe disse que os astronautas, inclusive, trouxeram amostras do solo lunar, ele me respondeu: Qual nada doutor. Eles botaram umas pedras nos bolsos e disseram que trouxeram de lá. Diante de tanta convicção não valem argumentos.

À medida que o grupo de discussão ia ganhando mais adeptos, crescia minha fama de incrédulo, de alguém que não tinha religião, que não acreditava na alma nem em milagres. Apesar de

não ter sido verdade, aqueles conceitos pouco me incomodavam. Até que, um dia, os companheiros de reunião resolveram colocar minha incredulidade à prova.

Antes da descrição do desafio, os comentários a seguir facilitarão, com certeza, o entendimento da citada prova.

O cemitério de Santa Rosa foi feito no topo de uma pequena serra relativamente perto do antigo povoado, logo depois que os coronéis desbravadores e plantadores de cacau se encontraram, juntamente com seus jagunços, um em frente ao outro. Como já foi comentado, dos lados daquela fronteira marcada e respeitada por todos, foi criado o núcleo habitacional que se desenvolveu com o nome de Povoado da Santa Rosa.

Conta-se que, envolvido num grave acidente de ofidismo, morre um dos coronéis. Sem seu líder maior, os jagunços perguntaram ao coronel remanescente onde eles deveriam enterrar aquele defunto tão importante.

Respeitando o inimigo e, dentro da sua profunda ignorância, apontou para a pequena serra, em frente, e determinou: “Enterre no cu da mãe” e se afastou.

Em verdade, aquele foi o primeiro nome dado ao cemitério do povoado da Santa Rosa. Depois que vários defuntos foram enterrados para o “descanso eterno” num cemitério de nome tão exótico, resolveram terminar com o flagrante desrespeito e denominá-lo de cemitério São Paulo, nome honroso e digno de um campo santo.

Muito tempo depois, para evitar a entrada de animais, foi inteiramente cercado por um muro de tijolos, fechado por um portão de ferro e, em sua frente foi plantado um grande cruzeiro feito com madeira de lei. Até meados da década de cinquenta a maioria dos enterramentos era feita numa “cova rasa” escavada no chão. Sabe-se que esse tipo de sepultura favorece o aparecimento de fogo-fátuo (do latim *ignis fatuus*), uma luz azulada resultante da inflamação do gás metano, proveniente da decomposição dos mortos. Como essa luminosidade flutua a mercê do vento parece mover-se

em direção do espectador que a interpreta como uma assombração. Demorou muito para que o cemitério de Santa Rosa ganhasse sua primeira sepultura construída acima do solo, com aspecto de uma pequena capela, onde foi depositado o corpo de um influente fazendeiro de cacau que falecera repentinamente.

O desconhecimento absoluto sobre a decomposição do cadáver (do latim *caro data vermibus*, carne dada aos vermes) leva à construção de sepulturas completamente vedadas. A produção de gás oriunda da decomposição, frequentemente racha as paredes do mausoléu o que favorece a formação do fogo-fátuo. Nos cemitérios mais movimentados das cidades do interior e nas noites mais escuras facilmente, aqui ou ali, se vê uma luz azulada. Aqueles menos ilustrados, normalmente associam esse fenômeno natural, biológico, com a ascensão da alma ao seu destino final.

Pois bem, voltemos à prova de minha incredulidade nos assuntos tocantes aos espíritos, almas e outras manifestações sobre-naturais.

Numa das noites sem lua, em torno das 21h, Mundinho, liderando onze amigos, dentre eles Ademir, bateu na porta de nossa casa e perguntou a meu pai se eu já estava dormindo? Ouvi a pergunta e fui encontrá-los no portão da frente. Lá, ainda de pijama soube da sua proposta. Eu deveria ir até o cemitério e trazer uma prova material da minha presença naquele lúgubre ambiente. Justamente numa sexta-feira onde se dizia que a alma do velho Dante, fazendeiro sepultado no único jazigo do cemitério, escapou pela rachadura do túmulo e se transformou num jumento que às sextas-feiras reaparecia para lambar o sal, depositado na frente do seu túmulo por supersticiosos.

Eles haviam apostado entre si, vinte mil réis cada um, o que totalizava duzentos e quarenta mil réis, uma soma considerável para aqueles dias. A metade deles apostou que eu não iria até o cemitério, certos de que minha incredulidade era uma farsa.

Aceitei o desafio com a condição de arranjar uma lâmpada para iluminar o caminho e, ao mesmo tempo, assinalar com três

flashes a minha posição durante a subida da serra. Eles foram para o meio da praça principal da Vila de onde poderiam acompanhar o percurso. O caminho era estreito e calçado com pedras lisas. O matagal praticamente invadia e fechava o acesso. Mas, apesar disso tudo, comecei a subir e, regularmente, assinalava com os *flashes* da lanterna. Demorei mais do que pensava por causa das dificuldades encontradas. Porém, cheguei ao topo, diante do portão do cemitério e ao lado do grande cruzeiro. Deveria levar uma lembrança que realmente comprovasse minha subida. Tentei retirar um dos vários “cordões de São Francisco” amarrados ao cruzeiro. Contudo, como estavam bem amarrados não pude retirar nenhum deles. O portão estava fechado e era mais difícil saltá-lo, pulei então o muro a caí, do outro lado, em cima de uma sepultura, pertinho daquela do velho Dante. Vi as rachaduras da cova e mais nada. Apenas o barulho dos insetos e dos pequenos animais notívagos. Não vi nenhum jegue lambendo sal. Apanhei uma coroa de anjo, saltei o muro de volta e comecei a descida.

Não seria honesto se não dissesse que estava um pouco temeroso, principalmente porque estava trazendo um enfeite que alguém colocou naquela sepultura e, provavelmente, não queria que o tirasse de lá. A lanterna que me deram estava com suas baterias quase totalmente descarregadas e mal iluminava o caminho. Mas ou menos na metade do percurso devo ter passado perto de um jumento sem vê-lo. Neste exato momento ele espirrou forte e assustado pela minha passagem moveu-se fazendo um barulho de folhas balançadas. Não nego. Fiquei todo arrepiado. Não corri porque os músculos das pernas paralisaram. Somente depois de me refazer, parcialmente do susto, tive a coragem de iluminar na direção do barulho. Era de fato um jegue.

Aliviado, retomei o caminho de volta pensando: uma folha de capim deve ter penetrado em uma de suas ventas e provocado seu esturro. Chegando ao grupo que me esperava ansioso pelo desfecho, entreguei a “coroa de anjo” e nada contei. Devem ter desconfiado de alguma coisa porque eu estava muito calado. Depois de

dividirem as apostas foram para suas casas “certos” de que eu não acreditava em almas e outras assombrações salvo (se eles soubessem) em espirito de jegue.

Com o passar do tempo vários amigos compraram bicicletas e se somaram aos passeios de fim de semana, cada vez mais distantes e interessantes. Um deles, o mais preferido, era observar os muitos operários nas duas frentes de trabalho na construção manual da estrada de rodagem entre Camacan e Santa Rosa. Tudo foi feito sem a utilização de qualquer tipo de máquina diferente da picareta, cunha, marreta e galinhota (carrinho de mão). A única mercadoria que veio de fora foram os vergalhões usados nas construções das pontes. Todo o resto foi praticamente comprado em “A Violeta”, da cunha para furar a pedra à dinamite para explodi-la.

Para fazer o traçado mais curto, mais econômico e, sobretudo, tudo aquele que menos cortasse cacauzeiros, pois a estrada, obrigatoriamente haveria de passar dentro de várias fazendas, foi contratado, pela Prefeitura de Canavieiras um engenheiro-agrimensor que ficou hospedado quase seis meses na pensão de D. Rosa, tempo bastante para que ele se fizesse conhecido da sociedade local e a conquistasse como uma pessoa de fino trato, sempre bem vestido, de fala correta e gentil. Contudo, apesar de todos aqueles predicados carregava consigo certo mistério: era circunspecto e vivia o cotidiano como se escondesse algo importante de sua personalidade. Quase todos, especialmente Mundinho, satisfazendo sua curiosidade enfim descobriu que o engenheiro era um mágico. A notícia que se espalhou pelos quatro cantos da Vila era que o engenheiro tinha poderes mágicos, sobrenaturais, pois havia feito um pacto com o diabo. Quando ele soube o que corria de boca em boca sobre sua fama, resolveu esclarecer para aqueles amigos mais “faladores” que era mágico amador e que aprendera durante seus estudos de engenharia alguns truques e que estava disposto dar um espetáculo para todos que quisessem assistir, numa data a ser marcada, onde ele tentaria desmistificar os boatos que o incomodavam.

Não demorou e a comissão foi constituída de Mundinho que ficou com a incumbência de arranjar um espaço onde seria improvisado o teatro, Nilda, uma das filhas de Seu Sóstenes que, na condição de mulher, ficaria mais fácil achar que fizesse um bolo e alguns doces que seriam distribuídos com garapa de limão, logo após o espetáculo e o cabo “Serra Negra” que, além de delegado, era um festeiro de marca maior e que organizaria a parte musical do espetáculo.

Vou abrir um pequeno parêntese para apresentar o Mestre Ferreiro “Caçula”, durante muitos anos o único ferreiro da Vila. Verdadeiro artesão do ferro. Capaz de fabricar espingardas tão boas quanto as importadas de fabricas famosas como CBC, Rossi e Taurus. Seus facões cortavam tão bem quanto os Cornetas, Collins e Jacarés, marcas famosas. Ninguém fazia uma espingarda de “socar pela boca” com “cachorro” e “ouvido” para a espoleta, melhor do que ele.

Como era difícil, segundo contava, arranjar ferro de boa qualidade para fazer e entregar as encomendas que recebia vindas das várias fazendas que contornavam Santa Rosa, ele mesmo fundia pedras de hematita para delas retirar o ferro com o qual fabricava o aço juntando convenientemente o óleo de dendê. Passava várias horas vendo-o trabalhar na feitura de belas peças, usando apenas a marreta, a bigorna e o forno a carvão soprado por um fole de couro tudo fabricado por ele mesmo. Não tinha, nem queria ajudantes.

Espingardas e outros instrumentos, prontos para serem vendidos eram expostos pendurados numa das paredes da sua tosca “tenda de ferreiro” ao lado de um surrado saxofone tenor que alguém trouxe para ser soldado e nunca mais voltou para resgatá-lo. Passado mais de ano, Caçula colocou-o à venda como meio de cobrar pelo trabalho que teve no referido concerto. Como ninguém apareceu, ele resolveu aprender tocá-lo por ele mesmo, primeiro domando o instrumento aperfeiçoando o som e a posição das diferentes notas musicais. Depois disso tudo que deve ter levado, facil-

mente de um a dois anos de persistência, ele descobriu que teria de tocar as músicas “de ouvido”, pois não sabia distinguir uma nota sequer numa partitura. Em realidade, nada disso o desanimou. Ele resolveu “compor” uma única música a qual tocava em todas as ocasiões que era solicitado. Enquanto a festa durasse todos dançavam sua música. O que variava era o acompanhamento. Ora um violão, ora um pandeiro, etc.

Se alguém, porventura, reclamasse pedindo outra música ele se desculpava e, simplesmente, deixava de tocar. Porém, sem ele a festa acabava. Era melhor suportá-lo. Lembro-me de pelo menos dois fatos realmente interessantes decorrentes da dupla Caçula e o seu sax de uma só música. Ao chegar ao local da festa era sempre o sax de Caçula quem primeiro bebia. Alguém trazia um copo quase cheio de cachaça que era derramado na “boca” do instrumento e, em seguida, balançado varias vezes. Sem essa técnica, não saía nota alguma. Isso porque as sapatilhas feitas de cortiça eram tão velhas e ressecadas que era impossível tocá-lo. Balançando a cachaça dentro do tubo, elas eram molhadas, aumentavam seus volumes, fechando os buracos que determinam os sons. Portanto, o sax de Caçula era quem primeiro bebia. O segundo fato decorrente da dupla Caçula e seu sax era, a meu ver, muito mais jocoso. Sem ter aprendido nenhuma técnica de respiração, fundamental para quem toca instrumento de sopro, ele “engolia” ar enquanto tocava. A depender de quanto durasse a festa, no dia seguinte ele era um verdadeiro saco de ar preso. Conseguia controlar o escapamento e, como resultado, peidava na hora que quisesse e quantos peidos o freguês solicitasse. Na sua tenda de ferreiro era um peido para cada martelada na bigorna. Numa manhã de sábado, tendo tocado quase toda a noite da sexta-feira, juntou uma meninada ao redor, enquanto a feira se organizava e de cócoras anunciou que iria soltar 30 peidos e que todos contassem em voz alta. Lá pelo décimo quinto todos já haviam afinado suas vozes e a cada peido ouvia-se um uníssono comemorativo. Quando chegou no trigésimo anunciou: agora vou dar um “de agrado” e deixou escapar um

de grande sonoridade e longo como um suspiro. Todos aplaudiram admirados. Não deixaria de salientar, por fim, que todos em Santa Rosa conheciam e cantavam a música de Caçula. Não por ter sido uma obra de arte mas, sobretudo, devido à insistência em ouvi-la.

Voltemos ao mágico. Até que não foi difícil arranjar um lugar onde fosse possível improvisar um teatrinho, segundo as exigências do mágico. Ele necessitava de um pequeno palco atrás de cortinas que o isolasse do público enquanto ele preparava as “mágicas” e que pudessem ser abertas no momento das apresentações. Mundinho procurou o “Véio Danié” dono de um armazém de cacau que, além de suficientemente grande estava vazio e situado justamente na praça principal da Vila. Não existia lugar melhor. Ainda por cima o “Véio Danié” não exigiu nada em troca. Mundinho garantiu, apenas, que o melhor lugar seria dele. Serra Negra acertou com Caçula, com um pandeirista e com Seu Carlos, tocador de triolino (Instrumento de quatro cordas maior que um cavaquinho) para “animarem” musicalmente o espetáculo. Finalmente Nilda de Seu Sóstenes organizou “os comes e bebes”. Tudo providenciado, o mágico marcou o espetáculo para um domingo às oito horas da noite.

No dia aprazado, logo cedo Adauto, um carpinteiro/artesão, construiu o pequeno palco e improvisou dois lençóis de casal como cortinas. Meia hora antes o “teatro” abriu as portas e os espectadores, cada qual com sua cadeira ou banco, procuraram se arrumar no espaço previsto. Na hora marcada os músicos começaram a tocar, as cortinas se abriram e o mágico apareceu todo paramentado, de fraque, cartola, e tudo que tinha direito, encantando o público que o recebeu com uma calorosa salva de palmas.

Mostrou sua habilidade com as cartas do baralho fazendo sumir uma delas e achando-a depois no bolso da camisa de um espectador que ficou de “queixo caído”. Pediu emprestado o relógio de pulso, marca “Mido” que meu pai usava e, à vista de todos, o enrolou num lenço de pano, procurou uma superfície dura e, com

um martelo deu várias pancadas, amassando-o completamente. Abriu o lenço para que todos vissem o estado como ficou o relógio de Seu Simplício. A expectativa era muito grande naquele momento. Muitos devem ter torcido para que o truque desse errado. Novamente ele o enrolou e, num gesto espetacular, sacudiu o lenço que já estava vazio. Para onde teria ido os bagaços do ex-relógio “Mido”? O mágico de propósito, deixou aumentar bastante a expectativa e o silêncio de todos, inclusive da música tocada pelo minirregional e anunciou com tranquilidade: “Gostaria que o senhor Simplício retirasse do bolso de sua camisa o seu relógio e mostrasse ao público o seu estado.” Confiante na astúcia do mágico, meteu a mão no bolso, tirou o relógio em perfeito estado, levantou-se e, emocionado mostrou a todos, bestificados pelo acontecido. O regional voltou a tocar e, finalmente, para encerrar a noite de mágicas, ele pegou três bolas de sinuca e as jogou para cima em tempos diferentes para que todos vissem e acompanhassem com atenção o malabarismo. Não demorou muito e uma das bolas desapareceu. Como tivesse evaporado. Continuou com as duas que sobraram e novamente sumiu a segunda. A que restou, numa das jogadas para o alto, desapareceu. Imediatamente após o sumiço, Caçula parou de tocar seu saxofone porque as três bolas apareceram dentro do seu instrumento. Foi uma apoteose. Encerrou-se o espetáculo e a maioria boquiaberta não parava de aplaudir. Demorou para que os espectadores se refizessem dos truques e, no dia seguinte, não se falava de outra coisa que não fosse relacionada ao mágico e sua talentosa habilidade.

Mundinho era o único que tinha uma explicação simples para todos aqueles truques. Além de o mágico ter usado o “magnetismo” foi ajudado pelo diabo, com quem tinha partes. Até hoje acho que ele trocou hipnotismo por magnetismo. Deu no mesmo. Ninguém sabia mesmo a diferença.

Passado um tempo, o engenheiro foi relocado para outras frentes de trabalho e só voltou a Santa Rosa na caravana do Prefeito no dia festivo da inauguração da estrada. Ficou orgulhoso quando

descobriu que naquela vila ele era mais famoso e importante que o senhor Prefeito de Canavieiras.

Aproveitando “a bala na agulha” gostaria de relembrar outro fato curioso que aconteceu durante a construção da estrada de rodagem. Ao fazerem um corte no terreno de mais de dez metros de altura na encosta de uma das serras por onde deveria passar a referida estrada, evitou-se cortar um majestoso jequitibá, linheiro e alto de uns 30 metros. Para surpresa de todos, assim que terminaram o corte, o jequitibá caiu. Enquanto se resolvia por onde deveria ser feito um desvio, a imponente árvore levantou-se e assumiu sua posição quase ereta de sempre. Tudo isso dentro de no máximo uma semana. Lembro que Mundinho, eu, além de outras pessoas que tinham bicicletas, fomos visitar “o pau que levantou”, várias vezes.

Cada um dava uma explicação para o inusitado acontecimento. Uns diziam que aquilo era coisa do engenheiro que, por ter partes com o diabo, queria mostrar seu poder. Outros que aquilo era um milagre e começaram a organizar procissões para aquele lugar “sagrado”. Quando Seu Americano, dono da fazenda onde o pau levantou viu que o número de curiosos estava aumentando rapidamente e com isso levando frutos maduros do seu cacaua além de construírem casebre onde vendiam velas, bebidas e afins, mandou cortar o pau em vários pedaços, acabando assim a festa. Até hoje, quando se passa pelo referido corte da serra, usa-se o desvio da estrada que passava ao lado do magnífico jequitibá.

A explicação para o curioso acontecimento foi dada bem mais tarde pelo próprio engenheiro. O sopé da serra terminava num pequeno vale onde havia a nascente de um córrego. Com a retirada de grande volume de terra em torno das raízes do jequitibá a pressão exercida pelo lençol freático modificou o terreno à procura de um novo equilíbrio. Essas variações geológicas explicavam - segundo o engenheiro - o levantamento do pau, *modus in rebus*.

Oitavo fuxico **Inauguração do Campo de Aviação e o Jornal da Vila**

A morosidade na construção da estrada de rodagem motivada por várias razões entre as quais se destacaram: a falta de recursos, mão-de-obra pequena e desqualificada, a resistência imposta pelos fazendeiros para que poupasse o máximo possível a derrubada de seus pés de cacau, a violência urbana que ceifava vidas a troco de insignificâncias e, principalmente, a demora no socorro dos casos mais graves, mormente quando envolvia alguém mais destacado da sociedade santa-rosense e que os curandeiros não podiam resolver, foram determinantes para que o avião chegasse à frente na corrida com o caminhão.

Em verdade, dois homens políticos residentes em Canavieiras, inteligentes e naturalmente desejosos de alcançarem suas ambições, um deles o senhor Osmário Cavalcanti Batista, candidato a Prefeito e o senhor Benício Machado, pretendente ao cargo de Deputado Estadual, fizeram vários comícios em Santa Rosa onde prometeram a construção de um campo de aviação, caso fossem eleitos. Tudo indica que os argumentos, usados nos palanques, foram convincentes. O senhor Osmário foi eleito Prefeito Municipal e o senhor Benício Machado ganhou para Deputado com mandatos vigentes entre primeiro de janeiro de 1951 e trinta e um de dezembro de 1954.

Aproveitando a topografia plana do terreno situado na mar-

gem esquerda do “rio da água preta” e encostado à vila, com apenas um ano de governo do novo Prefeito, o Campo de Aviação Dr. Benício Machado foi construído e sua inauguração marcada para um sábado do mês de fevereiro de 1952. Tinha uma extensão de quase mil metros de pista podendo receber, facilmente, aviões bimotores, era impecavelmente gramado e inteiramente cercado e com duas entradas para dar passagem às lavadeiras com suas gamelas e bacias, assim como aos jumentos que à noite funcionavam como eficientes cortadores de grama.

Evidentemente escolheram um sábado por se tratar do dia da feira e, portanto, havia multidão garantida para ouvir os discursos recheados de novas promessas políticas.

A festa propriamente dita deveria começar em torno das dez horas da manhã porque coincidia com o pico máximo de agitação e fervilhamento da feira. Nessa hora os caboclos, matutos, donas de “barracas de mingaus”, onde se tomava café com bolo, brevidades e outros biscoitos, barracas de açougueiros que vendiam “carne-verde”, tão nova que algumas vezes, ainda podia-se sentir o calor do boi, panos estendidos no chão para exposição de frutas, legumes, raízes e tubérculos.

Os animais que transportavam essas mercadorias geralmente ficavam amarrados em moirões num dos cantos da praça. Tudo isso somado àqueles moradores que vinham comprar o sustento para passar a semana.

O mercado público ao lado participava da feira, mas era reservado às mercadorias mais frágeis e que não podiam tomar chuva, a exemplo dos sacos brancos e limpos, cheios de farinha “de guerra”, de puba ou de tapioca, de confecções “prêt-à-porter” e miçangas.

A comitiva composta por autoridades do município e daqueles outros vizinhos, do Prefeito Osmário, do Dr. Benício Machado, advogado e deputado que conseguiu a verba para a feitura do “Cam-

po de Pouso”, além do delegado de polícia e do padre deixou a pensão de D. Rosa onde estava hospedada e se dirigiu para a feira, um pouco antes das dez horas, onde deveria cumprir o ritual de apertar a mão do máximo de pessoas que pudesse e, em seguida, se dirigir até uma espécie de palanque construído para abrigar as autoridades, seus “papagaios de pirata” e “cachupeletas”.

Quase sem ninguém perceber e dentro do horário previsto, aparece cruzando o cemitério “cu da mãe”, já em baixa altitude, o avião de Raymundo Freitas, contratado para desempenhar o papel de peça mais importante da festa de inauguração. Era um monomotor de apenas dois lugares, na frente o piloto e atrás o passageiro, de cor verde claro, marca PIPER e matriculado como PT-ARV.

Raymundo, filho de rico fazendeiro da região, fino gozador e cheio de vida, foi mandado para estudar no Rio de Janeiro e lá decidiu aprender a voar. Tirou seu brevê de piloto no Aero Clube da cidade maravilhosa. Seu pai, contente por ter um filho aviador, comprou um avião novinho em folha que o próprio Raimundo trouxe, sozinho, até Canavieiras. Ganhou a vida fazendo transporte para vilas e cidades que possuíam pistas de pouso.

Apesar de ter mais dois concorrentes, Boinha, que ficava sediado também em Canavieiras e que pilotava um monomotor mais velho; e Cordeiro, em Itabuna, no aeroporto Tertuliano Guedes de Pinho, nome do Coronel que doou o terreno para que o campo de pouso fosse construído.

Lá do alto, antes de iniciar a manobra para o pouso, Raymundo viu que o campo de aviação estava quase vazio enquanto a praça da feira fervilhava cheia de pessoas e seus animais de carga e montaria. Decidiu chamar a atenção de todos para o início da festa dando uma rasante sobre a feira. Naquele instante, diante dos olhares assustados de todos, passou em voo tão baixo sobre a praça que quase tocou os paus das barracas e o vento arrancou o chapéu dos matutos. A confusão que se estabeleceu foi tão grande que todos correram para o campo, os burros, jegues e mulas, as-

sustados, davam coices em todas as direções e uma senhora idosa que tomava seu café da manhã em uma das barracas de mingau, tomada pelo enorme susto, desmaiou.

A feira esvaziou-se em segundos. Quase todos os feirantes deixaram suas mercadorias para trás e correram para o campo. Restaram pouquíssimos na feira e, infelizmente, alguns aproveitaram para roubar aquilo que deveriam comprar.

A multidão ávida para ver bem de perto como era um avião, lotou a pista de pouso. Raimundo teve de dar outros voos rasantes sobre a pista assinalando que todos deveriam ficar em posição segura, evitando acidentes. O delegado Serra Negra e seus soldados tiveram muito trabalho para arrumar a turba de curiosos.

Finalmente, acompanhado por efusiva salva de palmas, Raymundo aterrisou seu avião fazendo questão de percorrer toda a pista para certificar-se que foi visto pelo máximo das pessoas da vila. Estacionou próximo ao palanque da comitiva oficial e, com dificuldade, abriu a portinhola do avião para sair. Tinha tanta gente em torno do “pássaro grande” que ele teve de recomendar com a autoridade de aviador que não tocassem em nada do aparelho voador.

Quando se dirigia ao palanque da comitiva de onde assistiria à queima de fogos em lugar apropriado e longe do avião, foi interrompido por dois cavalheiros bem vestidos montados em animais vistosos que desceram de suas montarias, ajoelharam-se e, respeitosamente, dissera em voz firme: A benção seu aviador! Refeito do susto Raymundo os abençoou e foi para o palanque. Enquanto se ouviam os discursos do prefeito Osmário e do deputado Benício, os matutos iam trazendo presentes para agradar o aviador. Foram tantas jacas, laranjas, abóboras, bananas, etc. que ultrapassaram a capacidade do avião transportar. Raymundo resolveu fazer uma viagem extra somente levando os presentes recebidos. Sentindo-se honrado com tanta demonstração de carinho e admiração e, talvez pensando que não haveria nenhum candidato, já que a grande maioria dos presentes achava que voar foi feito

para os “bichos de asa” e não para o homem, resolveu mostrar seu agradecimento convidando um representante da vila de Santa Rosa para dar uma voltinha de avião com ele e ver a paisagem lá de cima. Depois de um breve silêncio, “Ozeba” uma benzedeira e torradora de café, casada com seu Zé Vicente, um trabalhador de roça, disse em voz alta e sem medo que aceitava o desafio. Foi uma apoteose: quase ninguém acreditava que aquela senhora tivesse tanta coragem de voar como os pássaros. Pediu permissão ao marido, que não sabia o que fazer e se dirigiu para o avião. Depois de convenientemente sentada, colocado o cinto de segurança e, recomendada que não tocasse em nada dentro do avião, Raymundo ligou o motor e se aproximou da cabeceira da pista. Nesse momento, o único barulho ouvido era do motor. Todos estavam silenciosos, temerosos e admirados com tanta coragem daquela senhora.

Em realidade ela não sabia o que lhe aguardava. Raymundo sempre foi um grande gozador, nunca desperdiçaria uma oportunidade desta para fazer suas brincadeiras, ainda mais sabendo que todos acompanhavam atentamente qualquer movimento feito.

Tudo preparado e checado arremeteu o avião com toda a potência e iniciou o voo comemorativo, levando “Ozeba”. Aí veio a surpresa. Em vez de voar normalmente, sem maiores sobressaltos, decidiu demonstrar suas qualidades de bom piloto fazendo incríveis piruetas. Voou de lado, fez a famosa “folha seca”, subia na vertical e descia em mergulhos em direção ao solo. Ninguém, nem mesmo eu que assistia a tudo, acreditava no que estava presenciando. Aqueles que ainda podiam falar diziam que “Ozeba” estava desmaiada ou no mínimo toda suja de xixi e coisas mais. A curiosidade era muito grande. Tive a impressão que até o Prefeito e o Deputado, homens acostumados a voar estavam preocupados e já demonstrando certo arrependimento por ter escolhido Raymundo Freitas para a inauguração. O desfecho daquelas piruetas poderia abalar a confiança dos futuros utilizadores da linha recém-estabelecida ou frustrar a importância daquele acontecimento político de grande efeito.

Pois bem. Quando o avião aterrissou, todos correram para ver de

perto o que havia acontecido com a coitada da passageira e, boquiabertos, viram que ela desceu fagueira e sorridente do avião. Dirigiu-se até seu marido e, em voz alta e firme, confessou: "Vicente, meu fêu, Ozeba gozou no ar!" Naquele instante a multidão reagiu com um unísono "Eh" acompanhado de risadas, palmas e outras manifestações de alegria e alívio. A inauguração do Campo de Aviação ultrapassou a expectativa de todos. O Campo foi muito bem inaugurado.

A alcunha de "O jornal da vila" que, com o passar do tempo evoluiu para "O jornal da cidade" foi atribuída a Cassimirão, indivíduo com mais de dois metros de altura e muito magro, parecido com uma vara para colher caju. Ele desenvolveu, durante o passar dos anos, uma característica curiosa e que muita vezes não era sempre bem aceita. Bisbilhotava nos mínimos detalhes a vida de todos os habitantes da vila. Ele sabia do que estava acontecendo "em tempo real" com todos, do mais humilde trabalhador de roça ao fazendeiro mais rico. Veio daí o seu bem colocado apelido de "O Jornal da Cidade".

Esse indivíduo especial era, portanto, conhecidíssimo por todos. Se ele guardasse suas fofocas e fuxicos para si ou mesmo os dividisse com poucos, talvez não fizesse justiça ao seu apelido. Ao contrário. Tinha a língua frouxa e solta. Algumas vezes inconveniente ao ponto de ser ameaçado e, inclusive obrigado a se desculpar, na delegacia, frente ao delegado. Nada disso, no entanto o inibia. Ele continuava, cotidianamente, a produzir notícias que, cuidadosamente espalhadas, alcançavam grande parte da população. Cada fuxico ao passar de boca em boca era, quase sempre, aumentado pelos fuxiqueiros de plantão a exemplo das costureiras, dos alfaiates, cabelereiros e sapateiros que se distraíam com as mais recentes notícias trazidas ou criadas por Cassimirão.

Ele tinha um hábito de chamar seus amigos mais próximos de "seu colega". Ninguém sabia o porquê daquela sua mania. Para completar, todos os dias, quando vinha buscar sua cota de leite ele saudava meu pai dizendo sempre a mesma coisa: "Bom dia seu colega e acrescentava: Essa vida é um fato, escorrido é uma tripa, cosido é uma fatada e comido, uma cagada." Meu pai acostumado

pela regularidade da estranha saudação, respondia com um simples: “Bom dia seu colega.”

Sempre pairava a dúvida na cabeça dos mais curiosos. Onde e como ele renovava seu estoque cotidiano de fatos e lorotas? Ele colhia informações de várias fontes e maneiras diferentes. Por exemplo: bem cedo, antes da chegada do leiteiro que trazia o leite da roça de gado do meu pai, ele já estava esperando e observando, um a um, todos os fregueses. Se alguém chamasse meu pai para perguntar se poderia levar sua cota de leite fiado para pagar mais tarde, lá estava ele de ouvido aguçado, escutando e provavelmente fabricando uma notícia que aquela família estaria passando por algum aperto financeiro, o que ele iria investigar com mais detalhes, em seguida.

Religiosamente, todos os dias, depois do seu café matinal, ele percorria as principais ruas da vila olhando discretamente o conteúdo das latas ou cestos de lixo colocados em frente às portas. O lixo era uma preciosa fonte de informação. Exemplo: se ele descobrisse ossos de peru, costelas de porco ou restos de bolos, esses eram sinais de fartura na mesa daquela família. Por outro lado, se ele achasse uma lata de sardinha vazia ou cascas de ovo, com certeza concluiria que os habitantes daquela casa passavam por tempos de “vacas magras”. O porquê dessa sua interpretação ele investigaria depois. Sábado, para ele era um dia carregado de notícias e novidades. A feira trazia importantes informações do que se passava no interior do município. A atenta observação das compras feitas pelas donas de casa e até mesmo da hora quando elas chegavam à feira para adquirirem seus suprimentos eram cuidadosamente processadas por Cassimirão. Se alguém chegasse cedo e comprasse os melhores produtos (sem pechinchar) ele considerava essa atitude como favorável. Ao contrário se a dona de casa chegasse quase no final da feira à cata de xepas e - ainda pechinchava -, tudo isso poderia ser processado como indicativos de maus tempos. Claro, ele tirava essas conclusões levando em conta muitas variáveis. Sua cabeça era um verdadeiro computador e tudo aquilo o divertia muito.

Nas reuniões da sociedade de Santa Rosa, para decidir sobre

algo importante para a comunidade, ele estava sempre presente. Suas observações e sugestões eram sempre consideradas e respeitadas. Quando alguém queria começar um namoro com uma das moças em Santa Rosa, era muito comum os pais se informarem sobre a vida pregressa do futuro noivo junto à Maçonaria ou simplesmente perguntando a Cassimirão que, além de prestar as informações solicitadas, se incumbia de espalhar a notícia do novo namoro.

Tudo bem. Mas quem era essa esdrúxula criatura vinda de Simão Dias em Sergipe? Como foi aceito pela sociedade da vila nos seus primórdios? Um grande mistério encobria essas respostas. Apesar de falar e conhecer a vida de todos, a dele era fechada e impenetrável. Durante muito tempo ninguém sabia nada do seu passado. De certeza mesmo sabia-se que ele chegou juntamente com seu tio, o velho Ângelo, e dois dos seus primos inda bem jovens: Celso Boca Rica e Zé Neto um albino que só se vestia de branco e usava chapéu até para dormir. O curioso cognome de “boca rica”, rapidamente atribuído a Celso era facilmente entendido quando ele sorria. Deve ter gasto uma boa nota com os dentistas em Simão Dias. Mandou colocar uma capa de ouro em todos os seus dentes até os pré-molares. Seu sorriso lembrava uma prateleira de joalheria, rica e cheia de ouro. Aliás, esse era um costume muito usado no início do século passado. Alguns rapazes, a exemplo de Celso, exageravam. Eu mesmo quando ainda era criança de dez anos, minha mãe contratou os serviços de um dentista prático de nome Péricles, que mantinha um consultório dentário extremamente simples onde todos os instrumentos eram rudimentares. Nenhum deles era elétrico. Até a broca era de pedal. Parecia uma máquina de costura. Para furar um dente sadio, travessar a dentina e chegar até o nervo, apesar da anestesia que era aplicada, cada vez que ele tocava com a broca de aço na dentina eu descia ao inferno de dor. Algumas vezes dava sorte e desmaiava.

Para estripar o nervo, ele usava uma espécie de saca-rolha bem fino que enfiava no buraco dentário, torcia com os mesmos movimentos quando se tira a rolha de uma garrafa de vinho e, uma vez o nervo enroscado era puxado de uma só vez. A sensação era que o

olho acompanhava o nervo. Isto é: também era arrancado.

O tratamento do canal durava vários dias e era feito de uma maneira no mínimo curiosa. Ele fabricava um extrato alcoólico de cravo da Índia (*Syzygium aromaticum*), bem concentrado e guardado em frascos de penicilina. Aquela solução era rica em eugenol um derivado fenólico com propriedades antissépticas e excelente repelente de insetos principalmente de mosquitos e formigas (dois “dentes” de cravo no açucareiro previne a chegada de formigas).

Um pequeno pedaço de algodão era enroscado no diminuto “saca-rolhas”, molhado na solução de cravo e colocado profundamente no canal dentário. Em seguida desparafusava o pequeno instrumento, deixando o algodão dentro do canal. No dia seguinte ele repetia a mesma técnica, tendo o cuidado de cheirar o algodão que era retirado. Se o mesmo cheirasse a sabonete, segundo “Dr. Péricles” era sinal que o canal ainda estava infectado por pseudomonas (Evidentemente ele não tinha a mínima ideia do que eram pseudomonas nem que espécie era aquela). Se cheirasse a podre, possivelmente o canal estava infectado por estafilococos. Ele repetia o tratamento até que o algodão saísse limpo e inodoro. (Felizmente a endodontia praticada hoje difere, em muito, daquela, há 66 anos).

Depois de todo esse sofrimento ganhei, para alegria de minha mãe que me queria cada vez mais bonito, quatro “falhas de ouro”: uma em cada incisivo superior. Muitos anos depois, já estudante de Medicina tive que retirá-las todas. A moda havia passado e eu me sentia ridículo quando sorria.

De volta a Cassimirão e seus parentes, eles compraram uma posse perto da praça principal e construíram a Padaria Sergipana, única no gênero por muitos anos. O velho Ângelo era um padeiro competente e, juntamente com seus três conterrâneos suprimiram os moradores da vila de pães de sal, fatias, doces, de milho, sovados e varas, além de bolachas de coco, brevidades, tarecos e “mata fome”, durante mais de meio século. Todos já passaram para o outro lado. O último foi Celso, que faleceu já bem idoso e completamente banguelo. À medida que os seus dentes iam caindo, atacados por

piorreia alveolar dentária devido à falta de cuidados higiênicos ele ia vendendo o ouro que enfeitou ou enfeou (não sei), sua boca durante anos.

Quando Cassimirão chegou a Santa Rosa devia beirar seus trinta e cinco anos, no auge da sua masculinidade; portanto o lugar mais visitado principalmente à noite era o fovôco da Rua das Pedrinhas onde ficavam os cabarés e suas “damas de vida fácil”. Uma delas, conhecida como “Maria Tempo Duro” uma mulata de pele limpa, bem cuidada e de fino trato, tinha aquele curioso apelido porque se algum aventureiro a procurasse para um encontro e “esquecesse” de pagar o preço antes acertado, ela guardava do lado de sua cama um cacete muito parecido a um pé de cama, de madeira de lei, com o qual conseguia recuperar o pagamento do seu trabalho julgado fácil.

De vez em quando um incauto tomava uma surra de cacete dada por “Maria Tempo Duro”. Ela era uma prostituta respeitada e, talvez, essa faceta do seu temperamento tenha atraído Cassimirão que passou a frequentá-la com frequência e fidelidade. Uma amizade mais forte foi crescendo entre eles até que um dia ele resolveu tirá-la daquela vida de sofrimentos, comprou uma casa e a convidou para viverem juntos. A partir desse dia ela ganhou outro status. Passou a ser chamada de D. Maria de Cassimirão, respeitada por todos. Formaram um casal de dar inveja a muitos casados de papel passado. D. Maria passou a cuidar de Cassimirão com desvelo. Dava gosto visitar a casa onde moravam. Tudo extremamente limpo e bem cuidado, muitas plantas...

D. Maria demonstrava abertamente ao seu parceiro, sua gratidão por ter mudado radicalmente sua vida, da tristeza onde vivia para aquela que sempre sonhara. Ter sua casa, seu marido e o reconhecimento dos amigos. A mudança foi da água para o vinho. Ela vivia adivinhando os pensamentos de Cassimirão: sem se preocupar com a vida desregrada de solteiro sobrava-lhe tempo para dedicar-se ao que realmente gostava, o fuxico.

Um exemplo do seu enxerimento quase acabou tragicamente. Alguém passou para ele a informação que a esposa de um fazen-

deiro muito conceituado estava tendo um caso com Júnior Rosa, jovem fogoso e irmão de um valentão, dono de "A VANTAJOSA", uma das melhores lojas de tecidos da vila. De posse dessa importantíssima fofoca, Cassimirão se lançou de corpo e alma no trabalho minucioso de esclarecer ao máximo sua veracidade.

Tudo começou quando a mulher do fazendeiro João Viegas o convenceu de comprar uma casa na vila para que ela pudesse aprender a bordar e costurar, gerando uma renda própria independente do marido. Ele, por sua vez, preferia dormir algumas vezes na sede da fazenda porque, cedinho tinha que ocupar-se do seu gado leiteiro. Nessas noites, sua esposa dormia na casa da vila acompanhada pela empregada que tinha seus aposentos próprios.

Certo dia, ela precisou de material de costura e foi até a loja "A VANTAJOSA". Conheceu o Júnior Rosa que, a atendeu mais cortesmente que de costume. Ela, por sua vez, gostou de tratamento especial que lhe era dispensado e voltou várias vezes à loja na realidade, apenas para tirar umas linhas com o jovial caixeiro. O relacionamento foi ficando cada vez mais aquecido até que combinaram prestar mais atenção às noites quando o João Viegas dormisse na fazenda.

Cassimirão, desconfiado das frequentes idas e vindas, começou discretamente a seguir os passos de Júnior Rosa depois que ele fechava a loja. Naquela época, Santa Rosa não tinha luz elétrica. Portanto, seguir uma pessoa era muito fácil. Bastava ter uma lâmpada portátil daquelas de baterias. Logo ele descobriu que, por volta das oito da noite, a senhora do fazendeiro abria a janela do seu quarto que dava para um beco escuro e pouco frequentado. Facilmente, o Júnior Rosa pulava a referida janela e, praticamente, caía nos braços da amada. Passavam o tempo suficiente para atualizar as novidades do dia e, por volta das dez, pulava de volta a janela e poucos metros depois chegava à casa do irmão, onde morava.

Certo de que aquilo era um fardo muito grande para carregar sozinho, Cassimirão resolveu contar o acontecido para alguns

amigos mais chegados. Um deles foi meu pai, que o aconselhou a esquecer do que vira.

Tarde demais. Alguém deixou vasar o boato que velozmente chegou aos ouvidos do fazendeiro traído. Sem demonstrar nenhum sinal de raiva ou mesmo qualquer perplexidade, procurou Cassimirão para saber de detalhes. Apertado contra a parede contou tudo que presenciara, com todos os pormenores.

Como se nada houvesse acontecido, João Viegas deixou passar uns cinco dias e comunicou à sua mulher que iria viajar até Camacan onde passaria uns três dias acertando negócios.

Ainda de madrugada selou seu cavalo, pegou o bernal de comida e a espingarda de repetição “papo amarelo”, despediu-se da mulher e viajou. Quando teve certeza que não poderia ser mais visto, fez a volta, soltou o cavalo num pasto de aluguel encostado na vila de propriedade do senhor Euclides Cerqueira, escondeu a sela e o seus complementos dentro de uma moita e, sem esquecer a “papo amarelo” de dois canos, voltou para casa e se escondeu atrás da porta que dava para a cozinha permanecendo ali, em pé sem comer, sem beber, sem fazer barulho e fermentando sua raiva e seu ódio até que escurecesse e Júnior Rosa chegasse na hora esperada.

Tudo foi acontecendo segundo o protocolo. Atrás da porta, ele tudo acompanhava até que, mais ou menos na hora esperada, Júnior Rosa pulou a janela. João Viegas deixou passar um tempo para que os amantes terminassem os prolegômenos e partissem para a verdade do esperado ato de prazer proibido.

Chegado o momento, ele empurrou violentamente a porta do quarto com o pé e, apontando a espingarda preparada com dois cartuchos, um para cada, gritou forte: “Corre filho da puta porque senão eu te mato”. Júnior Rosa praticamente voou pela janela deixando para trás sua calça, camisa, sapatos e meias. De cueca correu com a velocidade de um raio até a casa do seu irmão, passando pela sala de visita onde, naquele momento estava tia Bela visitando D. Eulina, a dona da casa e que na tarde daquele dia teve uma crise acompanhada de forte ataque epilético.

Mais que depressa, e ainda tremendo de medo, Júnior Rosa pegou o que pode dos seus pertences e fugiu provavelmente para Palestina (hoje Ibicaraí) e de lá para o sul do país. Nunca mais se soube de notícias suas.

Toda a atenção do povo de Santa Rosa ficou voltada para o que iria acontecer com o casal injuriado, Mais ou menos às nove horas daquela fatídica noite ouviu-se dois potentes tiros. Cassimirão que de algum jeito foi o causador daquela tragédia especulou em voz alta: Meu Deus! O colega João Viegas deve ter matado sua esposa e, em seguida, se suicidado. Felizmente Cassimirão errou. João Viegas atirou para o teto justamente para não ser tentado, se a discussão tomasse um rumo descontrolado e sem retorno, deveria mata-la, como faria a maioria dos maridos acuados naquelas situações.

Casado civilmente, ele sabia que a metade de todos os seus bens pertencia a ela. Então resolveu, ali mesmo, fazer literalmente a partilha. Tudo aquilo que era possível partir, serrar, cortar ou quebrar no meio ele fazia. Colocava de um lado a metade que lhe pertencia e a outra ela deveria leva-la consigo.

Resumindo: O que ele fazia com uma calça que era sua? Pegava uma tesoura cortava ao meio. Uma das pernas era dele a outra, dela. Se o objeto não pudesse ser cortado ou serrado a exemplo de um prato, uma xicara ou um copo de vidro, ele quebrava contava os cacos e os dividia. Tudo isso foi feito em frente à ex-mulher obrigada, a permanecer calada, para que os vizinhos e especialmente Cassimirão não se envolvessem naquele "affaire" conjugal mal sucedido.

Terminaram a divisão e o dia já estava amanhecendo. Ele alugou uma tropa de cinco jegues equipados com cangalhas e caçuás, pertencente ao meu tio João Caboronga, encheu os dez caçuás com as bugigangas, agora pertencentes somente a ela, deixou a vila acordar e percorreu as ruas mais importantes com a mulher chorando, na frente da tropa e ele com uma taca na mão tangendo esta espécie de procissão até a ponta da rua e lá enxotou, ela e a tropa, na direção de Camacan.

Voltou sozinho de cabeça erguida trancou-se em sua residên-

cia e isolou-se de todos. Passada quase uma semana e sob a insistência dos amigos abriu a porta e viajou para sua fazenda. Deixou criar a barba de desgosto, quase não falava e dedicou-se exclusivamente ao trabalho.

Enquanto o tempo passava e a vida voltava ao normal, Cassimirão, cheio de remorsos, elogiava o procedimento do senhor João Viegas como sendo aquele de um homem sério, justo e responsável evitando os assassinatos dos dois descuidados amantes.

O fato ganhou notoriedade e chegou aos ouvidos do Sr. Prefeito de Canavieiras, que reconhecendo seu ato de bravura, nomeou o senhor João Viegas como uma espécie de delegado civil. Juntamente com o delegado de polícia resolviam os maus feitos e outras turbulências que porventura acontecesse na vila de Santa Rosa.

Sentindo-se novamente com sua dignidade restituída, João Viegas retirou a barba e reconstruiu nova vida junto a outra mulher.

De tudo isso ficou uma quadrinha criada por Ademir e que foi muito cantada na época. Ela dizia o seguinte:

Corre Júnior
Levanta a poeira
Que o João Viegas
Não é brincadeira.

Finalmente, tempos depois, sua ex-mulher contraiu tuberculose, provavelmente devido ao alcoolismo e maus tratos, e terminou seus dias no prostíbulo de Camacan.

Cassimirão viveu muitos anos. Lembro-me que já beirando os oitenta anos, ele faleceu motivado por um linfoma. D. Maria, agora viúva e sem sua razão de vida o acompanhou poucos meses depois.

Pau-brasil perdeu definitivamente seu jornal diário, muitas vezes divertido.

Nono fuxico **Estripulias perigosas**

Quando ainda morava em Itabuna estavam construindo a segunda ponte sobre o rio Cachoeira no bairro da Mangabinha, onde se iniciava a estrada que dava acesso a Macuco e, posteriormente, até Camacan. Como morávamos relativamente perto da construção, frequentemente os trabalhadores avisavam, de casa em casa, para que ninguém saísse de suas moradias: eles iam dinamitar as grandes pedras usadas na construção dos pilares. Todos nós ficávamos atentos e temerosos, pois os estouros das dinamites jogavam pedaços de pedra a distâncias e alturas consideráveis. Uma vez um desses pedregulhos fez um buraco no teto da nossa casa. Bastou meu pai avisá-los e eles consertaram o estrago.

Mãe tinha o cuidado de fechar todas as portas e janelas. Porém, escondido dela eu subia num banco e abria uma fresta na janela do meu quarto para apreciar toda aquela movimentação. Ficava encantado com tudo aquilo. Soube mais tarde que o homem que comandava toda aquela construção chamava-se “engenheiro”. Decorei esse nome e, a partir daí, quando alguém me perguntava o que eu queria ser quando crescesse, não titubeava. Respondia incontinentemente que iria ser engenheiro. Bem mais tarde troquei para motorista de caminhão e terminei como médico, especializado em bioquímica médica.

O mundo dá muitas voltas... Nunca afirme deste pão não comerei nem desta água beberei. Quem sabe?

Já morando em Santa Rosa e sendo conhecido como “aquele minino, fiu de Simprício que quer ser ingineiro”, brincava no quin-

tal de “A Violeta” com meus carrinhos puxados por cordões. Em verdade o quintal era uma chácara mediana onde meu pai criava quase uma centena de galinhas, perus, peruas, patos e um pavão, vigiados por “batalha” uma valente cadela perdigueira.

Fechando os olhos consigo imaginar quase todos os tipos de árvores frutíferas plantadas por meu pai durante anos seguidos. “Vejo” uma grande jaqueira perto do portão, coberto por um pequeno teto de zinco. Junto à cerca do fundo um grande coqueiro, dormitório de urubus, uma parreira que só dava cachos de uvas azedíssimas e um pé de licuri. Do lado da cerca que separava do quintal da venda do velho Balbino Oliveira, nosso vizinho, lembro-me de uma espécie de casa com teto, mas sem paredes, onde eram pendurados vários caçuás transformados em ninhos das galinhas poedeiras. Cada ninho além de conter um ovo indez, era forrado com tranças vazias de alho e cebolas para evitar o aparecimento de pragas, a exemplo das lêndeas e piolhos dessas aves (*Dermanyssus gallinae*). No restante do quintal, além de uma ruma de pedras que meu pai vendia para construções, havia bananeiras, uma figueira, um pé de cidra, outro de carambolas e goiabeiras. Tinha uma jabuticabeira que nunca deu e um pé de jenipapo que dava o tempo todo. Era muito aprazível brincar no quintal.

Acho que vale desviar um pouco o fio da meada para ressaltar dois fatos ligados às galinhas. Diante de tantos ovos que as galinhas botavam, diariamente, meu pai fazia promoções para vendê-los, mas sempre sobravam. Nessa fase da vida da gente, minha irmã e eu, nunca comemos tantos ovos. Era ovo de todo jeito. Fritos, cozidos, “œufs à la coque”, na forma de frigideira, de bolos e biscoitos de gemadas e até mesmo crus.

Quase dia sim, dia não, mãe separava quatro claras das gemas, batia com um batedor manual até que as claras ficassem com a aparência de neve e nesse momento acrescentava as gemas, um pouco de açúcar, canela em pó e um porção de “farinha de guerra” peneirada. Batia por mais um tempo e nos servia como meren-

da das três da tarde. Até que não era ruim desde que os ovos batidos fossem novinhos.

Ela também nos ensinou a bebê-los crus, de um só gole, assim que as galinhas os botassem. Isso poupava o trabalho dela e, ainda por cima era mais forte, segundo dizia.

Não sei a razão, porém toda vez que uma galinha põe um ovo ela cacareja freneticamente como se dissesse para as outras que acabara de se livrar de um problema fisiológico que, guardadas as proporções entre a saída e o tamanho do ovo, não deve ser coisa fácil. Em seguida, se sacode para arrumar as penas e se afasta do ninho.

Minha irmã e eu ficávamos sempre de antenas ligadas. Bastava ouvir o cacarejo de uma das galinhas do quintal saíamos correndo. Quem chegasse primeiro pegava o ovo ainda quentinho, quebrava sua casca na beira do caçua e engolia de vez seu conteúdo. Mãe dizia que fazer isso era bom para curar anemias. Há controvérsias...

Certa feita, enquanto ajudava trabalhando na venda, ouvi a gritaria de uma galinha que, provavelmente acabara de pôr. Corri, rapidamente, antes que Suely chegasse primeiro e fosse premiada. Assim que cheguei e identifiquei o ninho, pequei o ovo ainda quente, quebrei sua casca no beiral do caçua e, de uma só, vez engoli o conteúdo. A pressa com que fiz tudo isso, não deixou ver que aquele ovo tinha duas gemas, portanto, maior que o normal. Os movimentos anátomo-fisiológicos feitos pela orofaringe deixaram passar uma das gemas, no entanto quebrou a outra e forçou a saída pelo nariz de grande parte da mistura clara/gema deixando um duplo rastro de ovo aparecendo no lábio superior.

Até hoje, não sei como se lava o interior do nariz. Resultado: os resíduos do ovo apodreceram com o passar dos dias deixando um cheiro típico de ovo podre que foi esmaecendo com o tempo. Tomei um nojo tão grande de ovo cru que nunca mais repeti a competição com Suely, que passou a reinar sozinha. Ela também terminou deixando de tomar ovo cru. Perdeu a graça da disputa

de quem chegava primeiro.

A outra peraltice teve consequências muito mais sérias e da qual me lembro dos detalhes de modo tão forte que os vejo a cores. Tudo começou com uma brincadeira inocente e típica de uma criança de curiosidade aguçada, ávida por descobrir as coisas sem medir as consequências, justamente por desconhecê-las.

Era uma manhã de sábado: a venda estava cheia e todos ocupados. Suely brincava com suas bonecas e eu sozinho no quintal brincava de engenheiro. Primeiro construí uma ponte de madeira usando duas caixas vazias de charuto “Suerdieck”. Elas eram fabricadas com pequenas tábuas de um cedro mole e fácil de ser cortado ou serrado com uma serra “tico-tico”, pegada na venda. Uma vez terminada, cavei com enxada o leito daquilo que seria o rio onde colocaria a “bela” ponte recém-acabada. Tentei por várias vezes fazer correr água pelo rio. Como o terreno do quintal estava bem seco, assim que, despejava a água no “leito do rio” ela era absorvida. Desistí de ter um rio com água corrente.

Depois de fazer meus carrinhos atravessarem a ponte, de um lado para o outro, por várias vezes, terminei me cansando daquela brincadeira. Ficou sem graça, tudo aquilo. E agora, o que fazer para continuar brincando de engenheiro?

Sozinho, sem nenhum adulto por perto para controlar as atitudes de uma criança, tive uma ideia literalmente “brilhante”. Iria dinamitá-la. Fazer, exatamente o que o engenheiro fez durante a construção da ponte da Mangabinha, em Itabuna.

Meu pai vendia de tudo, inclusive “bananas de dinamite”, acompanhadas do estopim ou do detonador mais moderno. Naquela época, por volta de 1947, não havia controle. Qualquer pessoa poderia comprar dinamite para usar em pedreiras, por exemplo.

Felizmente a dinamite era estocada envolta em pó de serra, dentro de uma espécie de baú, trancado com um cadeado e cuja chave ele guardava.

Sem a dinamite como substituí-la? A imaginação começou a

viajar. Como seria a explosão do artefato? E a ponte, como ficaria? Será que o estouro abriria um buraco no chão do quintal? Obcecado pela curiosidade do desconhecido e com a ideia fixa em imitar o engenheiro de Itabuna, troquei a dinamite por um cartucho de pólvora contendo 100 gramas do explosivo e que tinha a forma da "banana de dinamite".

Era um cartucho de cor verde, marca Elefante "três F", fabricado pela Companhia Brasileira de Cartuchos, bem mais fácil de apanha-lo, escondido do meu pai. Bastava esperar o momento que ele, ocupado por um freguês, não me pegaria com "a boca na botija." Esse tipo da embalagem era a preferida dos caçadores munidos de espingardas de socar, aquelas que são carregadas pela "boca." Um cartucho de pólvora era capaz de permitir mais de 20 tiros, aproximadamente. Isso dá uma ideia da potência das 100 gramas do pó preto.

De posse da pólvora faltava o estopim. Diante da impossibilidade de consegui-lo, o substituí por um pedaço grande de cordão de algodão, encharcado em querosene. Furei um buraco na cabeça do cartucho, enfiei um pedaço do cordão que ficou em contato com a pólvora, cuidadosamente ajeitei o cartucho debaixo da ponte, estiquei o cordão até que pudesse me esconder atrás da ruma de pedras e toquei fogo no improvisado detonador.

Para meu espanto, tinha pensado em quase tudo para não ter erros e suas consequências. Logo descobri que não me lembrara das galinhas, perus e outros. Assim que me afastei da ponte e do rio, todos eles principalmente um peru, vieram ciscar onde havia cavado o terreno à procura de minhocas e outros bichinhos. O peru, coitado, estava com aquele rabo exuberante, exatamente em cima da ponte.

Previendo a catástrofe comecei a jogar pedras tentando afastar o peru da bomba, mas de nada adiantou. Ao contrário ele gorgolejava cada vez mais animado e forte tentando atrair a perua para perto dele.

Quando o fogo atingiu o cartucho, a combustão instantânea

foi tão grande que formou uma bola de fogo extremamente quente acompanhado de uma nuvem de fumaça que encobriu todo o ambiente. Infelizmente o pobre do peru saiu correndo como um louco com o rabo todo queimado e as penas engurujadas pela alta temperatura.

Nesse momento, o velho Balbino Oliveira, nosso vizinho, estava apreciando tudo enquanto urinava no seu quintal. Normalmente, as vendas não possuíam sanitário. As necessidades eram satisfeitas no quintal da casa. Vendo que eu estava no meio de uma séria estripulia ele foi avisar a meu pai o qual chegou de imediato e ainda presenciou a fumaceira e o peru que corria de um canto para o outro provavelmente levado pela dor por causa do rabo queimado. Vendo o sofrimento da ave ele correu atrás e quando conseguiu pegá-la torceu seu pescoço matando-a instantaneamente acabando assim com o seu sofrer.

Resolvido o lado de peru, vi que havia chegado a minha vez e, morrendo de medo, me mijeí todo. Ele, desorientado pela raiva, quebrou com as mãos um caixão vazio que estava perto, pegou uma das tábuas e me deu uma surra concentrando as pancadas nas pernas, justificando que, como eu usava calças curtas, todos iam ver que eu havia apanhado merecidamente.

Para melhorar as ronchas (manchas roxas) que apareceram nas pernas, minha mãe me deu um banho numa bacia com água de sal e, à noite, tive um pouco de febre. Não nego que deixei escapar, para que mãe ouvisse e dissesse a ele, que gostaria de morrer para ele ficar com o remorso. Coisas de crianças...

Hoje, além de compreendê-lo e perdoar-lhe, agradeço a surra. Talvez se nada tivesse acontecido no sentido de corrigir travessuras semelhantes até onde iria minha ousadia?

Finalmente, o almoço do domingo subsequente foi peru, contudo meu pai não me deixou comê-lo. Tive de me contentar com o feijão e o arroz simplesmente.

Antes de contar a estripulia mais perigosa, maluca e inconsequente que participei juntamente com meu ex-cunhado, quando

éramos adolescentes, vou relatar uma traquinagem muito mais inocente e própria de uma criança peralta acostumada a brincar sozinha (faço isso com a finalidade de relaxar o estimado leitor preparando-o para o inacreditável que virá).

Antes citado, o quintal da venda era um verdadeiro pomar. Dentre as árvores frutíferas se destacavam duas goiabeiras que produziam frutas brancas e vermelhas, respectivamente. Um dia pela manhã, descobri uma goiaba branca linda, sem bicada de pássaros, meio escondida entre as folhagens. Quando estava me preparando para subir na goiabeira e colher aquela beleza de fruta fresquinha, vi que no galho vizinho e também escondida entre as folhas, existia uma casa de uma espécie de marimbondo conhecido como “3 por 2” (essa denominação vem do fato que três mordidas de qualquer tipo de marimbondo equivalem em dor e inchaço a duas picadas dessa espécie). Compreendi imediatamente porque uma goiaba tão bonita ainda não havia sido comida. Era muito arriscado jogar pedras ou usar uma vara para colhê-la. Os marimbondos estavam muito pertos e assanhados.

Na impossibilidade de comer a dita goiaba resolvi aproveitar a oportunidade para armar uma estripulia que me mantivesse ocupado e que no final me divertisse.

Apanhei na venda, escondido do meu pai (como sempre), uma meada de linha usada para bordar, de cor verde sumo para confundir-se com o verde das folhas da goiabeira e dificultar ser vista. Com o auxílio de um caixão e algumas pedras amarrei a ponta da meada no galho onde os marimbondos construíram sua morada. Encobri cuidadosamente o restante da linha até um esconderijo feito na ruma de pedras.

Tudo pronto, fui procurar alguém para cair na armadilha. Pensei em chamar Ademir, mas ele era suficientemente inteligente para desconfiar da treita. Alguns passos a mais e encontrei Missinho, um dos meus amigos, suficientemente besta para cair na esparrela.

Com a aparência mais séria possível disse-lhe que no quintal

da venda tinha uma goiaba linda esperando para ser comida e que eu não a comi porque já estava cheio delas.

Notei que ele acreditou. Corri na frente e me preparei para sua chegada. Não demorou e ele, vidrado na goiaba, começou a subir na árvore. Quando ia estender o braço para fazer a colheita, dei vários puxões na linha da meada e isso espantou os marimbondos que o atacaram com várias picadas. Uma dela na pálpebra superior do olho direito a qual inchou tanto que o impossibilitou de abrir o olho por quase dois dias. A consequência não foi maior porque ele pulou da árvore mais que depressa, saiu em disparada e, longe das vespas, urinou na mão e esfregou nas picadas.

Dizem que esfregar urina em picadas de insetos é um santo remédio. Quanto a mim, tudo aquilo funcionou como um grande divertimento. Só não podia rir alto. Engoli o riso e continuei escondido atrás da ruma de pedras. Felizmente, ele não entendeu nada nem eu contei o acontecido.

Em verdade, pouquíssimas pessoas conhecem a história que ora vou tentar descrever e deixar para a posteridade. Até hoje sinto uma mistura de vergonha e remorso diante da enorme irresponsabilidade e periculosidade nas quais Armando, meu ex-cunhado, e eu nos envolvemos.

Vamos lá. Numa das grandes férias escolares de fim de ano, isso por volta dos quinze para os dezesesseis anos de idade, Armando era um dos meus grandes amigos, principalmente porque ele estava de olho em Suely e para chegar até ela usava a velha técnica de amaciar primeiro o futuro cunhado para que ele servisse de traço de união entre os dois. Nessa época Suely tinha quase quatorze anos e Armando 17.

Ele, sendo o caçula dos seis filhos do Major Jonga, rico fazendeiro que colhia mais de 10.000 arrobas de cacau a cada ano, fazia o que queria com tanto dinheiro. Por exemplo: Armando ganhou de presente um rifle calibre 22, da marca Winchester, importado dos Estados Unidos, com vários tipos de miras inclusive com luneta, automático e com capacidade de 21 tiros com balas longas e 32 com

curtas. Era uma beleza de arma. Extremamente precisa e capaz de acertar um alvo a um quilômetro de distância. Naquela época não era proibido portar armas de fogo principalmente se a mesma fosse usada para a caça ou a sua própria defesa ou do patrimônio. O delegado, Sargento Josafá tinha relativo conhecimento das pessoas que possuíam armas, contudo não permitia que elas as portassem publicamente enquanto estivessem no perímetro da vila. O costume era o seguinte: Chegou da roça com sua arma de fogo, logo na entrada da vila deixava a arma na casa de um amigo para não sofrer o constrangimento de encontrar-se com o delegado ou seus soldados.

Ninguém controlava a venda de armas, de seus carregamentos e nem o trabalho dos ferreiros que as fabricavam ou consertavam. Meu pai vendia armas de vários tipos. Entre elas, A Violeta vendia um rifle fabricado pela Empresa Taurus do Brasil, de excelente qualidade, semiautomático, de apenas 5 tiros. Sonhava possuir um, mas também sabia que meu pai nunca iria me presentear com um deles. Acho que de tanto eu falar dos meus sonhos, o Major Jonga mandou um de presente para mim. Quando fui mostrar a meu pai, todo contente e com um riso que ia dum canto ao outro da boca, ele mandou que levasse o presente de volta. Que decepção.

Participando à parte do imbróglia minha mãe interveio e convenceu meu pai que seria uma grande desfeita para o Major não aceitar o presente. Escondido de todos, pulei de alegria e imediatamente fui para a roça de gado treinar, tendo como alvo as manchas brancas nas árvores (liquens) ou frutas, a exemplo de limão ou laranja, com o máximo cuidado de sempre atirar em alvos situados no alto para evitar atingir algo, mesmo que situado a considerável distancia.

O rifle veio acompanhado de uma caixa com cem balas as quais foram usadas em menos de uma semana no ajuste da pontaria e calibração da mira. Meu pai era um dos vendedores dessa munição. No entanto, sabendo que eu havia me transformado num exímio gastador, mais que de repente escondeu todo o estoque das balas de calibre 22 como uma maneira de controlar meu uso. Sua

tática só não funcionou bem porque Armando que não tinha problemas de municiamento sempre me provisionava para que pudessemos disputar quem atirava melhor.

Já habituado com a arma e me sentindo um bom atirador, capaz de derrubar uma manga cortando seu talo com um tiro, coisa que Armando também fazia, chegamos ao ponto de disputarmos os mais estranhos desafios. Um deles, o que mais gostávamos consistia em atirar no caule de uma árvore distanciada de uns trinta metros e, em seguida colocar uma bala nova, enfiada no buraco feito pela precedente e tentar acertar, no fundo minúsculo da nova bala, provocando sua detonação e a feitura de um buraco no tronco da árvore, mais ou menos do tamanho de um limão mirim.

Outro desafio bem mais perigoso e que só disputávamos com os rifles apoiados numa forquilha ou em outro amparo devidamente seguro, se resumia no seguinte: Depois de escolhermos num cacho de bananas uma delas ainda não completamente madura segurávamos a fruta pelo talo recém-cortado com os dois dedos, polegar e indicador, da mão direita e esticávamos o braço para afastá-lo do corpo.

A uma distância de uma vintena de metros nos posicionávamos de costas para quem iria atirar na banana. Aquele que acertasse na fruta mais perto dos dedos, fazia o outro comê-la. Armando e eu comemos muitas bananas verdosas.

Qualquer deslize ou desconcentração na hora do tiro poderia corresponder à perda dos dedos ou da própria mão.

Quanta loucura e irresponsabilidade juntas... Tudo isso para mostrar ao parceiro quem melhor atirava. Graças a Deus não houve acidentes. Nós calculávamos os riscos até onde podíamos. Se persistisse alguma dúvida, não nos arriscaríamos.

A sensação à qual éramos submetidos poderia ser comparada àquela de um trapezista no instante de um salto mortal triplo. Não era permitido errar. Aliás, fazíamos essas disputas sempre longe de espectadores porque tínhamos a certeza de que não receberíamos nenhum apoio diante de tamanha bestagem.

Apesar das tantas brincadeiras perigosas, continuávamos a criar outras, sempre desafiantes. Para nós dois “o céu era o limite”. Chegamos ao cimo da irresponsabilidade durante uma demonstração feita na fazenda do Sr. João Lavigne com a reles justificativa de mostrarmos nossa ousadia como bons atiradores.

Para melhor compreensão do fato e do tamanho da irresponsabilidade nele embutida, vale a pena voltar um pouco ao Colégio 2 de Julho onde estudava a quarta série de ginásio com dezesseis anos, isto em 1956.

No ano anterior o pai de Fernando Lavigne um dos meus colegas de turma e de especial destaque na sociedade Ilheense, comprou uma importante fazenda de cacau na localidade de “Rio das Pratas”, bem perto de Santa Rosa. Coincidentemente meu pai já conhecia o Sr. João Lavigne e reforçaram as relações quando foi designado para fornecer todo o material e mantimentos necessários aos empregados da referida fazenda. Os dois se reuniam uma vez mensalmente para acerto das contas.

Durante as grandes férias de fim do ano de 1956, Fernando acompanhou seu pai numa das visitas à fazenda do “Rio das Pratas”. Sabendo que este prezado colega estava tão perto, convidei Armando para irmos até lá fazermos uma visita de cortesia. Imediatamente ele aceitou. Amarramos nossos rifles às nossas inseparáveis bicicletas e já estávamos de partida quando chegou Cori, também de bicicleta, inteirou-se do que íamos fazer e se juntou à comitiva.

A estrada de rodagem entre Santa Rosa e Camacan estava em plena construção e dava passagem, quando não estava chovendo, até as proximidades da fazenda “Rio das Pratas”.

Até hoje a estrada, agora asfaltada, é muito bonita. Seu traçado topográfico passa no meio do cacau e da mata atlântica, oferecendo ao transeunte, paisagens deslumbrantes. Viajar entre Pau-brasil e Camacan além de muito prazeroso, sentir o cheiro da mata e ouvir o canto dos pássaros, tranquiliza e faz esquecer ou diminuir as tensões cotidianas.

Chegamos à fazenda por volta da metade da manhã. Não

tínhamos relógios, nem nos incomodava com o tempo. Enquanto se é jovem adolescente o tempo não conta. Brinca-se no presente e transferem-se para o amanhã as coisas mais sérias.

Assim que foi avisado da nossa presença, Fernando veio nos receber sempre sorridente, disposto a saber das novidades e, sobretudo, brincar.

De imediato ele se interessou pelos rifles amarrados nas bicicletas. Ficou maravilhado com aquele que Armando transportava. Era um rifle de fazer inveja a todos, a mim inclusive. Como ele nunca tinha atirado nem conhecia nenhuma arma de fogo, demos uma verdadeira aula descrevendo cada parte física do rifle automático e, sob nosso controle, o deixamos atirar num alvo fácil. Deslumbrou-se com a precisão da arma.

Sentimos que havia chegada a hora de demonstrar nossas habilidades para um Fernando completamente encantado com o que fazíamos com os tiros.

Não demorou muito e partimos para uma demonstração que tenho vergonha de contar. Só em pensar no que poderia ter acontecido, ainda hoje meu coração bate mais rápido e minhas mãos esfriam.

Aposto que você, estimado leitor, nunca pensou em participar de façanha tão maluca, perigosa e irresponsável como a que fizemos no terreiro da fazenda “Rio das Pratas”, sob os olhares estupefatos de Fernando Lavigne. Chamamos Cori que ainda era uma criança mais desajuizada que nós e o colocamos em pé, no meio do terreiro com uma fruta-pão na cabeça à semelhança do que tínhamos visto no cinema com Guilherme Tell.

Com os rifles bem apoiados nos batentes de duas janelas da casa da fazenda, miramos a fruta-pão em cima da cabeça de Cori. Pedimos a Fernando que contasse até três e atiramos tão sincronizados que parecia um só tiro. As balas passaram tão rápidas pela fruta-pão que não chegaram a derrubá-la. Deu a impressão que não havíamos acertado a fruta. Quando nos aproximamos de Cori, vimos os dois buracos das balas, um juntinho ao outro. Fernando não

acreditou no que viu e Cori nada comentou. Tenho certeza que aquela criança nem aquilatava o perigo pelo qual havia passado.

Quanta irresponsabilidade...

Garanto que se o Sr. João Lavigne estivesse presente e adivinhasse o que iríamos fazer, além de nos dar “um chega pra lá” tomaria nossos rifles e só os entregaria aos nossos pais após sérias recomendações. Apenas uma pergunta para encerramos essa vergonhosa façanha. E se, no momento dos tiros, uma rajada de vento tivesse movimentado as janelas ou mesmo espirrássemos?

Vamos deixá-la sem resposta.

Sugiro-lhe meditar um tempo sobre as consequências e as mudanças de rumo que nossas vidas teriam tomado. “Vige Maria”.

Hoje sinto que apesar de Deus nos ter dado o livre arbítrio para escolhermos nossos procedimentos, Ele está sempre presente, principalmente ao lado das crianças, guiando-as e protegendo-as nas irresponsabilidades sem dolo.

Com o intuito de fazê-lo diminuir ou esquecer o que foi contado, vou comentar sobre outra estripulia, ainda ligada aos rifles, desta vez, porém, cheia de surpresas e de consequências bem diferentes.

Infelizmente, peço desculpas ao estimado leitor para apresentar apenas um resumo do que nos aconteceu quando Armando e eu caçávamos teiú ou tatu numa “roça de mandioca” dentro da fazenda do seu pai, o respeitado Major Jonga.

Pisávamos com muito cuidado para não fazer barulho e espantar os animais silvestres quando, subitamente, ouvimos que alguém sorria freneticamente bem atrás da gente, contudo sem nos ver. Cautelosamente, com o maior cuidado do mundo, nos dirigimos em direção aos risos. Ao nos aproximarmos, escondidos atrás das árvores vimos, para nossa enorme surpresa, que se tratava de duas jovens “incubadas”, irmãs e idades entre 17 e 19 anos. Até aí, nada de extraordinário. No entanto, quando descobrimos o porque dos frenéticos risos, vimos que uma delas, a mais velha, conhecida pelo apelido de “sanfona”, não imagino o porquê, havia ar-

rancado da terra um “pé de mandioca”, escolhido uma raiz de tamanho e grossura convenientes e, após tê-la descascado a usou como instrumento de prazer sexual. Enquanto isso a irmã menor sorria desvairadamente. Literalmente armados, Armando e eu surgimos de vez, como se viéssemos do nada e, a partir daí, foi muito fácil substituir as raízes de mandioca.

Deixo com o caro leitor o complemento desse inusitado resumo. Peço novamente desculpas por não achar conveniente detalhar todos os pormenores, inclusive as cores do ambiente da roça de mandiocas, naquela manhã de férias.

Décimo fuxico **Entes exóticos**

Trago para o conhecimento do dileto leitor algumas personagens, realmente exóticas, com as quais convivi parte da minha infância. Elas, de certo modo, contribuíram com seus exemplos de vida, para o meu crescimento de menino criado num interior profundo, rústico e sujeito a um equilíbrio social muito tênue, baseado na ignorância, na lei do mais forte e suportado muito mais por credices, subterfúgios e esoterismos do que pelas verdades social e biológica dos fatos.

Meu pai, por exemplo, cuidava com muito respeito de um *famaliá* (o nome era esse mesmo), presenteado por D. Idália, uma mãe de santo que tinha um terreiro vizinho ao fovôco (sinônimo muito usado no sul da Bahia como um nome mais ameno para puteiro), na Rua das Pedrinhas (D. Idália merecerá alguns comentários posteriormente.)

Em verdade tratava-se de um bonequinho de plástico preto, sem roupas, com os olhos pintados de branco e os lábios de vermelho intenso, que ele amarrou uma fita vermelha no pescoço, como se o enforcasse e o pendurou propositadamente, num prego colocado numa das prateleiras mais visível da venda “A Violeta”, à vista de todos. Segundo os entendidos, o *famaliá* representava o diabo que ajudava na proteção dos maus agouros e, principalmente, do “olho gordo” e da inveja alheia.

Ele respeitava tanto aquele amuleto que somente ele, nem minha mãe e muito menos os empregados poderiam limpá-lo, de vez em quando, retirando a poeira que se depositava no boneco, com o passar do tempo.

Outra crendice fortemente respeitada pelos caboclos e que meu pai também acreditava, era o mito da *jequitiranaboia* ou *jitiranaboia* a temível “cobra de asa”. Ele possuía um exemplar, conservado no álcool dentro de um frasco de boca larga e bem tampado que lhe foi presenteado por um grupo de índios do Posto Caramuru-Paraguaçu, dentre os quais estava o meu amigo “Não cai”.

Lembro-me de um pequeno detalhe, quase apagado das minhas lembranças, e que consistiu numa ligeira cerimônia de doação da cobra voadora. Aqueles indígenas, vestidos em seus trajes típicos, fizeram uma roda em frente “À Violeta”, cantaram e dançaram por um breve tempo, antes de presentear meu pai com o exemplar da “cobra que voa”.

Houve certo receio quanto à aceitação de algo tão temido e cercado de crendices. Contudo ele foi convencido pelo chefe do grupo indígena que a casa que guarda uma *jitiranabóia* está protegida de catástrofes naturais como tormentas, enchentes, relâmpagos e trovoadas.

Essa “cobra voadora” tem um veneno tão poderoso que, segundos os índios, se ela ferroar uma árvore, não importa seu tamanho ela seca e morre em poucos dias. Em verdade, trata-se de um inseto inofensivo que se alimenta da seiva das plantas e se defende dos seus predadores adaptando seu apêndice cefálico para que simule a cabeça de uma jararaca, por isso tão temida.

Em termos sistemáticos pertence à ordem *Homóptera* (que agrega as cigarras) e à família *Fulgoridae*. A espécie mais comum nas matas brasileiras é a *Fulgora laternaria* batizada pelos índios de língua tupi-guarani de *jequitiranabóia* (*yeki* = cigarra; *rana* = parecido; *mboya* = cobra).

A crença que meu pai depositava nesses dois amuletos “protetores” era tão forte que ele os conservou por quase três décadas e, quando passou a massa da venda, para Henrique, seu empregado, como forma de indenização, o *famaliá* e a *jitiranaboia* foram “proteger” seu novo dono.

10.1 - *Zé da véa Jove*

Antes de resumir algumas características exóticas do personagem “*Zé da véa Jove*”, sinto a necessidade de traduzir seu nome, tão singular. Era o único filho de D. Joventina, ou dona Jove, há muito tempo viúva e que sustentava a ela e ao seu filho vendendo lenha ou carvão, feitos por ela com a ajuda do Zé.

Moravam com a permissão do fazendeiro, numa choupana situada na “boca da mata” pertencente à fazenda Biana, nos arredores da vila e famosa por produzir uma cachaça de excelente qualidade, proveniente da fermentação do caldo da cana caiana e destilada num alambique de barro.

Um pequeno detalhe de utilidade pública. A cachaça derivada da fermentação da cana em dornas ou tanques metálicos e, posteriormente destilada em alambique de cobre, possui uma alta taxa de íons metálicos, principalmente de cobre que a tornam danosa principalmente para o fígado e rins, dando ao indivíduo que a bebe, sem moderação, o aspecto típico de faces amarelada e pernas inchadas.

A fermentação feita em tanques cavados no chão e a destilação em alambiques de barro resultam numa destilada de qualidade, com quase nenhum íon cúprico.

Os especialistas na fabricação da aguardente sabem que a “cabeça” da destilação é rica em aldeídos, principalmente o acetaldeído. Sendo essas substâncias, na sua maioria vasodiladoras, a ingestão dessa “água que passarinho não bebe”, resulta numa ressaca acompanhada de enjoo e dor de cabeça pulsátil,

decorrente da vasodilatação mencionada. Do mesmo modo, a pinga que resulta do final da destilação, conhecida como “pé da destilação” é rica em ácido acético o qual, além de emprestar a sensação de queimor ao bebê-la, ataca as paredes do alambique de cobre formando acetato cúprico cuja toxicidade é conhecida.

Entre a cabeça e o pé da destilação obtém-se o corpo ou “purinha” onde praticamente destila a mistura azeotrópica constituída do álcool etílico, da água e os perfumes naturais da cana. Por ser de difícil separação, as “puras” obtidas com esses cuidados são raras, caras e de excelente aceitação como bebida forte.

Mas, finalmente, o que tem o *Zé da véa Jove* com a fabricação de cachaça? Muito simples de explicar. Desde pequeno era ele que trazia num jegue, a lenha que era utilizada na caldeira da destilaria e acostumou-se com o cheiro da pinga que escapava naturalmente. Com o passar dos anos, ele foi crescendo e aprendendo a beber doses cada vez maiores.

Sua mãe envelheceu e ele, adulto, tornou-se um carvoeiro de primeira qualidade. Quando a destilaria da Biana fechou, ele era o distribuidor de lenha para a padaria “A Sergipana” e de carvão para a maioria das casas da vila. Meu pai era um dos seus fregueses.

Naquela época, final da década de quarenta, ainda não havia chegado o gás engarrafado de uso doméstico. Tudo era feito usando o carvão ou a lenha diretamente. Duas vezes por semana ele passava completando os estoques dos seus fregueses. Quando terminava seu trabalho, por volta das oito da noite, passava na venda e comprava um copo quase cheio de temperada, deixava cair perto dos seus pés a porção dos “santos” e o restante sorvia de uma só vez. Energizado pelo efeito do álcool desaparecia na escuridão da noite, no caminho de casa, para a companhia da sua mãe.

Zé da véa Jove nunca casou. Andava sempre descalço, sujo do carvão e mal vestido. Com seu surrado chapéu de palha, sua camisa desabotoada, mostrando peito e barriga dava a impressão que não tomava banho todos os dias, aparentemente somente aos sá-

bados quando vinha fazer sua feira semanal.

Era um homem rude e destemido. Porém, num sábado de lua cheia já de noite, meu pai se preparava para fechar a venda, quando ele apareceu, ofegante, apavorado e todo arranhado como se tivesse lutado com uma onça. Meu pai tentou acalmá-lo, dando-lhe um pouco da sua temperada favorita. Passado certo tempo, já bem mais calmo afirmou categoricamente que havia lutado com um lobisomem na entrada da “boca da mata”, já perto da sua casa. Rapidamente a notícia da sua luta com o “bicho” espalhou-se igual a coceira. Começou a juntar gente na porta da venda para ver o estado de *Zé da véa Jove* e ouvir o seu dramático relato.

Ademir, Mundinho, Zé Neto, Celso Boca Rica e, obviamente, Cassimirão juntaram um grupo de “corajosos” e foram ver *in situ* o que realmente tinha acontecido. Perguntei a meu pai se ele permitia que eu também fosse, já que no grupo tinha Mundinho, Cassimirão, Celso e outros. Recebi como resposta um não seco e sem comentários.

Zé da véa Jove foi na frente liderando o grupo, pois só ele conhecia o local exato da briga com o lobisomem. Segundo Cassimirão, acostumado a contar um conto e aumentar um ponto, realmente o local da contenda estava todo capinado como se alguém tivesse participado de uma luta de facão com algum ente bem mais forte ou mesmo sobrenatural.

Alguém achou o facão de *Zé da véa Jove* que ele havia perdido ao correr do bicho. O facão estava imprestável. Tinha “dentes” enormes em toda a extensão do seu fio. Dava a impressão que ele, em sua luta, bateu seu facão com toda a força, nas pedras do local.

Depois de deixarem *Zé da véa Jove* em sua casa, ao lado de sua mãe que já se mostrava preocupada com a demora do filho, o grupo voltou para Santa Rosa e, no outro dia, a conversa que se ouvia versava sobre a luta de *Zé da véa Jove* com o suposto lobisomem.

Cada qual dava sua explicação, ora contradizendo a veracidade do acontecido ora acreditando e, alguns até acrescentavam

suas experiências no conhecimento dos lobisomens. Mundinho, eu e outros mais letrados tínhamos, também, a nossa explicação. *Zé da véa Jove* de tanto beber aguardente chegou a um ponto tal de alcoolismo onde a visão de animais estranhos, entes sobrenaturais, a exemplo da caapora, mula sem cabeça e o próprio lobisomem acompanhavam outros sinais de intoxicação alcoólica.

Apesar de não ter acreditado na luta entre o homem e o lobisomem me pareceu muito mais romântico deixar o pensamento criar asas e voar sobre as lendas, mitos e histórias cheias de fantasias que nossos pais contavam para que dormíssemos ou sonhássemos, mesmo sabendo das suas impossibilidades físico-químicas.

Quando era interno no Colégio 2 de Julho, tive um amigo da cidade de Juazeiro que acreditava tanto nas histórias em quadrinhos com seus heróis fantásticos e plenos de superpoderes que, com dez anos de idade, subiu na proteção da ponte entre Juazeiro e Petrolina, gritou “Shazan”, não esperou que o raio o transformasse em Capitão Marvel e pulou. Não morreu por duas razões principais: sabia nadar e em baixo da lâmina de água, existia um banco de areia.

10.2 - Zefa Chico-frio

Antes de explicar porque D. Zefa tinha o “chico frio”, gostaria de apresentar esta personagem singular. Dona Josefa era a personificação da pobreza. Simplesmente não tinha nenhuma fonte de renda constante. Contudo, nunca a vi com traços de preocupação em seu rosto. Era alegre e transmitia uma dignidade exemplar. Seu marido não trabalhava. Era portador de uma doença guardada em segredo e que o deixava, a maior parte do tempo no leito ou numa cadeira “espreguiçadeira”. Ele também demonstrava certa felicidade mesmo sendo tão pobre. Segundo minha mãe, sua comadre, “eles eram verdadeiros pés-rapados. Não tinham nem o que periquito roer”. (expressão muito usada para significar abso-

luta pobreza). Para completar o quadro, tinham um filho, Ailto que, coincidentemente, nasceu no mesmo dia e quase na mesma hora que eu, numa segunda feira pela manhã de 28 de agosto de 1939. Naqueles tempos se dizia que pobre não fazia aniversário, mudava de idade. Nós mudávamos de idades, juntos.

Minha mãe era sua madrinha de batismo e gostava muito dele. Lembro-me, até certo ponto, que comemorávamos nossos aniversários lá em casa, como uma forma dele comer bolo no dia de sua “festa”.

“Além de queda coice”. Ailto era “curto de memória”. Tinha muita dificuldade em aprender. Minha mãe chegou a matriculá-lo na escola do professor Durvallindo, mas de nada adiantou. Não passou da cartilha. O que causava estranheza naqueles que o conheciam era o tamanho da sua cabeça. Ele tinha uma cabeça enorme, realmente grande. E quando associavam o tamanho da cabeça com inteligência, não entendiam como uma pessoa de “cabeça tão grande” não conseguia aprender nada.

Hoje, eu tenho duas prováveis explicações para essa controvérsia. Suponho que Ailto era mais um oligofrênico social, tão comum neste país. Meninos que não receberam uma boa alimentação na primeira infância, principalmente rica em aminoácidos ditos essenciais, não desenvolveram um número suficiente de sinapses entre seus neurônios diminuindo, em muito, sua capacidade cognitiva.

A outra razão, talvez estivesse relacionada, justamente com o tamanho de sua cabeça. Hoje, quando tento me lembrar do seu aspecto físico, é a sua cabeça quem primeiro chega às minhas lembranças. Talvez ele fosse portador de uma leve hidrocefalia o que explicaria o diâmetro cefálico e a dificuldade de aprender. Ailto chegou até a idade adulta quando desapareceu da vila de Santa Rosa. Não sei para onde foi nem se continua vivo.

Que eu saiba, D. Zefa *Chico-frio* retirava a parca subsistência de sua família de três atividades que ela desenvolvia com competência e denodo.

Primeiramente era uma exímia curandeira. Tinha rezas e poções para todos os males. Quando minha irmã ou eu tínhamos febre, sem uma causa aparente, minha mãe a chamava para nos rezar contra “olhado”. Não sei explicar, mas sempre dava certo.

Um dia, ainda bem pequeno, não me lembro quando, eu jogava gudes com Normando em frente à Loja de Tecidos do seu pai. Como jogava melhor, ganhei todas as suas bolas de gude. Vendose sem mais nenhuma, ele começou a chorar e disse para o seu pai que eu havia tomado todos os seus gudes à força. Mentira deslavada.

Sem perguntar o que havia de fato acontecido, seu pai saiu da loja e me segurou forte. Depois de contido, ele disse ao seu filho que pegasse e guardasse as suas bolas de gude, juntamente com as minhas, além de me bater como quisesse. Normando preferiu morder a palma de minha mão. Por pouco não arrancou um pedaço da pele. Logo após seu pai ter me soltado, chorando por ter perdido meus gudes e pela dor da mordida, corri até a casa de D. *Zefa Chico-frio* e pedi para que ela rezasse minha ferida. Lembro-me perfeitamente que além de rezar, ela passou bosta de galinha, dizendo que aquele tratamento faria cair todos os dentes de Normando, fossem dentes de leite ou permanentes. Saí contente e aliviado da sua casa. No entanto, alguma coisa deu errado. Passei um tempo observando os dentes do Normando. Como não caíram, me conformei e deixei de lado.

Secundariamente, ela ganhava um dinheirinho torrando café para alguns fregueses. Fazia esse trabalho todos os dias da semana sempre às tardes e, algumas vezes, entrava “noite adentro” pilando o café torrado até transformá-lo num fino pó. Seu trabalho era apreciado e não faltavam fregueses. De acordo com a preferência do freguês ela torrava o café caldeado ou o puro, sem misturas. Em verdade, o caldeado resultava da mistura do caldo da cana, da rapadura ou mesmo do açúcar no momento da torrefação. A alta temperatura carbonizava o açúcar contido no caldeamento tornando o café mais preto, dando a impressão de que era mais forte. Além disso, o caldeamento, quando bem feito deixava o café com

um leve sabor da cana. Nós fomos criados tomando café caldeado. Aliás, uma das merendas preferidas tomadas às três da tarde e muito apreciada, era feita com café preto, muito quente, quase fervendo adicionado de uma colher das de chá de manteiga, farinha de mandioca peneirada, bem fina e um pouco de açúcar. Depois de bem mexido para não embolar o escaldado de café resultante era tomado em pequenos goles, com todo gosto.

Finalmente, a última atividade que mantinha a fome afastada da família de D. Zefa *Chico-frio* era, justamente, aquela que deu origem ao seu apelido.

Bem cedinho, ao nascer do dia, ela pegava sua vara de pescar munida de um anzol para peixes pequenos, um cestinho feito de vime e uma faca tipo “peixeira”. Todos os dias, de domingo a domingo, ela entrava no rio da “água preta”, com água até o umbigo, de costas contra a corrente e o anzol coberto com um pedaço de minhoca colhida pela escavação do barranco ao lado e pescava piabas, traíras e jundiás até mais ou menos às dez horas quando voltava para casa com o resultado da pescaria. Todos os dias ela pescava por quase três horas com a metade inferior do corpo imersa na água fria, “esfriando suas partes”...

Quando tinha sorte e pescava peixes de melhor qualidade, ela vendia para comprar carne do sol, com a qual quebrava a monotonia dos peixes, com um feijão mais temperado.

10.3 - *A mulher que morreu com a bufa dentro*

A prevalência das doenças parasitárias e infecciosas na região sul da Bahia, mormente na região cacauieira, desde o seu desbravamento, sempre foi muito alta e contribuiu, em muito, para a redução da idade média de vida dos seus habitantes.

A absoluta falta de saneamento, o excesso de chuva e lama, a profunda ignorância do seu povo, além da pobreza extrema, ajudaram, decisivamente, para a contaminação das águas dos rios,

riachos e córregos, tornando-os os principais responsáveis pela disseminação das doenças, ditas transmissíveis. Destacavam-se as diversas parasitoses e a tuberculose. Adicionando a tudo isso, as baixas defesas imunológicas, aliadas à subnutrição crônica, ceifaram a vida de grande parte das crianças. Conheci famílias que perderam quase todos, senão todos os seus filhos, ainda em tenra idade.

Não faz muito tempo, quando uma pessoa morria principalmente no interior, onde não havia necrotério, era muito comum os parentes, amigos e conhecidos se reunirem para velarem o corpo defunto, nunca menos que 24 horas para evitar, como muitos acreditam, o sepultamento durante um ataque cataléptico. Sabe-se hoje que algumas pessoas, principalmente idosas e portadoras de demência precoce podem ser acometidas de um estado mórbido que se caracteriza por rigidez muscular semelhante àquela dos falecidos e que foram, por isso, sepultados ainda vivos. Somente, muito tempo depois, quando se abria a sepultura com a finalidade de traslado dos ossos para outro lugar ou sob mandado judicial no caso das exumações, descobria-se que o defunto estava numa posição que indicava movimentos depois do sepultamento.

Provavelmente durante as férias escolares do São João, antes de completar 13 anos, portanto em junho de 1952, correu um boato que depois se confirmou como notícia verdadeira que D. Lurdinha bordadeira, esposa de um remediado fazendeiro, havia “morrido com a bufa dentro”, durante a madrugada. Por causa do tamanho de sua barriga, estavam construindo um esquife especial já que os disponíveis eram pequenos na largura.

Seu corpo foi colocado sobre uma mesa, coberto com um lençol branco que deixava ver parcialmente o enorme tamanho de sua barriga e exposto na sala de visitas de sua residência. Seu velório transformou-se num fato especial. Poucos foram os habitantes da vila, seus fregueses de bordados, que não foram para a sentinela. Tenho lembrança de poucas sentinelas tão concorridas. Desde a boca da noite até o raiar do dia seguinte era grande o movimento, não somente para comer, beber e acompanhar os cânticos em

louvor da alma da defunta como, principalmente, ver o tamanho da sua barriga.

Nas sentinelas de pessoas mais abastadas, desde cedo eram servidos tira-gostos, bolachas, pão-de-ló e outros biscoitos acompanhados de café para as senhoras; aguardente ou outras bebidas para os homens.

Por volta da meia noite, talvez para manter a frequência daqueles mais próximos do morto, além de mostrar prestígio, era servido um prato quente, geralmente ensopado de galinha e mais velas eram acesas.

Acompanhado de meu pai chegamos em torno das vinte horas e, mesmo demorando pouco deu tempo, suficiente para ver, realmente o tamanho da barriga daquela desditosa senhora. Todos que a viram acreditavam que ela havia morrido, efetivamente, “com a bufa dentro”. Isto me impressionou tanto que quando ainda jovem e sentia a necessidade de diminuir a pressão dos gases intestinais, não media as consequências. Soltava-os onde estivesse. Tudo isso com medo de, também, “morrer com a bufa dentro”.

A explicação mais plausível para justificar a morte de Dona Lurdinha bordadeira, naquelas circunstâncias, parece ligada à esquistossomose mansônica numa de suas formas mais graves, acompanhadas de insuficiência hepática. A formação de granulomas em torno de vermes e ovos do *Schistosoma mansoni*, nos espaços porta-intra-hepáticos leva à hipertensão portal e conseqüentemente à filtração de líquido plasmático para a cavidade abdominal. Essa hidropisia conhecida vulgarmente como “barriga d’água” pode alcançar grandes volumes e comprometer gravemente as funções hepato-renais, culminando com a morte do paciente.

10.4 - *Adauto, o artesão*

Empregado na loja de tecidos “A Vantajosa”, de propriedade do Sr. Zeca Rosa, rico fazendeiro daquelas bandas do sul da Bahia,

em plena zona cacauzeira, foi uma das pessoas mais inteligentes que eu conheci quando criança. Apesar de nunca ter “alisado” os bancos de uma escola, aprendeu a ler por ele mesmo e desenvolveu uma caligrafia de fazer inveja aos mais cultos moradores da vila.

Seus amigos mais chegados sabiam que ele era “surdo como uma porta”. Os outros não notavam sua deficiência auditiva porque ele era exímio em leitura labial. Aprendeu a falar baixo como se tivesse escutando, inteiramente e com detalhes, o que falavam. Para manter o contato coloquial com os fregueses, quando esses necessitavam de algo afastado do balcão, se distanciava, porém nunca deixava de olhar seus rostos para não perder os movimentos labiais.

Era um artesão “de marca maior”. Fazia desde caprichadas gaiolas até carrosséis para festas, passando por finas malas de sola a celas ou arreios guarnecidos de fivelas e argolas de prata, importada, das minas de “Potosí” na Bolívia.

Andava pelas ruas da vila com uma espécie de corneta que ele fabricou com um chifre de boi, pendurada numa corrente metálica, com a qual podia escutar, precariamente do ambiente ao seu redor, alguma música ou outros sons, nem todos.

Consultou vários médicos em Itabuna e Ilhéus. na esperança de voltar a ouvir. Perdeu a audição, segundo contava, depois de uma grave infecção pelo vírus da varíola (*Poxvii iridae*) que não o matou, mas o ensurdeceu após lesão dos nervos óticos.

Vivendo no mundo do silêncio e acostumado com o isolamento sonoro, divertia-se fabricando esculturas em madeira, além dos mais variados objetos de couro. a exemplo de bolsas e sacolas, sempre distintas pelo capricho e beleza.

Suas gaiolas, de vários compartimentos eram verdadeiras obras de arte. As taliscas de madeira polida e envernizada eram separadas por contas acinzentadas (frutos de uma planta da família das *Poáceas*. conhecida como “cana brava” comum nos terrenos encharcados) e que emprestavam uma singela beleza às suas gaiolas.

Vendia tudo o que fabricava e gostava quando alguém encomendava algo fora da sua rotina, pois isso funcionava como um desafio para sua capacidade criativa.

O tempo corria rotineiramente e vivíamos o ano de 1950, tido pelo Vaticano como “Ano Santo”. Muitos acreditavam que o mundo acabaria naquele ano místico. Tio Garcia era um desses. Um dia, quase morreu de susto. Era mais ou menos o meio da tarde quando, montado no seu cavalo, tentava reunir sua pequena boiada para deixar os bezerros presos no curral e, com isso, aumentar a quantidade de leite retirado na ordenha da manhã seguinte quando, repentinamente, o dia virou noite. Escureceu tudo num instante, O sol desapareceu. As estrelas apareceram no céu escuro. Os galos, desorientados com o fenômeno, cantavam e se recolhiam atrapalhados.

Enquanto isso Tio Garcia, coitado, muito assustado tremia de medo. Não sabia o que estava acontecendo nem o que fazer. Deixou o gado de lado e voltou para a vila de Santa Rosa. Antes de chegar, ainda no caminho, viu a noite virar dia novamente. O sol voltou a brilhar com intensidade. As galinhas e os outros animais voltaram à rotina e ele dentro de sua profunda ignorância não sabia que participara de um famoso eclipse total do sol, visível no hemisfério sul. Aliás, foi muito difícil explicar para a maioria dos moradores da vila o que tinha realmente acontecido. Quase todos acreditavam que aquele fenômeno era um sinal que o mundo acabaria mesmo, naquele ano. Mais tarde, já recomposto do susto Tio Garcia confessou para o meu pai que o medo que experimentou foi tão grande que ele urinou-se.

Sabidamente, o Bispo da Diocese de São Jorge dos Ilhéus programou com a devida antecedência, uma semana de festividades para as quais foram marcados vários casamentos, batizados, crismas e consagrações. Era costume da Igreja Católica organizar, a cada dez anos, uma semana das Santas Missões naquelas paróquias mais afastadas da Diocese principal, com a finalidade maior de expandir a catequese e a evangelização. Todos, católicos ou não, se organizavam para participarem de alguma maneira, das festas

religiosas. Os padres das paróquias mais próximas e suas comitivas convergiam para a Sede das Santas Missões onde eram hospedados nas casas de amigos ou nas pensões improvisadas para o evento. Tenho uma vaga lembrança que meu pai hospedou em nossa casa um dos padres, talvez o de Itabuna, não tenho certeza.

Santa Rosa era uma festa só, durante aquela semana. Quase todas as mulheres, “donas de casa”, que sabiam fazer algo que pudesse interessar ao povo, a exemplo de bolos, cuscuz, mungunzá, arroz doce, brevidades, cocadas de diversos sabores, ou até mesmo comidas prontas como sarapatel, caruru, vatapá, rabada, galinha de molho pardo e outras delícias, faziam barracas na praça da feira onde os visitantes se fartavam a preços módicos.

Aproveitando o ambiente de festa contínua, Adaauto construiu, bem em frente da venda de meu pai, um carrossel para doze pessoas, inteiramente de madeira e vergalhões de aço, com bancos confortáveis e enfeitado de bandeirolas de papel crepon colorido.

Como não existia luz elétrica, o carrossel girava empurrado por uma tropa de meninos, eu inclusive. Quando o artefato giratório, carregado com seus passageiros, alcançava certa velocidade, embalado pela música de um sanfoneiro sentado numa cadeira adredemente colocada no centro do carrossel, todos os meninos pongavam para aproveitar do prazer de girar sem ter que pagar para isso.

Apesar do seu tamanho, o carrossel girava levemente como se usasse de rolamentos tecnicamente perfeitos. Ao contrário, sua eficiência era devida exclusivamente à untuosidade de uma boa porção de sebo de carneiro misturado com cera de abelha, colocada nas duas extremidades do eixo giratório.

Além da imagem multicolorida e rica em detalhes que ainda guardo na memória, recordo-me de ter assistido a um acontecimento curiosíssimo, rodeado de tabus, e que naquela época não tinha conhecimentos para ajudar ou mesmo entender. Vamos à sua resumida descrição.

Era quase um fim de tarde de domingo, último dia da Semana

Santa, a quermesse instalada na praça da feira, fervilhava com os “romeiros” participando das várias atrações e, inclusive, do carrossel que tinha até uma fila para ordenar sua utilização. Tudo, aparentemente, corria normalmente quando começou a ficar estranho o fato de um casal de jovens não descer quando o carrossel parava para renovação dos frequentadores. Eram noivos, estavam bem vestidos. Ela, com um vestido longo, branco de algodão, finamente bordado e ele, me parece de mescla azul, tecido muito usado no passado. Guardo esses detalhes porque, sendo minha mãe, madrinha da noiva, ela permitiu que eles trocassem lá em casa, as vestimentas com as quais chegaram da roça.

Além de não descerem do carrossel, a noiva começou a chorar e, apesar dos consolos do noivo, ela continuava desesperada. Havia menstruado enquanto o carrossel rodava. Quando sentiu que o seu vestido branco estava com uma grande mancha vermelha, decidiu não descer do carrossel até que alguma providência fosse tomada para proteger sua vergonha e timidez.

Alguns curiosos começavam a se aglomerar e a cochichar entre si o que contribuía para espalhar a notícia, atrair mais curiosos e aumentar o sofrimento da noiva. Nesse momento, Adauto resolveu a desesperada situação pedindo a minha mãe que emprestasse um lençol no qual a noiva foi enrolada e levada para nossa casa onde minha mãe resolveu todo aquele imbróglio enquanto um balde, um pano, água e sabão resolviam o lado do carrossel. Passaram-se uns três dias em que esse assunto era o mais comentado da Semana Santa. Superou de longe a importância da Semana Santa e a presença do Bispo de Ilhéus.

Infelizmente, de modo geral, o povo guarda consigo uma espécie de sadismo e curiosidade pelo que é ridículo, nefasto ou funesto. Alguns se assemelham a aves de rapina que permanecem ao redor do acontecimento, no intento de satisfazer-se com a desgraça do semelhante. Felizmente, algumas vezes, “a praga de urubu magro não pega em cavalo gordo”.

De volta à surdez de Adauto, apenas um leve detalhe ainda

incomodava seus amigos mais próximos. Segundo Ademir, ele era o único fogueteiro daquelas bandas que não ouvia o estouro de suas bombas e foguetes. Satisfazia-se com o colorido de suas pistolas, chavinhas e vulcões, esmeradamente fabricados. Quando alguém tocava no assunto, ele sempre respondia com o mesmo comentário: Se um dia encontrar quem me ajude nas despesas, vou fazer uma bomba que me permita escutar o seu estouro. Imaginem o tamanho e a potência do pretense artefato.

Ademir, um dos mais interessados na feitura da bomba capaz de ser ouvida por Adauto, fez mais uma de suas mutretas. Comprou uma folha do "Raid das moças", espécie de rifa composta com cem nomes femininos e muito usada para vender algum objeto infusado, sorteou um peru que, aliás, ele não possuía. Como garantir a entrega do prêmio ao sortido se ele nunca criou nenhum bicho, pois nem mesmo um quitazinho ele possuía? Seu plano se resumia no seguinte. Uma vez efetuado o sorteio ele providenciaria o peru, surrupiando de seu Mundinho, um dos muitos perus que ele cuidadosamente criava no quintal da sua loja de tecidos. Como se tratava de uma casa de revenda de tecidos, ninguém tomava conta durante a noite, o que facilitava, em muito a aquisição do precioso prêmio. A possibilidade de seu Mundinho sair com o nome premiado e assim ganhar seu próprio peru era remota e, além de tudo, sem graça. O ideal da "brincadeira" seria alcançado se Ademir que separou um nome para si, fosse ele mesmo o premiado. Ele garantiu que prepararia a dita ave num dia de domingo e convidaria o verdadeiro dono para participar da festa. Não me lembro qual foi o final de tudo isso. Eu era muito pequeno para que fosse aceito como participante dessas coisas de adultos.

Com suficiente dinheiro à sua disposição, Adauto agora podia realizar o seu sonho de fazer uma bomba que ele pudesse ouvir o estouro. Comprou em "A Violeta" todos os ingredientes para fazer uma pólvora especial para bombas: perclorato de potássio, nitrato de potássio (salitre do Chile), carvão em pó e enxofre. Além disso comprou um novelo de madeixa (cordão constituído de fios

de algodão, lã e linho trançados) que, uma vez encerada com cera de abelha, era extremamente forte e resistente e, finalmente, terminou as compras de suas necessidades com meio metro de estopim porque, queimando devagar, dava tempo fugir de perto do artefato explosivo. Tudo comprado e calculado, ele esperou a chegada das festas de fim ano para soltar sua “obra prima”. De fato, entre Natal e o “Ano Bom” ele teve tempo suficiente para manufaturar com o devido cuidado sua bomba de meio quilo de pólvora enrolada, bem apertada, com o cordão de madeixa e munida do estopim como detonador.

Em segredo ele esperou o tempo passar e, à meia noite do dia trinta e um de dezembro, no nascimento do novo ano, ele levou a bomba para o campo de futebol, escolheu a marca do centro do campo e lá a colocou. Em seguida tocou fogo no estopim. Seguro que o mesmo estava bem aceso correu para um dos gols e se “escondeu” deitado no chão, atrás de um dos paus da trave.

A bomba explodiu com tamanha violência que assustou a todos que estavam acordados ou que dormiam, os cachorros latiam apavorados, o estampido derrubou várias garrafas das prateleiras das vendas, inclusive de “A Violeta”, quebrou as vidraças da Igreja, os jegues soltos nas ruas da vila relinchavam adoidadamente.

Depois de passado o susto e a explicação que tudo aquilo era decorrente da esperada bomba do fogueteiro surdo, o delegado de polícia, cabo “Serra Negra” o chamou até a delegacia e acertou que ele deveria pagar os prejuízos causados e consertasse o campo de futebol que ficou com um buraco de quase um metro de fundura e de diâmetro. Poucos cobraram. Muitos, ao contrário se divertiam lembrando o susto e Ademir sentindo-se um pouco responsável pelo acontecido, perguntou a Adauto: E agora, você ouviu o estouro da bomba? Ao que Adauto respondeu: Olhe, seu Ademir. Pra falar a verdade ouvir eu não ouvi. Mas, senti o bafo da dita cuja.

10.5 - *Forró na fazenda de Pedro Serrote*

As décadas de 50 e 60 foram de franco progresso para a vila da Santa Rosa, culminando com sua emancipação política em 1962. Deixou de participar do município de Canavieiras e tornou-se cidade de Pau-brasil. Foi seu primeiro prefeito o cidadão José Veloso Viana conhecido por Zelito Veloso, filho primogênito do Major Jonga, um dos mais ricos e influentes fazendeiros de cacau daquela região. Nesses anos, “A Violeta” alcançou o máximo do seu sortimento em mercadorias. Foi um verdadeiro ponto de referência onde o freguês podia encontrar praticamente tudo que necessitava para o seu consumo cotidiano ou até mesmo artigos sofisticados e importados, indo das bananas de dinamite aos violões, violas e cavaquinhos; dos pinicos com tampa às meadas de linha para bordar; do fifó ao uísque Old Parr; da carne do sol ao chumbo para caçar; dos cigarros yolanda branco, astória e continental aos sabonetes eucalol, vale-quanto-pesa e lifebuoy; dos óculos para longe e perto aos vinhos tintos granja união e vencedor...

Aos sábados, por volta do meio dia, quando a feira começava a diminuir seu fervilhamento e os feirantes já tinham negociado seus produtos, agora com o dinheiro no bolso, procuravam as vendas e armazéns para comprar o suprimento da semana seguinte. Esse era o momento de pico das atividades em “A Violeta”. A certeza de que na venda do seu Simplício os matutos e caboclos encontravam tudo que necessitavam eles preferiam realizar suas compras num único estabelecimento, ganhando tempo e, talvez, um “abatimentozinho que nunca fez mal a ninguém”. A propósito, ele raramente vendia a fiado. Somente poucos privilegiados moradores da vila compravam com suas cadernetas e pagavam suas compras a cada quinzena ou mensalmente. Alguns fazendeiros, a exemplo do major Jonga, de Tito Lima da fazenda “Mundo Novo” e seus amigos, também fazendeiros, João Lavigne, Teódulo Almeida e Gener Pereira, gozavam desse privilégio que eu lembro. Para desencorajar os demais ele mantinha

em exposição, em lugar bem visível, um quadro onde se lia: “Fia-do só amanhã”.

O trabalho de preparação para que tudo estivesse em ordem e, principalmente nada faltasse para um rápido atendimento aos fregueses, todas as quartas-feiras, depois que chegava da venda, terminado o jantar e ouvido o “Repórter Esso”, meu pai reunia a família para fazermos sacos de papel almaço colado, com uma cola à base de amido de farinha de mandioca, fervido em água com algumas gotas de suco de limão para evitar o crescimento de fungos na “goma” recém-preparada. Trabalhávamos até quase as vinte e três horas na feitura de centenas de sacos de meio e de um quilo de capacidade. Na quinta-feira, Henrique e eu, quando estava de férias escolares, transformávamos três sacos de 60 quilos de açúcar em pacotes de meio quilo e seis sacos em pacotes de um quilo. Além disso, já na sexta-feira, “cortávamos” algumas caixas de sabão massa “português” em pacotes de 250g e meio quilo, algumas dezenas de pacotinhos de pimenta preta e cominho, enrolados à mão, e as garrafas de temperada, renovadas com folhas de várias plantas, a exemplo de erva-doce, alfavaca de galinha, capim santo, casca de pau-ferro e catuaba. Tudo preparado, esperávamos pelo dia de sábado com sua feira, uma verdadeira festa.

Lembro-me de um matuto que comprava em versos. Era um excelente repentista. Num desses sábados esperou que a venda estivesse cheia e entrou trovando em voz alta, um desafio feito diretamente ao meu pai. Todos em silêncio, ele disse que apostava vinte mil réis que meu pai não vendia baihna para foice. Ora quem conhece sabe que a foice por ser um instrumento encurvado feito para roçar, não entra numa baihna de couro como se fosse um facão. Mas o desafio estava lançado e os outros fregueses, agora curiosos, torciam pelo desafiante e poucos pelo meu pai.

Sabendo que um dia alguém faria um desafio semelhante ele pediu ao seu “Zé arrieiro” que fizesse uma baihna de foice sem a foice e outra com a foice dentro e as deixou num lugar bem escondido. Somente ele sabia. Esperou a expectativa crescer o suficiente

e quando quase ninguém acreditava que ele iria sair dessa enroscada, apareceu com a bainha de foice sem a foice e com outra foice embainhada. O freguês trovador não acreditava no que via. Meu pai havia ganho a aposta e “A Violeta” aumentou sua fama de venda onde se encontrava praticamente tudo que uma pessoa podia precisar para sua vida de mateiro, vaqueiro ou mesmo morador da vila em meados do século passado. Só não vendia tecido, isso porque fizera um trato com Mundinho da loja “A Popular”, a mais sortida da vila.

Voltando ao matuto trovador, para mostrar que “palavra de homem não volta atrás,” ele pagou os vinte mil reis que devia. Meu pai, por sua vez, contente por ter vencido o desafio, disse ao trovador que poderia levar para sua casa o valor perdido, em mercadorias. Essa atitude foi muito simpática para todos que presenciaram aquele imbróglio, onde todos ganharam e que terminou com um final feliz.

Enquanto permanecia como vila do Município de Canavieiras, Santa Rosa não tinha agência bancária. O dinheiro em espécie de todos os fazendeiros, comerciantes e outros, era escondido debaixo do colchão, dentro de bornais, pé de meias ou, então, para aqueles que negociavam com quantias maiores a solução era o cofre.

Guardavam-se nessa espécie de armário de paredes reforçadas de chumbo e folhas de aço dobradas, fechado por um porta blindada e fechadura de segredo, além do dinheiro, as joias da família e os documentos mais importantes, a exemplo das certidões de nascimento e casamento, além das escrituras de casas e fazendas.

As agências bancárias mais perto de Santa Rosa eram aquelas de Canavieiras ou Itabuna. Essa dificuldade em usar os bancos ou a Caixa Econômica, obrigava aos mais abastados a comprar casas e posses de terreno na vila, roças de cacau ou de gado como uma maneira de empregar o dinheiro e diminuir o risco de ser roubado. Os roubos eram muito menos frequentes que hoje, mas existiam. Os ladrões sabiam que se fossem pegos com a “boca na botija”

levavam uma surra antes de serem presos pelo cabo da polícia Serra Negra. Passavam alguns dias na cadeia, trancafiados numa das celas da cadeia pública sem o mínimo de conforto. Como não tinha juiz nem advogado para participarem dos “direitos dos presos” tudo recaía sobre os ombros do delegado. Ele prendia ou soltava de acordo com o seu conceito de justiça.

Aliás, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada na França com seus 17 artigos em 1789 e adotada em quase todo o mundo menos em Santa Rosa, não era respeitada e o que é pior, nem se sabia da sua existência. Até hoje eu permaneço com a dúvida se o próprio cabo Serra Negra e o soldado Odilon, carcereiro e responsável pelas chaves da cadeia, sabiam ler corretamente.

Entre outros exemplos que mostravam o *modus operandi* daqueles ditos responsáveis pela aplicação da lei e da ordem, nas terras grapiunas do sul da Bahia, cito aquele que acompanhei mais de perto e que se resumiu no que se segue.

Um dos empregados da fazenda Água Branca, situada perto da vila de Santa Rosa, estuprou e matou estrangulada uma criança de mais ou menos cinco anos de idade, filha de outro empregado da citada fazenda. Como houve testemunha que presenciou o ato de selvageria, o dono da fazenda logo que soube do acontecido mandou chamar o cabo Serra Negra e o soldado Odilon para levarem preso o já confesso estuprador e assassino. No entanto, quando chegaram à citada fazenda o indivíduo já havia fugido mata adentro. O delegado voltou para a sede, organizou uma caravana de cidadãos todos armados até os dentes, alguns com seus cachorros de caça e partiram à procura do sujeito. A caçada dourou pouco. Todos cooperaram para a prisão do malvado estuprador. Pegado e acorrentado foi trazido para a cadeia de Santa Rosa. Uma vez preso, o povo começou a se aglomerar na frente da cadeia gritando palavras de ordem e ameaçando, a qualquer momento, invadir a prisão e linchar, sem piedade, o desatinado malfeitor.

Reconhecendo-se incompetente para apaziguar a multidão e diante da iminente invasão da cadeia, o delegado resolveu transferir o criminoso para a cadeia de Camacan e de lá para Canavieiras onde seria julgado e possivelmente condenado.

O cabo Serra Negra destacou o soldado Odilon para escoltá-lo na sua viagem, ainda naquela noite. Sem estrada de rodagem, o soldado foi montado num cavalo emprestado, o fuzil amarrado na sela e a cartucheira vestida por baixo da capa colonial. O preso foi amarrado por uma corda suficiente longa na cabeça da sela. Todos, mais ou menos consolados, viram os dois embrenharem-se na mata, na escuridão da noite.

Não demorou nem duas horas, tempo insuficiente para chegar a Camacan, volta o soldado Odilon dizendo que o criminoso aproveitou-se de um descuido de sua parte e fugiu mata dentro, feito um gato do mato. Foi uma grande decepção para o povo da vila, que queria fazer justiça com as próprias mãos. O delegado sem muita esperança de encontrar o tresloucado bandido organizou pequenos grupos e saíram à procura do “fugitivo” sem sucesso.

Mais ou menos três dias depois um grupo de urubus voava ao redor, denunciando algum animal morto. Desconfiados foram ver qual era o animal que atraía as aves de rapina e lá estava ele o dito cujo estuprador, inerte e já em início de decomposição cadavérica, morto por um tiro de fuzil na nuca, com seus órgãos genitais decepados e enfiados “boca adentro”, bem perto da fazenda Água Branca.

Semanas depois, a verdade foi revelada. O cabo Serra Negra havia combinado com o soldado Odilon os detalhes do acontecido.

Foi assim que se exerceu a justiça, durante muito tempo, naquelas terras dos coronéis do cacau. Até os dias de hoje, em pleno século vinte e um, a região grapiúna continua no rol das mais violentas do Estado da Bahia. Lá a chamada “morte matada” ceifa mais vidas que a “morte morrida”.

Apesar da vida dificultosa, o dinheiro corria com facilidade. As economias eram rapidamente empregadas na compra de bens imóveis como garantia de negócio seguro para transformar nova-

mente em dinheiro no primeiro sinal de aperto. Foi nessa época que meu pai comprou sua primeira “roça” (pequena fazenda) na região da “vadiação”, perto do rio pardo, a menos de uma légua da sede do município. Comprou barato porque o terreno era ruim. No pasto onde ele colocaria algumas cabeças de gado, crescia mais “fetos” (samambaias) que o capim plantado. Mesmo assim, contratou um senhor chamado Antônio Lino e recomendou que ele limpasse e consertasse a casa do capataz, mudasse para lá com sua família, consertasse a cerca e replantasse o capim.

Depois de muito trabalho lutando com o “feto” ele começou a criar alguns animais.

Quis o destino que ele fosse vizinho de um grande fazendeiro, seu Alfredo Santos, mais bruto e rude que burro bravo. Todos daquela região o temiam pelo seu ímpeto violento. Corria um boato que ele virava lobisomem nas noites de lua cheia. Um dia, esse senhor resolveu cortar os arames da cerca recém-construída e colocou parte de sua criação dentro de uma das pastagens da nossa roça.

Seu Antônio Lino descobriu o malfeito e, no sábado, quando veio para Santa Rosa fazer sua feira, contou a meu pai o acontecido. Sem fazer comentários, ele pediu ao capataz que refizesse a cerca e não falasse nada, já sabendo da rudeza do indesejado vizinho. Seu Antônio Lino voltou à roça e consertou a cerca. Quando soube que a dita cuja havia sido consertada, ele voltou até lá e cortou novamente os arames, recolocou seus animais e não se dando por vencido, levou consigo as estacas.

Desta vez seu Antônio Lino não esperou chegar o sábado. Foi imediatamente avisar ao meu pai. Novamente ele pediu para refazer a cerca e mandou um recado, na forma de um bilhete, dizendo ao senhor Alfredo Santos que se ele insistisse em destruir o cercado, iria dar parte ao delegado Serra Negra para que o mesmo tomasse a decisão justa. Isto é: fazer respeitar o direito alheio.

A resposta veio rápida. O senhor Alfredo Santos, em pessoa,

apareceu completamente bêbado num dia de feira, com a venda entupida de fregueses e quase gritando, aproximou-se de meu pai, encostou o cano do seu revolver calibre 38 no pescoço do velho Simplício e o chamou de frouxo e outros desacatos. Meu pai, imóvel, escutava tudo o que ele blasfemava e sem revidar, demonstrando um controle e uma coragem gigantes, pedia para Ademir e Henrique que continuassem atendendo os fregueses como se nada estivesse acontecendo. Eu, que trabalhava no caixa passando os trocos, tremia feito “vara verde” com medo que aquele bêbado enlouquecido atirasse no meu pai. Minha mãe, quando soube do que estava se desenrolando na venda, teve uma crise nervosa com convulsão e perda da consciência como se apagassem uma lâmpada. Só se recuperou do desmaio quase duas horas após.

Durante esse tempo alguém chamou o delegado que levou o tresloucado vizinho para a cadeia pública onde, depois eu soube, “tomou uma dúzia de bolos” para aprender a respeitar as pessoas de bem e somente o soltou na “na boca da noite” do domingo subsequente.

Enquanto meu pai recebia o apoio e o conforto dos amigos que não deixavam de elogiar sua coragem e sangue frio, o senhor Alfredo Santos voltou para sua fazenda e, não demorou muito, faleceu repentinamente segundo disseram, de arrependimento desgostoso.

Meu pai, magoado por ter participado de todo aquele drama pagou as contas do capataz, pediu que refizesse toda a cerca e abandonasse a roça como se ela não tivesse dono.

Em pouco tempo as samambaias tomaram conta de tudo e, para evitar que ela fosse invadida por alguém, mandou buscar na região da caatinga um casal de cascavéis, provavelmente da espécie “cascavel-de-quatroventas” (*Crotalus durissus*) e soltou no pasto. A notícia de que a roça tinha novos guardiões se espalhou rapidamente e funcionou tão bem que até um caminho que passava por dentro da mesma e era usado para encurtar distâncias, foi esquecido.

Provavelmente as serpentes duraram pouco. Elas vivem bem

em lugar seco, com muito sol e vegetação rasteira como na caatinga. O sul da Bahia, de matas muito úmidas e chuvas abundantes e frequentes, deve ter contribuído para o encurtamento da sobrevida do casal. Devem ter durado pouco. Mesmo assim ninguém mais ousou “botar os pés” naquela gleba.

O tempo passou, a roça permaneceu abandonada, até que novamente num sábado, três anos depois, eis que seu Antônio Lino procurou meu pai e propôs comprar a burara, quase esquecida. Como o movimento na venda estava costumeiramente muito agitado ficou acertado que seu Antônio Lino almoçaria conosco no domingo quando, bem mais calmos, fechariam o negócio.

Minha mãe, desejosa de ver meu pai livre daquele estorvo, preparou um almoço especial constituído de feijão com carne dentro (principalmente “cabelo louro”), cortadinho de maxixe com charqueada, galinha de molho pardo, arroz e farinha. Tudo isso para agradar ao seu Antônio Lino e facilitar os entendimentos.

Nosso convidado era um homem rude, porém delicado. Não sabia ler nem escrever, contudo sabia ouvir e comportar-se com educação numa mesa, mesmo não sabendo usar o garfo e a faca. Comia com a mão ou de colher.

Lá em casa a mesa era quadrada. Eu sentava à direita do meu pai e Suely à esquerda. Minha mãe que deveria sentar-se em frente a ele, quase nunca ocupava seu lugar. Preferia fazer as refeições em pé, porque naquela época não tínhamos empregada e era ela que fazia todos os serviços ditos domésticos.

Naquele domingo especial, eu sentei em frente ao meu pai e seu Antônio Lino no meu lugar, junto ao velho Simplício. Suely, portanto, ficou em frente ao convidado. Naqueles tempos, ela usava óculos brancos tipo “gatinho” para correção de forte mioopia.

Servido o almoço seu Antônio preferiu como era esperado, começar pelo feijão. Serviu-se de um pedaço de “cabelo louro” e da farinha. Como notou que todos nós usávamos o garfo e a faca ele deixou a colher de lado, espetou com o seu garfo um pedaço de

“cabelo louro” e tentou cortá-lo. Como não conseguiu por se tratar de um tecido conjuntivo tendinoso elástico, resolveu mordê-lo com os incisivos e esticá-lo com o garfo preso na outra ponta. Justamente nesse bizarro momento, quando todos nos prestávamos atenção ao que poderia acontecer daquela luta com o “cabelo louro”, agora esticado feito um bodoque, meu pai lhe faz uma pergunta. Aconteceu o que temíamos que acontecesse. Ao tentar responder, abriu a boca e o pedaço do “cabelo louro”, com seu feijão e sua farinha, foram arremessados em cheio no rosto de Suely, sentada em frente. Encheu seus óculos brancos de “gatinho” do feijão arremessado da boca de Antônio Lino. Ela, com a cara toda suja, esqueceu os bons modos à mesa e saiu aos vômitos à procura de minha mãe para socorrê-la.

Tentei sorrir, o que seria mais que natural, mas fui imediatamente inibido pelo olhar furioso do meu pai. Seu Antônio, coitado, não comeu mais nada. Enquanto minha mãe cuidava de Suely, meu pai e o seu convidado foram para a sala de visitas e lá acertaram a venda da roça dos “cascavéis de quatro ventas”, como passou a ser conhecida.

Tempo depois ficamos com a sensação que aquele fato inesperado e constrangedor facilitou a rápida venda da citada burara.

O dinheiro da venda da roça das samambaias não demorou muito guardado dentro do cofre. O senhor Pedro Serrote, já bem idoso e querendo mudar-se para Itabuna onde pretendia descansar durante o restante dos seus anos, colocou sua fazenda à venda.

Apesar do seu bonito nome: Fazenda Santa Terezinha, era conhecida como Fazenda de Pedro Serrote. Ficava situada a meia légua da vila de Santa Rosa, cortada pelo “córrego verde”, fora dos limites do posto indígena Caramuru-Paraguaçu e todos os seus problemas. Era maior que a roça das samambaias, portanto podia ostentar o nome de fazenda. Seu solo era rico e muito bom para pastagens. Tinha tudo que meu pai sonhava encontrar, inclusive o preço. O negócio foi rápido. No entanto seu Pedro Serrote pediu um prazo para sair, justificando que estava procurando uma casa

na cidade para moradia e depósito da bagulhada acumulada durante anos.

Sendo ele viúvo e muito festeiro, resolveu fazer um forró de despedida para comemorar sua mudança de vida. Saía de uma vida de trabalho árduo como fazendeiro para outra de merecido ócio. Vale ressaltar que não demorou muito o gozo da nova vida. Achou uma cabrocha ajeitada com a qual se juntou e “quietou o facho”.

Começou a preparar a festa de despedida dois dias antes. Convidou meio mundo. De Santa Rosa foram Ademir, Celso “Boca Rica”, (padeiro), Nilson Almeida (cognominado “Chispa” devido a agilidade do seus gestos), João Binga, (exímio alfaiate), Caçula (ferreiro) e seu saxofone, e outros. Eu lembro que cheguei a pedir ao meu pai para ir também, justificando que iria acompanhando Ademir, meu primo. Além de receber um sonoro não, ainda acrescentou um provérbio na medida justa: “Antes só do que mal acompanhado.”

Para a multidão de convidados e penetras dispostos a forrozearem a noite toda à luz de fifós, ele prometeu matar um boi e deixar um corote (barril pequeno feito de madeira putumuju - *Platymiscium procox* - e capacidade entre 5 e vinte litros) cheio de “água que passarinho não bebe” à disposição dos mais chegados.

Por se tratar de morada da família e de um senhor respeitado por todos e dono de um caráter ilibado, ninguém podia dançar calçado de tamanco ou chinelo e sem usar um paletó, mesmo aqueles visivelmente bem surrados, O chapéu, o guarda-chuva, assim como qualquer tipo de arma deveriam ser colocados numa espécie de chapeleiro ao lado da porta de chegada. Sem nenhum constrangimento ninguém discutiu o cumprimento dessas exigências por acharem-nas muito comuns e naturais.

Ademir contou que, por volta das dez horas da noite de sábado para domingo, chegou para participar da festa o Dunga, um dos mais conhecidos e temidos jagunço de toda a região cacaueira.

Tinha no seu funesto currículo o registro de várias mortes encomendadas. Chegou naquela hora porque passou um tempo observando, do lado de fora da casa, se seu Pedro Serrote havia convidado algum “macaco” (apelido pejorativo usado para nominar os soldados de polícia). Certo que o ambiente estava limpo à exceção do chão da sala onde foram jogadas algumas latas de areia para os sapatos deslizarem mais facilmente durante os movimentos da dança, achou-se seguro e confiante e logo começou a dançar. Quem o conhecia ou sabia de sua fama, o respeitava ao ponto dele dançar sem causar constrangimento com qualquer moça que escolhesse. Ninguém tinha coragem de negar um pedido de dança feito pelo Dunga. Nem mesmo as noivas ou mulheres casadas que estivessem disponíveis, sentadas na sala.

Todos sabiam que os jagunços e a polícia tinham um trato seguido à risca. Eles não apareciam onde a polícia já estivesse e vice-versa. Desse modo, evitavam os confrontos muitas vezes de trágicas consequências.

Beirava meia noite, o forró havia chegado ao máximo da animação, o corote com a pinga já estava abaixo do meio, o sanfoneiro, acompanhado pela zabumba e o triângulo animavam o ambiente mal iluminado pelos pequenos lampiões a querosene colocados nos quatro cantos da sala. De repente, sem serem notados, dois bandidos enviados para matar o jagunço Dunga invadiram a sala da dança, um deles pela porta da frente com um revólver em punho e outro com uma peixeira para completar o serviço. O primeiro aproveitou que Dunga estava virado de costas para ele e atirou à queima roupa, tendo a bala transfixado o pulmão direito e, por milagre, não atingiu sua parceira de dança. Como era muito forte e com quase dois metros de altura, teve forças para correr na direção de sua arma. Antes de alcançá-la, o outro malfeitor cravou-lhe a peixeira na altura do pescoço ferindo-o mortamente.

O alvoroço tomou conta de todos. As duas únicas portas foram insuficientes para a saída de tanta gente. Muitos se jogaram

das janelas e sumiram na escuridão da noite. Os dois bandidos recuperaram suas montarias e fugiram em direção à mata e de lá desapareceram.

Depois que a festa e a confusão acabaram, já clareando o dia, alguns homens ficaram para ajudar seu Pedro Serrote, como testemunhas do acontecido, perante o inquérito policial e o transporte do defunto até a casa de uma de suas “companheiras” na vila de Santa Rosa, onde seria velado e enterrado.

Seu peso, avaliado em quase cento e cinquenta quilos, além se sua altura de mais de dois metros dificultaram, em muito, o seu traslado que foi resolvido de uma maneira muito peculiar e talvez única. Seu Pedro Serrote emprestou uma junta de bois atrelada a uma canga usada para arrastar grandes toras de madeiras, enrolou o cadáver em panos e o amarrou firmemente à canga. Tudo conferido, o Dunga foi arrastado como se fosse um grande tronco até a casa de sua “companheira” que, chorosa se preparava para recebê-lo em sua última viagem.

Quando finalmente ele chegou, já era boca da noite. Logo em seguida todos, de uma ponta à outra das ruas, já sabiam da notícia e se preparavam para a sentinela que se anunciava como uma das mais frequentadas. Muitos curiosos chegavam para conhecê-lo ou para verem de perto o estrago feito pelos seus algozes.

Dado o seu tamanho, juntaram duas mesas e o colocaram em cima, coberto com um lençol branco que resguardava seu rosto, mas deixava seus pés descobertos.

Como esperado, a sentinela foi um acontecimento dos mais comentados. Muitos se sentiram aliviados pela morte de um dos mais perigosos jagunços da região.

Enquanto se providenciava o esquife que coubesse o defunto, a sentinela corria na maior animação. Regada à farofa de carne frita e galinha de molho pardo à disposição, sem esquecer as “temperadas”. Podia-se ouvir ao longe os cânticos tradicionais entoados na encomendação do falecido.

Perto da meia noite e com a sala cheia de espectadores, um

garoto resolveu se distrair pingando a borra de uma das velas na unha do dedão do pé de Dunga. Talvez sua intensão fosse cobri-lo com o líquido quente da vela. Algumas pessoas notaram e acompanharam a diversão do menino. De repente, encandeado pelo tremor da chama da vela, ele gritou apavorado: Mãe, ele buliu o pé!... Em poucos segundos, a sala ficou completamente vazia. Todos trataram de correr com medo do defunto se levantar. Uns corriam porque sabiam do acontecido. Outros, porque acompanhavam a turba fujona.

Eu já não estava na sentinela. Havia passado por lá quando ainda era bem cedo. Contudo, segundo Ademir, até hoje tem gente correndo com medo do Dunga.

10.6 – *O véio Danié*

Mediano fazendeiro de cacau, possuidor de duas boas fazendas que lhe rendiam em torno de umas seis mil arrobas de amêndoas secas, isto somando as duas colheitas anuais, quais sejam: a safra propriamente dita, e o “temporão”. Apesar de rico, sempre morou na fazenda mais próxima da vila de Santa Rosa, na região do rio das “pratas”. Aliás, em verdade esse caudaloso riacho, quase um rio, tinha sua água tão pura e cristalina que foi relacionada com aquele metal precioso.

Todas as pessoas com um pouco mais de recursos usavam para beber, a água das “pratas”. Para outros fins, gastavam aquela do “rio da água preta” bem mais poluída, porém bem mais acessível desde que o rio corria bem perto da “rua de baixo”, praticamente lavando e levando todos os resíduos dos fundos dos quintais. Quando chovia mais forte, o rio virava um grande esgoto a céu aberto o que inviabilizava o uso da sua água para o consumo direto. Contudo, mesmo sabendo disso tudo a maioria da população, talvez por ignorância ou pobreza, “fechava os olhos” para esses detalhes e usavam aquela água ricamente poluída em ovos, larvas, cistos de “gor-

dos e nutridos" parasitos e protozoários patogênicos.

Muita gente, inclusive um dos meus tios, era aguadeiro. Vendia os corotes cheios da água das "pratas" e tinha esse trabalho como uma das fontes de recurso para o sustento de suas famílias.

De volta ao véio Danié. Todas as vezes que ele tinha oportunidade de participar de uma roda de conversas com os amigos, sempre voltava ao mesmo assunto: fazer uma festa como nunca havia feito para comemorar os trinta anos de casado com a mesma esposa e, como sempre repetia, apesar de não ter tido filhos deste casamento, foi muito feliz durante todo esse tempo de "bodas de pérola".

Parece que a infelicidade anda procurando os mais felizes, os mais tranquilos, realizados, para atacá-los sem piedade. Será isso é uma regra da natureza ou uma obra do "acaso"?

Sua esposa, pouco tempo depois, apareceu com tumor mamário e sem os recursos terapêuticos atuais, faleceu rapidamente, deixando seu companheiro amargurado, sozinho, infeliz e revoltado com tudo e todos.

Depois de vários meses sem sair da roça, depurando suas amarguras, apareceu um dia, em Santa Rosa e espalhou a notícia que iria comprar uma casa para morar na vila, pois resolvera viver mais socialmente.

Com a sorte de novo ao seu lado, comprou uma ampla casa situada na praça principal, fez a barba e o bigode que há muito não fazia, comprou na loja de Mundinho metros dos melhores tecidos: tropical, diagonal e casimira ingleses e, por fim, um chapéu ramenzoni 3X. Resolvido a luxar de agora em diante, entregou a João Binga, um dos mais afamados alfaiates da região, os cortes dos tecidos que foram transformados em elegantes ternos.

Colocou administradores nas suas duas roças de cacau e resolveu aproveitar o tempo livre para comprar a valiosa semente dos pequenos produtores e revendê-la às grandes firmas exportadoras, a exemplo de Correa Ribeiro e Wildberger.

Muito esperto e com excelente tino comercial, comprava antecipadamente, a safra daqueles fazendeiros mais necessitados, a

preço relativamente baixo e, quando recebia o cacau que lhe era devido, o vendia ao preço atual, sempre mais alto. Com esse artifício ganhou muito dinheiro e enriqueceu ainda mais. Seu armazém de compra de cacau tornou-se um dos maiores da vila.

Apesar da fortuna que lhe possibilitava possuir o que desejasse, faltava-lhe uma companheira, com quem dividir o próprio sucesso e desventuras. Já cinquentão, beirando os sessenta e coberto por certa timidez, encontrava dificuldade de relacionamento com as poucas moças disponíveis em Santa Rosa. Quando mostravam certo interesse ele, desconfiado, achava que em verdade elas olhavam o seu dinheiro e não para ele próprio.

Aliás, ele tinha duas qualidades sonhadas para um marido pela maioria das eventuais pretendentes. Era rico e velho. Corria de boca em boca que o véio Danié era um verdadeiro “bilhete premiado”.

Consciente de tudo isso, vendo o tempo passar e sem acreditar na conversa das pretendentes, resolveu partir à procura de possíveis candidatas mais distantes e que não soubessem muitos detalhes sobre sua fortuna.

Decidiu partir para o ataque e, sem querer, produziu uma imagem de tamanho surrealismo que foi motivo de conversa por muito tempo entre os santa-rosenses. Chegou a atrair curiosos de outras plagas que vieram conhecer de perto o idealizador de tamanha façanha.

Num ensolarado domingo, por volta das dez horas, quando o sol iluminava a fachada de sua casa de morada e o seu armazém de cacau, ele, com ajuda de amigos colocaram uma grande mesa de madeira no meio da praça, em frente à sua casa e seu armazém. Com muito sacrifício, trouxeram seu cofre e o colocaram ao lado da mesa, forrada com uma toalha de renda branca e com vasos de flores, um em cada extremidade. Encheu todos os espaços livres com pacotes de “dinheiro vivo”, protegidos do vento por pesos de papel.

Mandou chamar Salatiel, o fotógrafo oficial da vila, tirou o

seu chapéu que escondia uma leve calvície e alguns cabelos brancos e o colocou ao lado de um dos jarros de flores.

Ordenou ao fotógrafo que tirasse várias fotografias para escolher dentre todas, a melhor, segundo seus princípios e preferências. Salatiel fez milagres com sua “máquina fotográfica Kodak tipo caixão, carregada com filme Agfa-Gevaert”.

Apesar do véio Danié não ter avisado dos seus planos, só ele sabia, rapidamente a praça estava quase completa de espectadores, naturalmente curiosos com aquela atitude mais que esquisita vinda de um senhor respeitado, como o dito cujo.

Somente depois se soube que ele havia enviado cópias da sua “rica foto” para todos os amigos, espalhados pelo sertão da Bahia até parte do Estado de Sergipe, pedindo o obséquio de mostrá-la às suas amigas que demonstrassem alguma curiosidade. Quem sabe se daí não poderia nascer uma relação séria e duradoura com o “galã fotografado?”.

Espero que vocês acreditem. “Choveram” cartas vindas de todos os confins e de todos os tipos. Umas em envelopes simples. Outras em coloridos. Algumas melosas outras mais duvidosas, como se não estivesse acreditando no que estavam respondendo.

Ele deixava a correspondência acumular durante duas semanas, quando as abria. Lia todas elas com a máxima atenção e, uma vez escolhida aquela que mais lhe tocasse os sentimentos, mandava um portador com todas as despesas pagas até o endereço da remetente. Ademir, meu primo/irmão, era quase sempre o enviado escolhido. Chegado ao seu destino e conhecendo a provável pretendente, ele descrevia com detalhes quem era, verdadeiramente, o “véio Danié”. Esperava um tempo e voltava com a resposta em carta lacrada com breu quente.

Se a reposta correspondesse às suas expectativas, ele mandava buscar a pretendente com a qual passava as próximas duas semanas em verdadeira “conferência” muito mais próxima de uma “lua de mel” do que qualquer outra justificativa.

Velho sabido! Experimentou muitas. Até que um dia, já can-

sado das experiências acertou com uma cabrocha, uns vinte anos mais nova do que ele e marcaram o casamento. Foi uma bonita festa. Infelizmente ele só conseguiu comemorar as “bodas de cerâmica ou vime (nove anos de casados)”.

Morreu ainda feliz, dizem...

10.7 - Dr. Benjamin

As férias do fim do ano de 1958 seriam, provavelmente, as últimas que gozaria sem quase nenhuma preocupação. A partir de 1959, estaria no terceiro ano do Curso Científico e estudando com afinco para enfrentar o Vestibular da Faculdade de Medicina, logo no início de 1960.

Quase um mês antes do Natal, passei um telegrama para meus pais com a seguinte frase, bem resumida para pagar menos: “Mãe, chegarei dia 20 dezembro prepare dois frangos”.

Vou explicar melhor. Geralmente aos domingos ela preparava para o almoço um frango caipira bem assado, recheado com farofa feita com azeitona, o fígado e a moela do próprio. Essa delícia era, quase sempre, acompanhada de feijão de corda, mangalô descascado ou andu, cozidos com “carne do sertão” e linguiça. As sobremesas mais usuais eram a ambrosia ou a cocadinha de chocolate. Era um regalo. No final das contas, quase nada deste lauto almoço era comprado. O frango vinha do quintal. O leite e os legumes vinham da fazenda de gado e, finalmente, o chocolate era trazido da roça de cacau e preparado de modo caseiro.

Durante os meses que passava no internato do Colégio 2 de Julho esse almoço era frequentemente sonhado e mais que tudo, desejado. Agora fica fácil compreender o porquê daquele telegrama, aparentemente esdrúxulo.

Mãe, que não media esforços para satisfazer a mim e à minha irmã, atendeu ao pedido e preparou os dois frangos. Um para ela, meu pai e Suely e o outro para mim e Pluto, um cachorro “policial

alemão", amigo de infância e que, provavelmente, também sonhava com a festa do frango domingueiro. As carnes e a farofa eram minhas. Os ossos eram da responsabilidade de Pluto. No final de tudo isso não sobrava o mínimo pedaço para contar a história. Sem exageros, comíamos molecularmente. Nem uma só nano partícula, daquilo que um dia foi um frango recheado, podia ser encontrada.

Por outro lado, jamais imaginaria que aquelas férias, aparentemente semelhante às anteriores, seriam muito diferentes, cheias de surpresas, algumas tão importantes que chegaram a interferir decisivamente no meu modo de vida adulta, escolhas e decisões profissionais.

Assim que cheguei a Santa Rosa soube que tínhamos a proteção e os cuidados de um competente médico, recém-chegado, filho de Macuco (Buerarema), contudo formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Antes dele, outros passaram à semelhança de cometas, tão rapidamente que não deixaram maiores consequências, provavelmente não tiveram oportunidades para demonstrarem suas competências e habilidades profissionais. A população da vila quase inteiramente analfabeta e, sobretudo, extremamente pobre, cuidava de suas moléstias apelando para as rezadeiras, e o "véio Mané" nos casos menos complicados ou para "doutor Dino", (soldado reformado do Batalhão de Saúde do Exército, técnico em enfermagem que adorava ser chamado de Dr. Dino) ou para as doenças da alma (ditas psicossomáticas) cuidadas com relativo sucesso por D. Idália uma candomblezeira que "tratava" seus clientes com despachos e poções misteriosas.

Além do respeito e do místico invólucro que D. Idália mantinha em torno de si própria, ela era uma grande leitora de revistas em quadrinhos e que, apesar da distância e da dificuldade de transporte, era eficientemente abastecida a partir dos distribuidores de Itabuna e Ilhéus de quase todas as revistas que eram publicadas naqueles anos, em torno de 1958.

Ela guardava com desvelo, coleções inteiras de algumas revistas a exemplo da Família Marvel (O capitão Marvel – Billy Batson e seus amigos, Capitão Marvel Jr. – Fredy Freeman e a Mulher Marvel – Mary Batson) cujo inimigo comum era o famoso cientista “Doutor Silvana” representante do mal e obcecado pela destruição do mundo. Do Fantasma sempre acompanhado do seu cão (Capeto) e do seu cavalo (Herói), defensores das florestas onde habitavam, juntamente com uma tribo de anões e um grande tesouro guardado numa caverna secreta. Sua marca maior era um anel de osso contendo o desenho de uma caveira. Lembro-me também de outros heróis a exemplo do mágico “Mandrake” (acompanhado de sua noiva, a princesa Narda e do seu amigo Lothar), do homem de borracha, do Capitão Cometa (o único a que assisti o aparecimento como super herói e a sua morte), o Super Homem (Clark Kent e sua eterna namorada, hoje esposa Lois Lane), sem esquecer do Batman e seu amigo Robin, das revistas infantis (Pato Donald, Zé Carioca e Mickey) e das fotonovelas, a exemplo da Revista Capricho.

Justamente por causa do intercâmbio das citadas revistas, D. Idália tornou-se minha amiga e tive a oportunidade de vê-la trabalhar com “magia negra” como espetar alfinetes em bonecos, preparar “despachos” com galos pretos e cabeça de bode preto, além de prender em quartos escuros, mulheres que “incorporavam” o caboclo. Sua fama era muito grande e seu terreiro muito frequentado.

Meu pai, sempre atento, chamava-me, de quando em quando para recomendar respeito e educação. Curiosamente o compartimento do terreiro que mais me chamava a atenção, mas nunca tive a coragem de me aproximar ou mesmo perguntar algo a respeito, era uma espécie de casinha de um só cômodo, sempre fechada com dois cadeados, onde D. Idália mantinha “preso” exu (orixá da comunicação e do comportamento, guardião das casas e do poder das forças sobrenaturais e que foi sincretizado, erroneamente, como o diabo da religião Cristã).

Voltando ao Dr. Benjamin, até hoje não sei qual foi a estraté-

gia que ele utilizou para conviver em paz e conseguir trabalhar como médico, respeitado e de sucesso, naquele ambiente de extrema rudez e rico em pregoeiros do obscurantismo que caracterizavam Santa Rosa no final da década de 1950.

Quando o conheci, rapidamente descobri que se tratava de uma brilhante inteligência sempre acompanhada de aguçada perspicácia. Era casado com uma senhora de fino trato, muito educada e que sabia receber as visitas de cortesia das famílias da sociedade santa-rosense cheias de curiosidade, com deliciosos tira-gostos e beberetes.

Apesar de tudo, Dr. Benjamin tinha um grave defeito. Não falava três palavras sem acrescentar um sonoro palavrão que várias vezes pegava de surpresa seus clientes ou assustava com quem estivesse conversando. Muitos se queixavam do susto que levaram. Outros tentavam disfarçar a ignomínia, afastando-se numa demonstração de vergonha e timidez.

Ele parecia não entender o aperto e o desconforto que causava aos outros e continuava seu estranho modo de viver. Claro que logo foi apelidado de “Dr. Boca-suja” ou “Dr. Boca-rota. Hoje, este seu comportamento pode ser diagnosticado como uma leve coprolalia que psiquiatricamente consiste num impulso mórbido que leva o indivíduo a proferir obscenidades.

Recém-chegado para as férias e ainda sem conhecê-lo o suficiente, fui surpreendido com um apelido que, no início, me deixou desconcertado. Quando ele soube que eu estava me preparando para fazer o vestibular de Medicina dentro de pouco tempo, não titubeou. A partir dali me chamava, não importa onde ou com quem estivesse, de “merda de doutor e futuro doutor de merda”. Era assim meu amigo Dr. Benjamin.

O lado curioso de tudo isso e que demonstrava sua inteligência e perspicácia foi que, vários anos depois, já formado e tendo feito pós-graduação na França e nos Estados Unidos voltei para Salvador onde trabalhei como sócio de um Laboratório de Patologia Clínica. Lá fazia entre outros exames os coprológicos, parasitológicos e

protozooscópicos de fezes. Donde se deduz que sua profecia se realizara integralmente. Enquanto estudante, eu era “merda de doutor” depois de formado progredi para “doutor de merda”.

Em termos de competência, Dr. Benjamin era um ás da medicina. Apesar de ter se especializado em otorrino-laringologia como residente da própria Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, fazia de parto normal às cirurgias mais complicadas, usando o mínimo de recurso e um instrumental cirúrgico para lá de exótico.

Como Santa Rosa não tinha energia elétrica a esterilização do material utilizado nas intervenções era feita em panelas cheias de água fervendo, ao lado das outras onde era preparada a comida cotidiana de sua família. Ele tinha esposa e duas filhas. Atendia a tudo e a todos num pequeno quarto que isolou da própria casa para ser seu gabinete de trabalho. Lembro-me que o mobiliário constava de uma pequena mesa com duas cadeiras um armário de portas de vidro onde se via alguns instrumentos, caixas de medicamentos e uma cama daquelas usadas em hospitais. À noite os procedimentos eram feitos à luz de um candeeiro “Aladim” ou, quando se precisava de mais luz num determinado foco, com uma lanterna a pilhas de 1,5 volt.

Sinto vontade de mostrar ao prezado leitor quem foi realmente aquela pessoa que tanto me impressionou por sua competência profissional, muitas vezes misturada à audácia, ao destemor e à vontade de não perder o paciente. Essas forças juntas o capacitavam a resolver os mais complicados casos cirúrgicos que chegassem até ele para uma possível solução.

Sei que os próximos relatos a seguir parecem muito mais produtos ou criações imaginadas e modificadas pelo tempo, numa mente já envelhecida. Contudo, trata-se de fatos que realmente aconteceram e mais ainda eu estava presente e até participei daqueles insólitos momentos. Espero que acreditem...

Seu Leôncio, amigo do meu pai e fazendeiro de cacau lá pras bandas do “Mundo Novo” desentendeu-se com um dos seus vizi-

nhos de fazenda que jurou matá-lo. A desavença deve ter sido muito séria, porque pouco tempo depois o fato se consumou de maneira inesperada e catastrófica. Se seu Leôncio tivesse acreditado na jura do vizinho talvez a história fosse outra.

Seu desafeto, cheio de ódio e disposto a tudo, armou uma tocaia, escondendo-se munido de um facão "corneta" de vinte polegadas, embaixo do teto de zinco que cobria a cancela na entrada da fazenda do seu inimigo. Permaneceu naquela posição de ataque, quase imóvel, esperando o exato momento que sua vítima abrisse a cancela e passasse em baixo, ao alcance do afiado facão.

Sua intenção era de uma só cutelada, decepar a cabeça do seu desditoso vizinho. Ele sabia que a vítima passaria, a qualquer momento pela cancela, de volta da viagem que fizera à Santa Rosa naquele dia.

Contudo, algo aconteceu de extraordinário nos seus afazeres na vila que ele só pode voltar depois do por do sol, já à noite. O escuro começou a tomar conta do ambiente e a fatalidade tomou as rédeas dos acontecimentos.

Fazendo o mesmo percurso outro senhor, inocente morador de Santa Rosa, viajava montado em seu animal a uma distância de menos de um quilômetro na frente da esperada vítima. Sua aproximação apesar da escuridão foi notada pelo tocaieiro que se preparou para o ataque de surpresa. Assim que o azarado chegou ao alcance do facão ele desferiu o golpe fatal. Por pura sorte, o golpeado defendeu-se no reflexo, cobrindo a cabeça com o braço esquerdo. Contudo, a força da agressão foi tanta que cortou quase todos os ossos da mão esquerda deixando-a pendurada por um pedaço da pele ao antebraço, levou consigo a orelha inteira do lado esquerdo da face e parou quebrando a clavícula do mesmo lado. Para completar o animal se assustou e o derrubou da cela. Seu algoz se aproximou para certificar-se da desgraça feita e constatou que a vítima não era o seu desafeto e sim um pacato morador da vila de Santa Rosa que estava na estrada errada, no lugar errado e no momento errado.

Consciente do que fez, entrou pela mata adentro esquecendo o seu facão ao lado da vítima desmaiada e perdendo muito sangue, principalmente da mão decepada. Quase todos os ossos do carpo foram cortados assim como todos os tendões flexores e extensores dos dedos.

Momentos depois aquela que seria a vítima marcada para morrer chegou à dita cancela. Tomando ciência do acontecido compreendeu que se não tentasse estancar a contínua hemorragia tudo estaria perdido para o moribundo desmaiado no chão. Alguém havia lhe dito certa feita, que “bosta de boi” seca e esmigalhada até virar um fino pó era um excelente estancador de sangue. Bosta de boi e de outros animais é o que não falta nas imediações de uma cancela. A parada obrigatória que os animais fazem enquanto a cancela é aberta, é motivo para alguns deles defecarem. Seu Leôncio, imediatamente, encheu a mão ferida junto com a porção da mesma que permaneceu ligada aos dois ossos do antebraço (rádio e cúbito hoje, modernamente conhecido com ulna), com o pó de bosta seca e, mais que depressa, foi buscar socorro em sua fazenda.

Para complicar mais um pouco a situação, misturaram açúcar em cristais com pó de café juntos com o “pó de bosta” que essa altura já fazia uma espécie de lama em toda a superfície cortada e exposta.

Arranjaram uma rede e com duas varas cortadas nas vizinhanças fizeram uma espécie de padiola, botaram o quase defunto dentro e levaram-no para os competentes cuidados do Dr. Benjamin na vila de Santa Rosa. Chegaram à casa do médico beirando a meia noite. Bateram à porta de sua residência e o acordaram. Quando ele tomou ciência da complicação do caso, da hora que chegaram e do trabalho que lhe aguardava, xingou a tudo e a todos. Após ter esgotado seu repertório de palavrões, pediu que fossem me chamar para que pudesse ajudá-lo já que era “merda de doutor”, cursando o primeiro ano de Medicina e com parco conhecimento da anatomia e fisiologia da mão.

O mensageiro que veio me buscar disse que levasse algumas

giletes novas e dois tipos de verrumas (broca de aço manual que serve para abrir orifícios em madeiras), uma bem fina e outra mais grossa que depois de fervidas, juntas aos outros “instrumentos cirúrgicos”, serviriam para perfurar os ossos e, assim poder amarrá-los na reconstituição da mão decepada.

Munido do que fora pedido cheguei à sua casa, repleta de curiosos, em torno de uma hora da manhã. Logo que ele me viu ordenou que colocasse as verrumas e as giletes na panela que fervia os outros instrumentos. Em seguida providenciasse a limpeza das áreas feridas, retirando o possível e o impossível de toda aquela “porcaria” colocada com a finalidade de estancar a hemorragia e, logo após, lavasse com água e sabão, cuidadosamente (hoje eu acredito que os pequenos grãos do “pó da bosta” de vaca, os minúsculos cristais do açúcar e aqueles do pó de café, contribuíram para a agregação plaquetária e o tamponamento das lesões). A água e o sabão neutro ainda são desinfetantes muito eficazes e recomendados.

Depois de livrar-se dos curiosos, mandando-os para suas casas, voltou-se para o paciente e tomou conta da situação. Pediu-me para instalar um soro glicosado no braço contralateral e começamos as aplicações dos anestésicos locais, os únicos disponíveis. Anestesia geral não existia e muito menos anestesista. Éramos nós, guiados pelo Divino, a chance de vida para aquele infeliz paciente.

Enquanto eu furava com a verruma os lugares e os ossos indicados pelo destemido e competente doutor, ele ia recompondo o carpo amarrando os pedaços dos ossos correspondentes, entre si. No momento de unir a parte distal com a proximal de cada um dos ligamentos extensores ele “pescava” de dentro do antebraço com a pinça as duas partes e costurava uma na outra.

Notando que ele fazia isso aleatoriamente, sem se preocupar com o fato de ter unido o coto de um ligamento extensor de um determinado dedo com aquele de outro dedo eu perguntei: Se tudo der certo e o paciente se recuperar e quiser mexer o dedo indicador

da mão operada, qual dedo vai responder com o movimento solicitado? Sem dar muita importância à minha pergunta e sem olhar para mim, respondeu-me com segurança: meninos muito pequenos movem os dedos sem saber quais são eles. Depois quando crescem, aprendem ao que eles correspondem. Nosso paciente também aprenderá com a necessidade do uso. Calado estava e calado continuei diante de sua sabedoria.

Após ter unido os ligamentos flexores, recompôs como pode as plásticas da mão, da orelha e da região clavicular, colocou duas talas de madeira fervidas, uma de cada lado fixando a mão no antebraço, pediu que eu aplicasse quatro frascos de “benzetacil” de 1.200.000 U, nos músculos de cada coxa para evitar virar o paciente e em seguida foi providenciar vários homens que transportaram o paciente, ainda em estado comatoso, para uma pequena pensão onde foi praticamente depositado, numa cama de colchão de capim, sem o mínimo conforto e cuidado encontrados nas UTI atuais. Comia da mesma comida servida aos hóspedes sadios sem nenhum controle de eletrólitos apenas tinha alguém para alimentá-lo diretamente na boca enquanto se recuperava.

Cheguei em casa um pouco antes das sete horas, extremamente cansado, contudo transbordando de alegria e sentimento do dever cumprido. Imagino que o Dr. Luiz e eu fizemos a mesma oração pedindo para que o paciente se recuperasse. Coitado, ele não merecia tanto sofrimento...

Passei a visitá-lo frequentemente, atendendo as recomendações do Dr. Benjamin. Cada dia que ia vê-lo ele mostrava novos sinais de melhora. Com pouco mais de uma semana já sentia certo “formigamento” na mão operada e já se notava uma leve pulsação indicativos de neovascularização. O enxerto caminhava para a possível recuperação.

No entanto, tudo indicava que o nosso paciente tinha algum parentesco com a desdita. Parecia que ela o acompanhava ou mesmo o perseguia. Alguém sugeriu que ele colocasse uma ferradura de cavalo usada, atrás da porta, para protegê-lo da má sorte. Pare-

cia, contudo, que ele estava marcado para o sofrimento. Ninguém poderia imaginar o que estaria para acontecer com nosso azarado paciente. Inacreditável...

Sua cama havia sido colocada junto a uma das paredes do quarto, de tal maneira que sua mão operada ficava protegida entre seu corpo e a parede.

Diz a sabedoria popular: "O pão do pobre sempre cai com a manteiga (quando tem) virada para baixo", caracterizando a falta de sorte de alguns, Pois bem. Nesses termos, nosso paciente poderia ser classificado como um verdadeiro campeão do azar.

Determinada noite, enquanto dormia, sonhou que estava sendo atacado na emboscada e novamente tentou defender-se com o mesmo reflexo, Levantou bruscamente a mão operada e, violentamente bateu-a contra a parede desfazendo de um só golpe todo o progresso e o trabalho que havíamos feito. Dr. Benjamin foi chamado e sua decisão diante do que viu foi tão drástica quanto ao novo acidente. Enquanto o paciente urrava de dor ele sentenciou: Desta vez só nos resta a amputação imediata. De novo mandou acordar-me para vir auxiliá-lo e, desta vez trouxesse uma serra tico-tico.

Mais que depressa troquei de roupa, abri a venda "A Violeta", peguei a serra pedida, mesmo sem saber qual seria seu uso e andei a passos largos até sua residência. Era em torno das três horas da manhã. Assim que cheguei, antes mesmo de começar a higiene das mãos, ele me chamou e disse: Veja a desgraceira. Não temos saída vamos amputá-lo. Nesse momento entendi o porquê da serra tico-tico. Pediu-me que o anestesiasse da mesma forma que fizemos antes e começou a operação de amputação com cuidado e atenção extremos. Em determinado momento ele pediu-me a serra e serrou sem dificuldade o rádio, um dos ossos do antebraço. Olhou para mim e perguntou se eu gostaria de serrar o cúbito. Aceitei a oferta e serrei o referido osso deixando transparecer que estava tranquilo. Em verdade eu tremia dentro das calças, contudo tinha tanto respeito e medo que o Dr. Benjamin me chamasse de covarde

e outros xingamentos que venci minha ignorância e procedi como se tivesse experiência prévia em amputações.

Terminamos tudo por volta das sete horas da manhã. Cansado, fui dormir novamente em paz.

Sabendo que quase matou um inocente no lugar do seu vizinho inimigo, o criminoso entregou-se à polícia foi preso e, além disso, obrigado a pagar todas as despesas decorrentes do seu ato treloucado.

Três anos depois fui passar uns dias de férias em Pau-brasil, (em 1962 com o advento de sua emancipação, a vila de Santa Rosa passou a ser a cidade de Pau-brasil), quando minha mãe me disse que aquele senhor operado pelo Dr. Benjamin e eu, sempre passava lá em casa para mostrar sua gratidão. Procurei saber onde ele morava e fui até sua casa fazer-lhe uma visita. Enquanto o esperava sentado na sala notei que numa de suas paredes havia um nicho com uma imagem de Santo Antônio, ladeada por dois retratos, o meu e o do Dr. Benjamin, permanentemente iluminados por uma lamparina de óleo de rícino. Fiquei muito emocionado quando ele chegou me abraçou e pediu, com lágrima nos olhos, que Santo Antônio nos protegesse e nos desse vidas longas.

Dr. Benjamin morou em Pau-brasil quase uma década como único médico. Era tão dedicado profissionalmente que dispensava aos pacientes a mesma atenção e desvelo, independente de receber ou não o pagamento pelo seu atendimento. Tudo isso contribuiu para que ele fosse tratado com o devido respeito e carinho por todos, independente da sua possível coprolalia, algumas vezes embaraçosa.

Descobriu com o passar do tempo que, cada vez ele atendia mais pacientes e ganhava cada vez menos. O pessoal sabia que ele vivia para a medicina e, portanto, muitos dos seus pacientes eram "ossos" (designação para pacientes que não pagam pelos serviços recebidos) que lhe presenteavam com cachos de bananas, frangos ou perus (algumas vezes vivos) e caças moqueadas (dentre outros exemplos). Sentindo que a relação médico-paciente estava ficando

cada vez mais difícil de ser resolvida financeiramente, resolveu deixar a cidade de Pau-brasil e mudar-se para Porto Seguro onde construiu nova vida, novos amigos-pacientes, novas soluções para os problemas médicos e nova felicidade com sua profissão. Deixou-nos a saudade...

Sinto que não devo terminar os breves comentários sobre a personalidade do Dr. Benjamin sem narrar, pelo menos, duas situações de aperto por ele provocadas, dentre as muitas que presenciei.

Quase todos os dias, bem cedo, os necessitados começavam a chegar, aglomerando-se na porta da frente de sua casa perturbando, muitas vezes, o despertar e o café da manhã da sua família. Com o consultório cheio, pacientes gemendo esperando sua vez, meninos chorando e ele sabendo que a maioria, senão todos que esperavam por um alívio dos seus males não tinham dinheiro nem mesmo para comprar o remédio receitado, muito menos de pagarem a consulta. Essa realidade ia minando o seu humor e, apesar de sua vontade de servir e enorme altruísmo, de quando em quando ele explodia em pequenas erupções de palavrões, entendidas por uns e reprovadas por outros.

Uma dessas pessoas, provavelmente achando que a doença de sua filha pequena era mais importante que a de todos os outros que esperavam ser atendidos, entrou bruscamente na sua sala de consulta com sua filha no colo e, antes mesmo de dar bom-dia foi anunciando que a menina estava com um dor-d'olhos (conjuntivite também conhecida como sapiranga) tão forte que ela acordou e não conseguiu abrir os olhos. Dr. Benjamin, "pacientemente" perguntou à mãe da garotinha: com que a senhora está lavando os olhos dela? A vizinha recomendou que eu passasse leite de peito e é o que estou fazendo, mas não vi resultado, descreveu. Essa resposta o fez explodir. Diante de todos e sem nenhum acanhamento respondeu com uma pergunta: Por que a senhora não experimenta o uso de sebo de xereca? A infeliz caiu em prantos e saiu decepcionada. Porém, antes que ela se afastasse, ele pegou uma amostra de colírio com cloranfenicol e recomendou o tratamento adequado.

Numa outra oportunidade eu presenciei outro episódio curioso e que terminou em risos e xingamentos. Era uma manhã de sábado quando Dr. Benjamin resolveu comprar a melhor farinha da feira. Coincidentemente eu também procurava farinha de tapioca com a qual minha mãe fazia um excelente bolo de banana da terra cozida e batida com a tapioca, um pouco de açúcar e o leite de um coco ralado. Depois de preparado era coberto com o bagaço do coco e servido em fatias no café da manhã.

Como nós dois não sabíamos onde encontrar as farinhas desejadas, pedimos ajuda a uma feirante que nos recomendou a barraca do senhor Juvêncio Farinha-Boa. Por sorte, o marido e a mulher estavam juntos vendendo suas preciosas mercadorias. De longe, o Dr. Benjamin notou que D. Joana do Beiju, esposa do Sr. Juvêncio estava sentada e, para facilitar a venda de sua farinha de tapioca, colocou entre as pernas, conveniente protegidas, o saco da tapioca. Imediatamente sua mente inteligente e coprolálica despertou e ele me avisou: Sua farinha de tapioca já vai temperada com cheiro da xereca da vendedora. Achei engraçada tanta agilidade mental, mas o preveni de que o marido dela tinha fama de valente e que não acostumava levar desaforos para casa. Ele calou-se e nos aproximamos dos vendedores.

D. Joana do Beiju nos viu e antes do costumeiro “bom-dia” anunciou: Foi Deus que mandou dois doutores de uma vez à minha barraca. E dirigindo-se hierarquicamente ao Dr. Benjamin perguntou: “Minha neta está, há três dias, com um jato de sangue (disenteria abundante e sanguinolenta) muito forte. Está quase virando os “ôis” de fraqueza, não tá comendo nada. Tudo que engole vomita. Será que o senhor poderia me ajudar? Tô vendo a hora de perder minha netinha”. Dr. Benjamin ouviu a descrição do quadro clínico e achou, por bem, sugerir à avó que trouxesse a garotinha, na segunda feira ao seu consultório para examiná-la, fazer um exame protozooscópico e, quem sabe, detectar infecções por ameba (*Entamoeba histolítica*) ou giárdia (*Giardia lamblia*), muito comuns, contudo difíceis de serem tratadas, naquela época.

Dona Joana concordou, contudo perguntou: Será que posso dar um chazinho de “jasmim do campo” pra ver se ela melhora, pelo menos um pouquinho, até segunda-feira? Dr. Benjamin que não sabia o que realmente significava “jasmim do campo” recomendou que fizesse um chá fraquinho para ajudar na reidratação da garotinha.

Fizemos nossas compras e voltamos para nossas respectivas residências para mais um sábado de feira.

Segunda-feira como era esperada, chega a menina deitada numa rede amarrada em uma vara e já sem forças até para gemer. Seu aspecto era de quem já havia morrido. Branca como uma vela, os olhos entreabertos e a pele extremamente desidratada. Quando Dr. Benjamin tomou consciência da gravidade do quadro perguntou aos avós: O que vocês fizeram para piorar tanto a doença da sua neta? Quase em uníssono eles responderam: Depois que nós demos a ela o chá de “jasmim do campo” que o senhor receitou ela piorou até chegar a esse estado.

Enquanto instalava um soro glicosado na pequena paciente ele soube, por outras pessoas, que “jasmim do campo” era bosta de cachorro e ele havia concordado com a feitura daquele exótico e perigoso chá, ainda mais quando dado a uma menina já disentérica.

Vocês não imaginam a que ponto chegou a irritação do Dr. Benjamin. Quase que às tapas e proferindo os mais pesados improperios expulsou os avós da criança para longe de sua casa e depois, mais calmo, voltou a cuidar da sua infeliz paciente.

Certo dia, não sei quando, alguém me disse que, infelizmente, o Dr. Benjamin faleceu, após infarto fulminante, durante uma de suas viagens. Tenho a impressão que não sofreu muito nesse seu passamento. Aliás, nada mais justo diante da bondade do seu relacionamento e dedicação aos seus pacientes.

Considerando o grande e insondável mistério do que se passa após a morte, ponho meu dileto e respeitado amigo junto daqueles que habitam o paraíso. Talvez o seu maior pecado tenha sido a não diagnosticada coprolalia, de longe ultrapassada pela grande

pureza de sua alma.

Antes, porém, sua mudança para Porto Seguro deixou uma enorme lacuna no atendimento da saúde da cidade de Pau-brasil. O povo já havia se acostumado aos seus caprichos e, em realidade, todos confiavam na sua competência e o tinham como um “paisão” sempre disposto a atender quem precisasse, acompanhado ou não dos costumeiros palavrões.

Depois de algum tempo quando voltava a crescer, sem controle, as práticas obscuras da magia negra, do curandeirismo e outras tais, chegou à cidade o Dr. Diogo, jovem médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a mesma competência e segurança que o Dr. Benjamin e, para o alívio de alguns, muito mais tolerante e paciente com quem o procurava. Conquistou a todos com seu fino trato. Meu pai e minha mãe se tornaram seus grandes amigos e chegaram a batizar um dos seus filhos resultado do seu casamento com uma das senhoritas da cidade.

Numa das minhas idas a Pau-brasil já como estudante de medicina (segundo ou terceiro ano, não tenho certeza), fui surpreendido com um chamado para atender a um parto complicado, numa roça afastada da cidade onde a gestante sofria a três dias, cuidada por duas parteiras e já sem forças para a expulsão do feto. Sentindo a gravidade embutida naquele chamado, disse ao senhor que veio me chamar que ainda estudava medicina, portanto era impedido legalmente de intervir e que, antes de tudo, a cidade tinha um médico muito competente e caridoso o qual, com certeza, não iria negar o atendimento à sua esposa.

De nada adiantou tantas explicações ele insistia na minha ida. Tanto acreditava que havia trazido um animal selado para minha viagem. Diante da irredutibilidade, da insistência e do risco de morte para o binômio mãe/filho, disse-lhe que só poderia ajudá-lo se ele permitisse que eu chamasse Dr. Diogo para me acompanhar naquela desditosa aventura.

Ele concordou e esclareceu que, em verdade ele não tinha dinheiro para pagar ao médico e que por isso mesmo estava me cha-

mando. Procurei Dr. Diogo, contei o acontecido e sem titubear ele aceitou ajudar aquela parturiente que sofria suas últimas chances de vida. Pegou os instrumentos que achou necessários para aquela urgência e me convidou para ajuda-lo naquela difícil empreitada. Com as coisas postas na ordem hierárquica, eu atuando como seu ajudante, começamos imediatamente a viagem já que o tempo urgia.

Um pequeno detalhe me chamou a atenção. Agora, com a presença do Dr. Diogo o senhor cedeu sua montaria ao médico e seguiu à nossa frente, na mesma marcha que os animais, até sua fazenda. Estava tão preocupado com a situação que não viu passar o tempo da viagem.

Enfim chegamos à sede de sua roça. Uma casinha de taipa, sem reboco externo, situada no meio de um terreiro compondo um quadro de pobreza extrema. Descemos da montaria, saudamos algumas pessoas que estavam nos esperando, entre elas uma parteira que se prontificou a nos ajudar. Ao entrarmos na choupana, uma primeira grande surpresa. A parturiente estava amarrada com cordas ao redor do tronco e do abdome a um dos esteios da casa deixando seus pés uns trinta centímetros isolados do chão. Segundo a parteira presente, esse isolamento do solo facilitava a expulsão do feto. Enquanto a parturiente era desamarrada e colocada na única cama de vara onde dormiam, pedimos uma bacia com água para lavarmos as mãos e os instrumentos desde que esta era a única maneira de fazermos alguma assepsia. Não possuíam bacia e nos trouxeram uma gamela que servia para lavar os pratos e a roupa da casa. O sabão era substituído por frutos de saboeiro (árvore da família das sapindáceas – *Sapindus saponária*) cuja casca é rica em saponinas e que espumam intensamente em contato com a água.

Enquanto Dr. Diogo, ajudado pela parteira, colocavam a paciente numa posição mais favorável para iniciar as manobras de um parto por fórceps, eu notei que “saía” do ânus da paciente que nesse momento nem mais gemia, estava praticamente pré-comatosa, algo de cor escura e de aspecto duro. Perguntei se eram fezes.

Dr. Diogo deu-me uma pinça e pediu que eu retirasse aquela coisa estranha enquanto ele tentava passar o fórceps.

Para minha enorme surpresa puxei para fora da mulher uns trinta centímetros de fumo de corda colocado ali, por uma das parteiras, como estimulador da contração uterina e facilitador do parto. De nada adiantou para a infeliz sofredora. O feto já sem vida foi finalmente retirado. Sua pele tinha o aspecto macerado e já azulada. Nesse momento foi sentido por todos nós, uma fetidez que caracterizava a presença da morte naquele lúgubre ambiente. Dr. Diogo agiu rápido com a aplicação de uma enorme carga de antibióticos e uma curetagem improvisada. Instalou um soro glicosado misturado com buscopam e recomendou ao marido que transportasse a quase defunta até seu consultório em Pau-brasil onde possivelmente iria fazer uma histerectomia. Se ainda desse tempo. Graças a Deus a mulher foi salva.

Quando voltávamos da roça mais aliviados e ainda exalando aquele cheiro de decomposição, Dr. Diogo me perguntou se quando eu terminasse o Curso de Medicina viria para o interior exercer a profissão? Respondi que pretendia assim que formasse fazer uma especialização no exterior que me levasse ao ensino e à pesquisa na Bioquímica Médica. Calado, ele me olhou e com certa inveja deixou transparecer que esse era um dos seus sonhos.

Dr. Diogo teve muito sucesso em Pau-brasil, todos o respeitavam, conseguiu fazer “um bom pé de meia” que lhe possibilitou, transferindo-se para Camacan, comprar uma fazenda de cacau que mais tarde, já aposentado, o ajudou a mudar-se para Salvador onde fez vários cursos de especialização em geriatria clínica e hoje cuida dos idosos (seus contemporâneos) em seu concorrido consultório.

Décimo primeiro fuxico **Tio João Caboronga**

Pensei em por termo a essas desajeitadas crônicas relembrando do tio João Caboronga.

Ele fecharia com “chave de ouro” esse conjunto de fuxicos emendados uns aos outros constituindo um bom pedaço do que seria o pano completo. Contudo, no cesto ao lado, ainda restam muitos fuxicos que contam historietas passadas numa época mais recente, mas não menos interessante.

Talvez, separarei entre os restantes aqueles que tratam de fatos e circunstâncias relacionados com “minhas namoradinhas”, e minha família e os colocarei em dois cestos menores. Aqueles ligados às minhas namoradinhas juntos com os referentes à minha família pretendo, se Deus permitir, costurar um novo pano de fuxico mais tarde.

Sinto que, mesmo assim, ainda vão sobrar muitos fuxicos que contam histórias relacionadas à minha vida adulta como estudante de medicina, médico, professor universitário, durante pouco mais de meio século e, finalmente como pai de família de cinco lindos filhos, produtos de dois casamentos com duas sublimes e encantadoras companheiras. Quiçá, os deixarei guardados juntos a outras reminiscências e que servirão para a feitura de outro pano de fuxico ou então, quem sabe, os guardarei até que o tempo nos transporte pelo desconhecido caminho que leva ao destino de todos e de tudo.

Agora, na era digital onde a globalização dos costumes e das regras de convivência funcionam em tempo real, nada mais pode-

rá ser escondido do conhecimento de toda a humanidade. Onde quer que estejamos, somos pressionados a adotar maneiras de viver nunca pensadas, comprimindo todos nós em torno de uma média de comportamento com desvios padrões cada vez menores. Disso decorre que as relações familiares dentre outras, têm sofrido grandes e assustadoras mudanças. Não faz muito tempo se dizia que numa família típica a mãe era a maior responsável pela educação doméstica dos filhos enquanto o pai servia de exemplo na formação do caráter dos mesmos.

Hoje, tudo isso mudou. As mães tornaram-se muito mais permissivas e os pais cada vez mais afastados do lar, ausentes e, muitos deles, envolvidos com atitudes reprováveis que não servirão de exemplo de vida para seus filhos menores. A família em si, ontem considerada a célula mais importante da sociedade, hoje atacada por todos os lados pelos maus exemplos, caminha a passos largos para o desaparecimento.

No futuro vai ser mito difícil cerzir um pano de fuxico...

Vamos ao João Caboronga. Nasceu em 1917, em pleno verão, na micro região de caatinga seca e vizinha à vila de Morro das Flores, a poucos quilômetros da cidade de Rui Barbosa. Imediatamente iniciou sua luta ferrenha pela sobrevivência. Com poucos dias de vida, sua mãe D. Ana Rufina, minha avó paterna, morreu de infecção puerperal. Criado pelos irmãos mais velhos, principalmente tia Ana, sobreviveu alimentado com leite de cabra e, eventualmente de vaca. Desde novinho teve de acostumar-se com os mingaus de farinha de mandioca, de milho, de batata doce ou de inhame. Muito provavelmente tirava de frutas batidas, o suplemento de vitaminas e minerais, a exemplo da vitamina C e do ferro que o leite materno, pouco aporta.

A espécie humana (*Homo sapiens sapiens*), praticamente, não excreta no seu leite a vitamina C. Ela é um dos clássicos exemplos de mamífero que, juntamente com a cobaia (*Cavia porcellus*) e os morcegos frutívoros, não sintetizam esta preciosa vitamina.

Perdemos, portanto, com a evolução do ser humano essa e

outras capacidades metabólicas. O “esquecimento” dessa biossíntese, muito provavelmente deveu-se ao tipo de dieta rotineiramente utilizada por nossos ancestrais, composta de frutas, raízes, tubérculos e outros órgãos dos vegetais, sempre ricos em vitamina C. Para que investir energia na sua biossíntese se seu aporte já estava garantido na dieta cotidiana? O leite humano é, por outro lado, pobre em alguns aminoácidos essenciais e ferro, além de outros oligoelementos que são suplementados pelos caldinhos e sopinhas, desse logo adicionados á dieta.

Talvez valha à pena esclarecer um pouco mais este assunto, isto é: prender este fuxico com um pouco mais de linha.

Apesar de vivermos o início do século vinte e um, nos países subdesenvolvidos (todos da América Latina), se estimula, ao máximo, o aleitamento materno como sendo a única opção para o desenvolvimento normal do recém-nascido.

Em realidade, o leite materno é de extrema importância, mormente nas duas primeiras semanas de vida do bebê e o seu uso deve ser instigado, através de campanhas governamentais, pois, caso contrário, muitas mães, ignorantes no assunto, substituem o seu leite por engrossantes feitos com farinha de mandioca ou de arroz, cozidos com água e açúcar. Essa conduta é muito perigosa para o desenvolvimento, principalmente do sistema nervoso do recém-nato que é seriamente envolvido.

Nos casos mais acentuados a criança cresce como um oligofrênico social, com diminuição da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo. Sua fraca integração com o meio onde vive pode contribuir, socialmente, para o estabelecimento de perigoso círculo vicioso.

Talvez, sem querer ser repetitivo, o papel da mulher na sociedade atual mudou enormemente. No passado, não tão distante, as mães quase sempre, se dedicavam inteiramente aos afazeres domésticos e à criação da prole. Hoje, depois de uma verdadeira revolução silenciosa, conquistaram, meritoriamente, todas as posições ocupadas pelo sexo masculino. Muitas delas ocupam car-

gos que dificultam, ou mesmo impedem a amamentação aos seios e partem para o aleitamento dos recém-nascidos utilizando leite ou misturas lácteas de várias origens. A indústria do leite e seus derivados, atenta para os grandes lucros aí embutidos, desenvolveram “leites” adicionados de ferro, vitaminas A, D e C, ácidos graxos ômega 3 e outros ingredientes que tornaram o leite materno quase que inteiramente substituível, apesar de suas qualidades biológicas.

As transformações sociais da humanidade atropelaram e modificaram os hábitos biológicos...

E João Caboronga? cresceu na pobreza e na simplicidade extremas. Casou-se, relativamente cedo com Nezinha e tiveram nove filhos dos quais a terceira, Maria, faleceu aos dois anos. Sem condições de criar os oito restantes (Luiz, Têca, Beth, Roque, Aninha, Neném, Zéu e João), com o mínimo de conforto e esperança, ele e Nezinha começaram a acalentar a ideia de migrar para outras terras mais ricas e mais fáceis de trabalhar e criar sua prole, segundo ele próprio, sua única riqueza. Tudo, no entanto, era apenas um sonho distante. De real mesmo, tinham que viver de sua única fonte de renda, vinda de parques rendimentos semanais, quando era chamado para trabalhar nas fazendas dos outros, prestando um serviço exemplar e impecável, esperando ser reconhecido e, por isso, ser sempre chamado quando surgisse nova oportunidade.

Certo dia em conversas sobre seu pai, Aninha resumiu de modo majestoso e cheio de detalhes, aquilo que eu descrevi acima.

“Vida dura, sofrida. Nem sempre colhia o que plantava para o sustento da família, a seca não permitia. Água faltava, o sol ardia, a fome batia e João insistia... E o tempo passava... Filhos crescendo... Escola distante da área rural e sem perspectivas de dias melhores, João foi se inquietando e como sertanejo corajoso, começou a pensar na busca de uma solução que amenizasse aquela situação”.

Nesse ínterim, meu pai soube do sofrimento do seu irmão e destacou Ademir para ir ao seu encontro e convidá-lo a mudar de vida, como fizera tio Garcia alguns anos antes. Com as passagens pagas e uma pequena ajuda de custo tio João e Ademir chegaram

em Santa Rosa onde foram acolhidos pelos dois irmãos. Por coincidência eu passava as férias de São João e fui destacado por meu pai como o acompanhante de tio João nas visitas às nossas fazendas de gado e cacau. Os meses de junho e julho eram mais chuvosos que os demais. Tio João estava encantado. Nunca vira tanta chuva, tanta água, rios e córregos cheios.

Duas coisas deixaram o tio João encabulado: a fertilidade da terra e a fartura de alimentos. De quando em vez nós o pegávamos chorando, lembrando-se do seu norte castigado pela seca e do sofrimento da sua família.

Numa das visitas à fazenda de cacau ele afastou algumas folhas caídas no chão úmido da roça, descobriu o solo enegrecido pelo húmus e a matéria orgânica em decomposição, pegou um pouco e cheirou. Olhou para mim e sentenciou. Se uma pessoa descalça permanecer quieto, certo tempo, sobre essa terra ela criará facilmente raízes a partir dos seus dedos. Essa era uma de suas metáforas preferidas para descrever a fertilidade da terra do cacau.

Passava horas olhando a mata atlântica ao seu redor. Admirava as árvores, bem diferentes daqueles arbustos quase sem folhas, retorcidos e raquíticos da sua caatinga empobrecida pela dureza do clima, sempre seco. Divertia-se comparando as árvores mais imponentes com as posições sociais dos homens. Quando descobria um jequitibá (*Cariniana estrellensis*) de tronco alto e linheiro dizia que estava diante de um médico ou um grande advogado. O ipê-roxo (pau-d'arco-roxo, *Tabebuia heptaphylla*), e a maçaranduba (*Manilkara subsericia*) poderiam ser comparados com desembargadores ou engenheiros. Árvores jovens, pequenas e cheias de galhos eram ainda estudantes. Passávamos horas brincando com o pensamento.

Numa das inspeções da roça de cacau nos deparamos com uma copaibeira (*Copaifera langsdorfii*) árvore que poderia ser um belo exemplo de uma juíza de direito. Alta, uns trinta metros, tronco grosso e linheiro capaz de sombrear uma grande área, protegendo os cacaueiros da luz direta do sol. Tio João estava embevecido com a beleza da árvore e quando lhe disse que seu tronco era oco e

cheio de um óleo espesso, viscoso, de cheiro agradável e muito usado como remédio na cura de machucaduras, luxações, artrites e artroses, ele quase não acreditou. Sentamos nas raízes e disse-lhe que, uma vez por ano, podia-se colher seu óleo, perfurando o tronco com um trado apropriado, tudo isso a uma altura de dois metros do solo para não matar a árvore. Em realidade o óleo é sua seiva acumulada para sua constante alimentação. Após a colheita de óleo que pode chegar a 20 litros facilmente, a depender do tamanho e da idade do exemplar, o orifício é firmemente tapado com uma rolha bem justa, feita com um pedaço da própria árvore. Os caboclos respeitam as copaibeiras porque usam o óleo de copaíba para inúmeras manifestações dolorosas, dos músculos, da pele, além de suas propriedades parasiticidas e cicatrizantes.

Hoje, a indústria farmacêutica e de cosméticos compram grandes quantidades do óleo de copaíba para serem transformados em pomadas, cremes e linimentos. Compreende-se porque a copaibeira é uma árvore no caminho da extinção. Tio João ouviu tudo calado, preocupado e maravilhado com a “mãe natureza”.

Voltamos a Santa Rosa para o almoço e a prestação de contas de tudo o que foi visto, principalmente das novidades. Essa era a hora que meu pai mais gostava. Ria das descrições e interpretações feitas por João Caboronga que sempre comparava seu norte seco impiedoso e onde faltava tudo, com o sul, chuvoso, bondoso, onde nada faltava.

Sua família não tinha notícias. Naqueles tempos uma simples carta podia demorar, sem exageros, dois a três meses para ser lida pelo destinatário. As grandes cidades possuíam agência dos Correios, porém as cartas trafegavam por ônibus, levadas por tropeiros ou por portadores, pessoas que aceitavam levar as correspondências de uma cidade para a outra. Geralmente eram entregues ao delegado que fazia a distribuição.

Uma vez eu passei um telegrama, em meados de novembro avisando quando chegaria de férias no mês de dezembro próximo e, eu mesmo, recebi o citado telegrama, entre natal e ano novo. Já

estava de férias a quase duas semanas...

Tio João teria de apressar sua decisão de buscar ou não sua família lá no norte. Cada dia que passava a saudade apertava, assim como a certeza de que a reserva que deixou já estaria quase no fim.

Fizemos mais uma ou duas visitas nas roças e ele tomou a decisão de há muito esperada. Contudo, um fato que nós presenciávamos na roça de cacau, foi a gota d'água que estava precisando completar todas as suas certezas. Bem perto da gente havia uma revoada de pássaros de várias espécies, todos cantando ao mesmo tempo como se estivessem numa festa. Haviam descoberto um cacho de bananas maduras e todos se fartavam, acompanhados por alguns saguis assustados pela nossa presença. Ao ver aquele espetáculo tio João sentou-se nas proximidades e silenciosamente começou a chorar e, com a voz entrecortada me disse: Lá no norte a fome é tanta que se um passarinho descobrir um cacho de bananas maduras, o que já é uma raridade, ele come sozinho e de bico calado para não despertar a atenção dos outros e ter que dividir o achado. Aqui, ao contrário eles chamam todos os companheiros, até os micos, para a festa.

Não demorou uma semana e ele voltou ao Morro das Flores, reuniu a família, alguns amigos inclusive tio Firmo, um irmão pouco mais velho que morava perto, contou sua aventura passada na terra onde chovia todos os dias, vendeu tudo que possuía e mudou-se "com mala e cuia" para Santa Rosa.

Depois de muito desconforto e sofrimento, com toda a família, inclusive a sogra, viajando de "pau-de-arara", chegaram cansados mas foram acolhidos pelos irmãos Garcia e Simplício.

Rapidamente, João ficou conhecido pela sua capacidade de trabalho e responsabilidade. Com uma tropa inicial, formada por quatro jumentos, acordava na madrugada e transportava até as barracas e os açougues, os quartos de carne de boi, desde o mata-douro, situado distante. Em seguida trocava as cangalhas por corotes e ia até o "córrego das pratas" para abastecer de água lim-

pa as famílias que podiam dispor de melhor conforto.

Sua tropa de jumentos cresceu e praticamente monopolizou o sistema de transporte da vila. Transportava tudo desde grandes empreitadas, a exemplo de mudanças até a distribuição de pequenos pacotes não somente entre os moradores da vila como entre aqueles das vilas mais próximas, numa espécie de “SEDEX” rudimentar, porém eficiente.

Apenas a vida começou a sorrir para ele e sua família, pediu ao meu pai que reservasse um cantinho no cofre da venda para que ele guardasse ali, o pouco que sobrava das despesas cotidianas de uma grande família. Vale lembrar que naqueles tempos não existiam Bancos nem Caixa Econômica nos arraiais ou vilarejos. A poupança era praticamente escondida em gavetas, debaixo do colchão ou cofres. Economizar era a única maneira de realizar seu sonho maior de educar seus filhos para que não tivessem a vida dificultosa que ele e sua valorosa Nezinha amargaram desde cedo.

Comprou algumas bezerras na mão do irmão Simplicio e as deixou em regime de “meia” para engorda e reprodução, lá mesmo na fazenda de meu pai. Rapidamente com a ajuda de Ademir aprendeu todos os segredos e artimanhas de um bom vaqueiro ao ponto de salvar uma de suas vacas da morte certa, fazendo uma intervenção com as próprias mãos, retirando um bezerro natimorto das entranhas do animal já sem forças de contração.

Outra façanha que o tornou ainda mais conhecido e respeitado aconteceu logo depois do período junino. Era costume entre os mais abastados fazerem uma disputa, quase uma pequena guerra, explodindo “bombas de bater” nas paredes das casas. Ganhava a disputa quem detonasse mais bombas.

Numa dessas “guerras” uma das bombas não explodiu. No outro dia, um jumento se distraía comendo os pedaços de papel e cordão das bombas estouradas. Sem ter a mínima noção do perigo que corria o infeliz animal mastigou uma das bombas que não explodira no dia anterior. Graças a Deus não era das maiores, mas, mesmo assim fez um estrago enorme na boca do jumento arran-

cando-lhe vários dentes e deixando-lhe ferimentos na língua e bochechas. Felizmente tio João estava perto e vendo todo o acontecido correu até a “A Violeta”, pegou uma agulha grande de coser sacos, um novelo de linha número 40, a mais grossa, um punhado de sal grosso, meia garrafa de vinagre e foi cuidar do infeliz jumento que urrava de dor e perdia muito sangue.

Depois de imobilizá-lo amarrando-o numa árvore, estancou a hemorragia com a mistura do vinagre, sal e do suco do limão e, cuidadosamente costurou as lesões maiores. A partir desse dia alimentou o jumento com uma mistura de frutas diversas, folhas macias, açúcar e água, pilados num pilão até ficarem com aspecto de um mingau que colocado num litro de plástico derramava goela abaixo. Ele fazia isto, religiosamente, duas vezes ao dia. Depois de duas semanas o animal já conseguia mastigar com as gengivas e o que restou em sua boca, frutas maduras e macias como bananas, mamão e tomates, por exemplo, “*Quando Deus tira os dentes, enlargueça a goela*”.

Depois de completamente curado das lesões e alimentando-se de ervas, frutas e folhas macias chegou a ganhar peso e numa atitude mais que louvável, o antigo dono do animal o ofereceu a João que ficou muito feliz e recompensado.

O mais bonito e comovente de tudo isso foi a amizade desenvolvida pelo jegue para com tio João seu “veterinário”. Mais fiel que um cão, o jumento acompanhava tio João para onde ele fosse. Se ia fazer uma visita a um amigo o jumento ficava esperando –o na porta da casa qualquer que fosse o tempo. Isso chamava a atenção de todos e era citado como exemplo de reconhecimento e lealdade por muitos.

Com a metade dos filhos criados, os outros encaminhados, todos estudando, tio João, mesmo assim não desacelerou. Continuou trabalhando com a justificativa de que ao chegar o tempo de aposentar-se ia adquirir uma casa na praia e, ai sim, dedicar-se ao que mais gostava, além da família o artesanato, onde demonstrava muita habilidade e sensibilidade.

Voltando no tempo, todos viam os três irmãos, tio Garcia, meu pai e tio João como homens fortes, saudáveis e cuja diversão maior era o trabalho. Tio João foi o único que realizou seus sonhos, digamos integralmente. Tio Garcia faleceu cego aos oitenta e poucos anos com retinite pigmentosa, a mesma doença que acometeu tio Davi, pai de Ademir. Meu pai, fumante inveterado, desenvolveu uma grave pneumonia em seus pulmões enfisematosos e faleceu em 1983, aos setenta anos.

A administração das duas fazendas e outros bens passaram para cuidados de minha mãe que as desempenhou com eficiência e dedicação. De vez em quando, diante de uma decisão maior, fora da rotina, ela pedia opinião ao tio João que sempre sugeria a solução mais acertada. Tio João nos dava garantia e segurança. Contudo sem seus irmãos, filhos criados e morando em Itabuna, resolveu mudar-se de Pau-brasil e assumir a vida de aposentado, junto aos filhos. No entanto, antes de mudar-se e considerando que minha irmã e eu não tínhamos muito tempo para assumir todas as responsabilidades, pois a maioria delas necessitava nossa presença em tempo integral, indicou uma espécie de capataz de aparência inteligente, jovem e disposto a morar na fazenda de cacau, com sua família, onde foram detectados alguns furtos de cacau. Aceitamos a sugestão de tio João e “Leo princípio sem fim” começou seu trabalho. Este sugestivo apelido foi posto por minha mãe que notou um pequeno defeito de sua personalidade que não chegava a perturbar seu trabalho como um todo. Ele jamais, ou melhor, quase nunca terminava o trabalho que estava fazendo. Perto do fim, mudava para outro e depois para outro, por isso ganhou a alcunha de “Leo princípio sem fim”.

Fui assistir a apresentação da roça e seus problemas, feita por tio João, ao novo gerente. Neste dia chovia muito e os regatos, secos durante o verão, haviam se transformado em riachos ou mesmo ribeirões cheios de pequenos peixes. De onde vieram esses peixes, será que subiram rio acima? Perguntei aos dois mateiros. “Leo princípio sem fim” se antecipou e respondeu com ares de muita

segurança: Nos dias de chuva forte, como hoje, é costume chover peixes. Sem acreditar no que ouvira perguntei ao tio João o que ele achava da resposta do “Leo princípio sem fim”. Em cima da bucha ele emendou? Chove sim. Algumas vezes chove até piabas “criadas”.

Desconsertado e curioso fui obrigado a mudar de assunto porque “Leo princípio sem fim” adiantou que o seu pai presenciou, num dia de forte temporal, chover peixes no terreiro da casa dele, acrescentando. Meu pai nunca mentiu. Conversa encerrada, porém guardada na memória para possível esclarecimento posterior.

Muitos anos depois tive a oportunidade de conhecer um biólogo que fez doutorado em piscicultura no Japão e era o responsável pela saúde e nutrição dos peixes do lago de Itaipu, portanto autoridade no assunto. Lembrei-me da “chuva de peixes” do “Leo princípio sem fim” e, diante de sua notoriedade, fiz a dita pergunta. A resposta foi a mesma. Chove sim. Mas como isso é possível? Indaguei. Calmamente ele começou a descrever a tão esperada resposta. Alguns pássaros ao beberem água no riacho pisam em gravetos para melhor alcançarem o fluxo da água. Ao fazerem isso pisam sobre ovos de peixe envolvidos em uma substância gelatinosa e ali depositados. Alguns desses ovos grudam nas patas dos pássaros e, eventualmente quando eles vão beber água, num gravatá (designação comum dado a várias espécies de plantas epífitas e terrestres da família das *bromeliáceas*), transferem para a água armazenada na citada bromélia os ovos transportados. Os pequenos peixes ali se desenvolvem alimentando-se de pequenos insetos, larvas e da microbiota. Quando, por ventura acontece um temporal, seguido de fortes ventos, o volume da água cresce mais que a capacidade de armazenamento no gavatá e alguns peixes caem. Diante desse fenómeno os matutos afirmam que durante as fortes chuvas pode chover peixes.

“Leo princípio sem fim” foi um dos empregados da roça de cacau que mais nos ajudou com sua sagacidade e inteligência. Era um gozador nato. Adorava pregar peças nos amigos. Por essa ra-

zão ele e Ademir não se davam bem. Sempre se estranhavam quando um deles tentava levar o outro na conversa. Até eu, seu patrão, caí feito um pato em uma das suas brincadeiras.

Numa das visitas que fazia a cada dois meses às fazendas, era um sábado, quando ele me convidou para almoçar uma jaguatirica (gato-do-mato ou *Leopardus pardalis*) que havia matado na noite anterior e que sua esposa estava preparando-a ao seu jeito. Sempre gostei dessas novidades e imediatamente aceitei experimentar a desejada iguaria.

Meio dia em ponto ele veio me buscar para o almoço. Na abertura da cancela já se sentia o cheiro da jaguatirica. Sua esposa forrou a mesa com uma toalha branca, impecavelmente engomada e trouxe para abrir o apetite, uma “temperada” (infusão de cachaça com folhas aromáticas e mel de abelha). Enquanto esperávamos seu amigo, vizinho de roça e também convidado, tomamos uma boa dose do aperitivo. Não demorou muito ele chegou elogiando o cheiro da comida que já estava posta na mesa à nossa espera. Sem demora, na qualidade de convidado especial, comecei com duas conchas de feijão temperado, colocadas sobre a farinha fina e crocante num prato, com boa dose de molho “lambão”. Depois de bem misturado, coloquei o caldo e pedaços da jaguatirica. Tudo estava de primeira qualidade. Depois do almoço tomamos um cafezinho recém-coado e procuramos um canto bem ventilado, na sombra de um abacateiro no terreiro da casa para uma pequena e providencial sesta.

Já quase embalado pelo sono pós-prandial fui interrompido por “Leo princípio sem fim” nos chamando para vermos o couro da jaguatirica esticado e secando ao sol. Para minha surpresa o vizinho convidado perguntou com estranheza: Leo, este é o meu gato? É sim, respondeu. Você não dava comida e ele vinha passar o dia conosco onde era bem alimentado e quando já estava bem cevado, resolvemos fazer a festa de hoje. Se você quiser pode ficar com o couro do bichano. Como não houve aborrecimentos e sorrisos e comentários sobre como pode ser gostoso um gato bem pre-

parado, tudo terminou bem e voltamos para completar a digestão em casa.

Contei o acontecido a minha mãe que sorrindo comentou. Se você tivesse preferido almoçar comigo, não teria comido gato doméstico (*Felis silvestris catus*).

“Leo princípio sem fim” permaneceu como gerente da fazenda até depois do falecimento de minha mãe quando pediu as contas e foi morar no Estado de Espírito Santo onde teria mais chances de progresso.

Pois é, meus amigos.

Espero que essas reminiscências tenham contribuído para alguns momentos de descontração e, quem sabe, de riso.

Sorrir desencadeia reações que nos leva à felicidade e ajuda na produção, pelo sistema nervoso central, de endorfinas, peptídeos neuromediadores que induzem o prazer.

Portanto se a leitura dessas atravessadas crônicas lhes deu prazer, acredite-me que elas cumpriram as metas para que foram escritas.

Bahia, após 43 anos de magistério. É Diretor Científico da BIODIAGNÓSTICA Ind. Com. Ltda, Contagem, Minas Gerais. Tem experiência na área de Bioquímica, com ênfase em Enzimologia, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos físico-bioquímicos do compartimento lisossômico e lisossomotropismo, metabolismo mitocondrial e bioquímica dos processos inflamatórios. É autor de cinco livros nas áreas da bioquímica e da enzimologia e é Membro das Academias de Medicina da Bahia, Baiana de Educação e de Ciências de New York.

Todos nós, enquanto vivemos, costuramos uma colcha de retalhos cerzindo, a cada momento, pedacinhos de panos de diferentes formas, texturas e cores e que no final, cada qual costurou um “pano de fuxico” que levará consigo para a eternidade. As lembranças ficam naqueles que participaram dos diferentes momentos, trocando pedacinhos de panos. O tempo, senhor de tudo, vai esmaecendo cada uma dessas lembranças e, no final tudo se acaba ou se transforma em outras colchas de retalhos...

